



PPCIR

Selo Estudos
de Religião

Rodrigo Portella

DO ALTAR DE
DEUS AO ALTAR
DOS POBRES
A TOCA DE ASSIS



Rodrigo Portella

Selo Estudos de
Religião

DO ALTAR DE DEUS AO ALTAR DOS POBRES

A TOCA DE ASSIS

1ª edição
Juiz de Fora/MG
2023



@Editora UFJF, 2023

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem
autorização expressa da editora.

O conteúdo desta obra, além de autorizações relacionadas à permissão de uso
de imagens ou textos de outro(s) autor(es) são de inteira responsabilidade do(s)
autor(es) e/ou organizador(es)



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE JUIZ DE FORA**

**Reitor
Marcus Vinicius David**

**Vice-Reitoria
Girlene Alves da Silva**

**Equipe Editorial do
Selo Estudos de Religião**

André Sidnei Musskopf
(Coordenação)
Edson Fernando de Almeida
Arnaldo Érico Huff Júnior
Humberto Araujo Quaglio de Souza
Claudia Aparecida Santos Oliveira

**Projeto Gráfico, Editoração e Capa
Paolo Malorgio Studio**

Portella, Rodrigo
Do altar de Deus ao altar dos pobres : a Toca de Assis / Rodrigo
Portella. – Juiz de Fora, MG : Editora UFJF / Selo Estudos de
Religião, 2023.
Dados eletrônicos (1 arquivo: 1,94 mb)

ISBN: 978-65-89512-67-7

1. Toca de Assis. 2. Igreja Católica. 3. Pobreza.
4. Espiritualidade. 5. Modernidade. I. Título.

CDU 272/273

Editora UFJF

Rua Benjamin Constant, 790
Centro - Juiz de Fora - MG - CEP 36015-400
Fone/FAX: (32)3229-7646 / (32)3229-7645
editora@ufjf.edu.br / distribuicao.editora@ufjf.edu.br
www.ufjf.br/editora

Filiada à ABEU



Conselho Editorial

Selo Estudos de Religião

Frederico Pieper Pires

Universidade Federal de Juiz de Fora

Sônia Regina Corrêa Lages

Universidade Federal de Juiz de Fora

Rolando Pérez-Vela

Pontificia Universidad Católica del Perú

Marilu Rojas Salazar

Universidad Iberomaricana do México

Dilaine Soares Sampaio

Universidade Federal da Paraíba

Cláudio de Oliveira Ribeiro

Brasil

Vitor Chaves de Souza

Universidade Federal da Paraíba

Edla Eggert

Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Donizete Aparecido Rodrigues

CRIA-Universidade Nova de Lisboa

PARECER E REVISÃO POR PARES

A obra foi submetida à avaliação pelo Conselho Editorial do Selo Estudos de Religião, avaliada por pares e aprovada para publicação

Para Helena, com amor.

AGRADECIMENTOS

O título da presente obra faz referência ao título de produto fonográfico veiculado em CD pela Toca de Assis, através da Canção Nova Gravadora. Agradecemos a Canção Nova/Fundação João Paulo II pela gentileza da autorização de uso do título.

Expresso também minha gratidão a Dom Joel Portella Amado, anjo em momento certo, em tempos incertos. E, não por último, minha gratidão aos toqueiros e toqueiras que me abriram as suas casas e os seus corações.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I - TOCA DE ASSIS: SURGE UMA UTOPIA	13
1.1 Visão Sinóptica	13
1.2 Um pouco de história	15
1.3 Da raiz à copa: a Toca de Assis cresce e aparece	17
1.4 Visitando a Toca de Assis: um pouco do dia a dia	20
1.5 Retrato 3x4	25
CAPÍTULO II - IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA: A QUE FOI, A QUE É E A QUE DEVERIA SER	27
2.1 Do Corinthians à Igreja: fiel	28
2.2 Ser católico	31
2.3 Os estranhamentos da Toca de Assis	39
CAPÍTULO III - POBREZA, PROVIDÊNCIA E PASTORAL: A VIDA VIRTUOSA DO TOQUEIRO	46
3.1 Sofrimento e heroísmo: o poder às avessas	47
3.2 Entre a racionalidade e a providência	55
3.3 Um viver livre	59
3.4 Os pobres são os professores: a Toca de Assis e os estudos formais	60
3.5 Acolhendo a Jesus nas ruas	65
3.6 Significados de uma ação radical	81
3.7 Ação social e catequese	84
CONCLUSÃO	87
REFERÊNCIAS	90
SOBRE O AUTOR	98

INTRODUÇÃO

Há alguma coisa de que se possa dizer: Vê, isto é novo? Já foi nos séculos que foram antes de nós.
Eclesiastes, Cap. 1, v. 10.

E entretanto...
Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve porque estas palavras são fiéis e verdadeiras.
Apocalipse, Cap. 21, v. 5.

Assim é a Toca de Assis, como
...um pai de família que tira do seu depósito coisas novas e coisas velhas.
Mateus, Cap. 13, v. 52.

A partir da década de 1990 do século XX a Igreja Católica, no Brasil e no mundo, vem adquirindo configurações e tendências que contrastam, de certa forma, com a abertura eclesial e teológica advindas do Concílio Vaticano II e com a predominância da Teologia da Libertação que marcou a Igreja latino-americana nas duas décadas anteriores. As novas tendências e configurações católicas têm se caracterizado por um acento no exclusivismo (em termos eclesiais e teológicos); por recuperação de *ethos* e formas litúrgicas e teológicas pré-conciliares, e pelo surgimento de uma nova sensibilidade religiosa representada pelo Movimento de Renovação Carismática Católica (RCC, adiante), assim como pelos grupos inspirados ou surgidos a partir deste movimento.

Assim, a Igreja Católica tem experimentado uma mudança de rumos que aponta para um *ethos* religioso identificado com sensibilidades eclesiais e teológicas anteriores ao Concílio Vaticano II, ao mesmo tempo em que este *ethos* é retraduzido por novas linguagens, expressões e sensibilidades religiosas. A evidenciar tal tendência estão os novos movimentos eclesiais católicos, gestando, em seu interior, uma nova

identidade e novas formas de ser católico, conjugadas e articuladas com antigas formas de catolicismo.¹ Um destes grupos é a Toca de Assis.

Um novo (e antigo?) fenômeno surge no seio da Igreja Católica: a atração por modelos de vida identificados com um *ethos* cuja referência tem sido um passado idealizado, de rigidez moral e doutrinária, em meio a jovens que vivem em uma sociedade cada vez mais plural, liberal, relativizante e fragmentária. Talvez Bauman (2003, p. 24) esteja correto ao dizer que “há boas razões para conceber o curso da história como pendular”. O passado idealizado surge como resposta a um presente que não aponta com clareza para um futuro. E vemos, assim, o porvir do passado, ainda que sob formas novas de entendê-lo, experimentá-lo e significá-lo. É este porvir que queremos entender na pesquisa aqui proposta.

A intenção do presente livro é a de tentar abrir algumas janelas que iluminem as novas sensibilidades religiosas católicas, particularmente aquelas forjadas entre os jovens e de corte mais tradicional, através de olhares sobre a Toca de Assis. Minha intenção, nesta análise, é realizar uma abordagem qualitativa, isto é, que busque as formas de expressão do sentimento religioso, por um viés compreensivo (GOMES, 2002, p. 22). É preciso que fique claro que nossa visão privilegia o contexto em que surge a experiência religiosa da Toca de Assis (a sociedade e Igreja Católica contemporâneas e suas relações com os jovens e com as sensibilidades religiosas), em conexão com as respostas dadas pelas pessoas – no caso os toqueiros – a este contexto (ALBUQUERQUE, 2003, p. 65). Estou ciente, porém, de que antes de tentar fazer a interpretação de um determinado grupo/movimento, é preciso compreender a lógica interna da organização e das pessoas a ela aderentes. No dizer de Pye (2001, p. 27), “entender um dado sistema religioso em seus próprios termos”. Este é o caminho inicial de uma abordagem que se quer, antes de tudo, compreensiva, sem, no entanto, deixar de ser explicativa.

1 Na presente obra, para referir-me a tal *ethos* “antigo”, “tradicional”, colado e referenciado às formas litúrgicas pré-conciliares ou mais solenes, assim como para apontar percepções e adesões teológicas e doutrinárias mais exclusivistas, uso o termo *tradição*. Tal conceito aparecerá, portanto, em muitas oportunidades no decorrer do livro. Porém, é necessário deixar claro que, ao lançar mão do conceito tradição, não o estou usando, preferencialmente, na acepção teológica católica do termo, que o identifica com o corpo de ensinamentos, costumes e práticas históricas da Igreja Católica a regulamentar questões de fé (SCHWIKART, 2001, p. 112 ; MANZANARES, 2005, p. 422). Algures o uso do termo poderá remeter ao sentido clássico acima anotado. Porém, quero mais evidenciar, com o termo tradição, algo próximo ao conceito memória e “linha crente”, de Hervieu-Léger (2005, 2003). Ou seja, aponto, com a palavra tradição, para certa mobilização em torno da memória religiosa e sua (re) afirmação, a luta por transmiti-la e fazê-la presente, como um todo imutável. Ou, como resume Camurça (2003, p. 251), “o processo de conservação e reprodução desta ‘linha’ por meio da memória religiosa que garante a permanência da religião (...) cujo ponto de origem é o passado sempre perenizado” Assim, tradição, na presente obra, remete ao cultivo de uma memória- idéias, crenças e práticas- que se quer apresentar como atemporal, normativa, verdadeira e autorizada, única e legítima. Memória que procura se ancorar em um idealismo buscado em sensibilidades religiosas mais antigas na Igreja, em um retorno às origens, à tradição julgada traída ou deformada (CAMURÇA, 2003, p. 253).

Se Montero (1999, p. 347) destaca a polaridade entre a antropologia durkheimiana- que enfatiza a preservação cultural- e a sociologia weberiana- que valoriza os processos, quero destacar que, conforme observei a Toca de Assis, os dois elementos acima referidos se encontram e se inter cruzam dialeticamente nela. Haveria, na Toca de Assis, elementos de internalização/escolha, re-significação e criação constantes, e, também e ligado a isto, certo tipo de preservação cultural como ideal e meta na representação da organização. Contempla-se, a partir deste postulado, uma resistência, um enquistamento contra a “modernização” interna da Igreja e externa, da sociedade, considerada como degradante, mas, tal resistência seria, ela mesma, produzida de uma forma moderna, por intermédio de sensibilidades (pós) modernas de invocar e re-estabelecer a tradição, a preservação.

É necessária, contudo, uma advertência. Conforme assevera Pierucci (1992, p. 155), em sua discussão sobre o uso de conceitos/termos como fundamentalismo e integrismo, “não há (...) encaixe perfeito da coisa nos nomes. Eles dizem de menos, por um lado, e dizem demais, por outro”. No caso da análise da Igreja Católica Romana, através da Toca de Assis, quero dizer algo semelhante. A Igreja Católica é complexa e multidimensional. Igualmente estamos em uma sociedade que, também, carrega estas características. Portanto, não quero dizer, de forma *stricto sensu*, que a Toca de Assis – os toqueiros – seja moderna, pós-moderna, tradicional, conservadora, fundamentalista, entre outros conceitos possíveis. Certamente tais conceituações serão oferecidas como chaves de entendimento, aqui e ali, conforme for conveniente usá-las. A Toca de Assis, conforme a percebi e argumento sobre ela, poderia ter sua entrada de análise mediante várias chaves conceituais, ora mais umas, ora mais outras, dependendo do que se observava e analisava na Toca de Assis. Assim, quero deixar claro o caráter complexo, ambíguo e paradoxal do assunto Toca de Assis.

Conforme Guerriero (2005, p. 40s), “a emergência dos novos movimentos religiosos tem suscitado intenso debate acerca da compreensão sobre os processos em curso na sociedade. Muitos trabalhos apontam para as denominações ‘retorno do sagrado’, ‘reencantamento’ ou ‘dessecularização’”. Como, porém, o leitor verá, no caso da Toca de Assis, preferi seguir a intuição, derivada da observação, de que a Toca de Assis representaria um reencantamento do catolicismo, a partir de uma atitude contrastiva com a sociedade e com o próprio catolicismo desencantado, resgatando expressões religiosas católicas antigas por meio de sensibilidades religiosas modernas e pós-modernas.

Na lógica da secularização das sociedades, propugnada pelas teorias de Max Weber e, mais recentemente, de Peter Berger, há um contra-fluxo em relação à secularização, evidenciado pelo surgimento de novos movimentos religiosos e aparentes ou reais tentativas de reencantamento da sociedade. Muitos destes novos movimentos que surgem, frutos e reação em relação à secularização, ou não, tendem, conforme

já notou Berger (2001), a postura de tendência mais rígida quanto às relações com a sociedade moderna, em uma clausura teológica e pouco dialogal. Entretanto, estes mesmos movimentos, ainda que reações à trajetória de secularização das sociedades, são frutos, conforme entendo, do próprio processo de secularização e, mais, da sociedade pós-moderna. Entendo que, por um lado, há a tendência de fazer frente à sociedade contemporânea, em uma atitude de revigoração de uma sociedade e Igreja de identidades religiosas fortes e coesas, tantas vezes ancoradas em um passado idealizado. Porém, por outro lado, muitos desses novos movimentos religiosos, a mais das vezes de forma pouco consciente, assimilam aspectos das sociedades contemporâneas, da modernidade e pós-modernidade, e os introduzem em seu *ethos*, estilo de vida, sensibilidades e produção religiosa. Assim, a sociedade que é negada é, ao mesmo tempo, re-assimilada e re-traduzida através de linguagens religiosas, por vezes “arcaicas” e exclusivistas. Há uma troca de signos, sensibilidades e linguagens entre estes novos movimentos e os *ethos* presentes nas sociedades contemporâneas.

Aqui, por fim, vão informação e advertência necessárias. A presente obra é fruto de pesquisa realizada entre 2005 e 2009. Portanto, desde sua conclusão até os tempos que hoje correm, muito mudou na estruturação da Toca de Assis. Um dos exemplos mais significativos das mudanças havidas foi o afastamento do Pe. Roberto Lettieri, fundador e líder da Toca de Assis, de sua organização e governo, inclusive, mais tarde, tendo sido o referido sacerdote destituído, pela Igreja, do estado clerical. Enfim, a Igreja Católica, mediante processos internos – cujos conteúdos pouco vieram à luz-, achou por bem afastar o Pe. Roberto da Toca de Assis e de suas funções sacerdotais. Evidentemente que isso, na altura de tais acontecimentos, gerou uma crise na Toca de Assis, resultando em deserções e diminuição de seu tamanho em termos de sua malha de casas, abrigos e capilaridade nacional e internacional. Desde então a hierarquia católica passou a intervir mais na Toca de Assis, colaborando para sua reestruturação interna e para alguns novos rumos em sua forma de atuação religiosa.

Cumprido o dever de tal informação, sublinho que o que vai por aqui escrito é o retrato de um determinado momento histórico da Toca de Assis, aliás, imagem de seu provável ápice em termos de visibilidade eclesial e social e de sua estrutura e presença na Igreja. Talvez tenha sido o momento, também, em que mais pessoas adentraram à Toca de Assis e em que ela pode ter mais casas de acolhida espalhadas pelo Brasil. Atualmente, como já referido, sua estrutura, visibilidade e membresia diferem muito daquele momento. Portanto, a presente obra tem um caráter histórico neste sentido. Cumpre também deixar claro que a visão aqui apresentada, sobre a Toca de Assis, não é teológica – ao menos *stricto sensu*- , posto que prioritariamente me debruço sobre literatura sociológica e antropológica para tentar compreender um pouco a Toca de

INTRODUÇÃO

Assis. Enfim, é uma perspectiva de interpretação, entre outras possíveis. Não a única, nem necessariamente a melhor, mas uma forma específica de compreender a Toca de Assis, a partir de olhares específicos das ciências humanas e sociais, sem, contudo, deixar de fora singularidades propriamente teológicas.

Ainda é preciso advertir que, na presente obra, há a alternância de verbos nos tempos presentes e passado, com ampla predominância, porém, das conjugações pretéritas. O motivo de tal alternância, a partir da explicação já acima delineada, é justamente certa distância relativa à época da pesquisa, e a edição atual do presente livro, ou seja, daquele tempo até hoje muita coisa mudou na estrutura e hábitos da Toca de Assis e, provavelmente, muito do que aqui se diz terá sido já adaptado a novas estruturas prescritas pela Igreja. Portanto, por prudência, foi preferível eleger, na maior parte das vezes, a narrativa em tempo passado, uma vez por estar claro querer, o presente livro, ser um retrato de um momento da Toca de Assis, e por outro lado pelo benefício da dúvida sobre se todas as formas de vida e atuação religiosa aqui descritas continuam, tal qual, na Toca de Assis atual.

Entrementes, e por fim, esclareço que o leitor tem em mãos uma adaptação bastante resumida de uma pesquisa cujo volume de informações é bem maior do que o número de páginas e temas aqui apresentados. Procurei selecionar, da pesquisa completa, aqueles temas que me pareceram mais significativos para uma primeira aproximação à Toca de Assis e à compreensão básica de seu *ethos* e carisma religiosos. Estou ciente, entretanto, que toda seleção implica em vácuos e perdas que, por sua vez, podem comprometer compreensão mais precisa ou justa sobre o que se expõe. Assim sendo, desde já, peço desculpas pela omissão de muitas outras características da Toca de Assis que poderiam aqui se fazer presentes. Enfim, mais que um zoom ampliado sobre a Toca de Assis, aqui se apresenta um retrato $\frac{3}{4}$, mas que, ainda que pequeno, nos apresenta o rosto histórico da Toca de Assis.

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.

Fernando Pessoa – O Infante

1. 1 VISÃO SINÓPTICA

Fundada em 1994 pelo então seminarista Roberto José Lettieri,³ a Toca de Assis⁴ é uma organização religiosa que tem origens – ainda que indiretas- na Renovação Carismática Católica (RCC).⁵ Os toqueiros (assim eram

2 O conceito Utopia não é aqui usado no sentido de fantasia ou quimera irrealizável, mas no sentido de um ideal que se busca com paixão, ímpeto e algum romantismo, mas, ainda sim, um ideal, isto é, idealização de Igreja, vida religiosa e sociedade.

3 Roberto José Lettieri (1962-), paulistano, (re)converteu-se ao catolicismo em 1983. Entrando, logo após sua (re)conversão, para o Seminário Estigmatino, funda, em 1994, a Toca de Assis.

4 Havia dois nomes que identificam a Toca de Assis: *Fraternidade de Aliança Toca de Assis* e *Instituto dos Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento*. O primeiro dizia respeito à Toca da Assis *lato sensu*, digamos assim, ou seja, englobava todas as pessoas vinculadas à Toca de Assis, fossem leigas ou religiosas consagradas. Portanto, abrangia a comunidade leiga de aliança e era a nomenclatura que, de forma mais abrangente, representava a Toca de Assis, pois possuía Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica. Já o Instituto (que se subdividia – e ainda se subdivide- em feminino e masculino) se referia especificamente aos membros da Toca de Assis que optaram por viver a dimensão de *comunidade de vida*, realizando os três votos religiosos (castidade, pobreza e obediência) e partilhando vida em comum/conventual, residindo nas casas mantidas pela Toca de Assis. A pesquisa que ora se apresenta refere-se, *especificamente*, ao *Instituto dos Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento*, ou seja, aos adeptos da Toca de Assis que optaram pela vida religiosa consagrada. Assim, fora indicação em contrário, todas as vezes que no texto estiver referida a *Toca de Assis*, fala-se particularmente sobre o *Instituto*, isto é, a comunidade de vida.

5 O vínculo originário e atual não é explícito. A Toca de Assis não nasce como um movimento dentro da RCC, mas como iniciativa pessoal de um seminarista, este sim, de vínculos simpáticos com a RCC. Até hoje os toqueiros fazem questão de afirmar que a Toca de Assis não é um movimento da RCC. Contudo, certos traços católicos do instituto se afiguram e configuram com o universo carismático e de suas instituições, como a Canção Nova.

e ainda são conhecidos os adeptos da Toca de Assis)⁶ buscavam viver de forma radical a pobreza, a adoração contínua ao santíssimo sacramento e o serviço de ajuda e solidariedade aos pobres, particularmente àqueles em situação de rua. A Toca de Assis adotava como patronos São Francisco de Assis, Santa Catarina de Sena, São Pio de Pietrelcina e a Beata Alexandrina de Balasar.⁷ Os toqueiros buscavam idealizar e cultivar, em vestimentas e aparência, o hábito e supostas formas de viver e atuar do movimento franciscano primitivo. Assim, usavam um hábito marrom com corte inteiriço, buscando as origens do hábito franciscano;⁸ andavam de chinelos ou descalços; os homens tonsuravam a cabeça e as mulheres usavam longos véus. A maioria dos homens deixava a barba crescer, rala. Usos e costumes do catolicismo de corte mais tradicional eram adotados. Os toqueiros se revezavam na contínua adoração ao santíssimo sacramento⁹ do altar (eucaristia), e cultivavam devoções ligadas diretamente à eucaristia e à Paixão de Jesus, no sentido de, através de tais devoções, velarem e intercederem pela Igreja Católica e pelos sacerdotes. Quanto ao serviço social, dedicavam-se a cuidar da população em situação de rua (a quem chamavam de “sofredores de rua” ou de “irmãos de rua”), indo às vias das grandes cidades e promovendo, entre as pessoas em situação de rua, cortes de unhas, cabelos e barba, higiene, tratamento de feridas, distribuição de lanches. Além de cuidarem da população em situação de rua na rua,

6 Também eram (ainda são?) chamados de “marronzinhos”, devido à cor de seus Hábitos. Contudo, o nome que mais os identifica, particularmente aqueles e aquelas que, na Toca de Assis, vivem a dimensão consagrada da vida religiosa – e que são o alvo da presente pesquisa – é o de “toqueiros/as” e, por isso, assumo tal nomenclatura para referir-me aos adeptos e adeptas do *Instituto dos Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento*.

7 A referência a São Francisco de Assis é de certa forma natural para o carisma da Toca de Assis, conquanto quase toda sua imagética tenha inspiração em modelos franciscanos. Interessante é que também são arrolados como patronos São Pio de Pietrelcina (capuchinho italiano contemporâneo); Santa Catarina de Sena (monja dominicana medieval), e a Beata Alexandrina de Balasar (leiga católica portuguesa contemporânea). Isto é sintomático para também se entender a Toca de Assis, pois estas três personagens representam o lado místico e de viés carismático a que a Toca de Assis se propõe, já que São Pio de Pietrelcina, muito apreciado entre os movimentos da RCC e recentemente canonizado, teria recebido as chagas de Jesus em seu corpo. Também tinha discurso fortemente moralizante. Santa Catarina de Sena, por sua vez, analfabeta, conversava com Jesus, recebia mensagens dele e ditava cartas de aconselhamento a papas, além de também ter sido estigmatizada, conforme a biografia católica sobre si. A Beata Alexandrina Maria da Costa dizia sentir e sofrer em seu corpo a Paixão de Cristo, além de cultivar uma devoção bastante significativa pelo santíssimo sacramento. Conforme um toqueiro, São Francisco de Assis e São Pio de Pietrelcina foram escolhidos como padroeiros por causa do amor destes santos pelos pobres, e Santa Catarina de Sena por seu amor à Igreja. Fato é que as características dos patronos têm a função de sustentar simbolicamente os gradientes devocionais e de sacrifícios presente na Toca de Assis. Atualmente, contudo, figuram como patronos da Toca de Assis os santos Francisco de Assis, Clara e Catarina de Sena.

8 Como já esclarecido na Introdução, uso preferencialmente os verbos em suas conjugações pretéritas, já que a pesquisa decorreu anos atrás e, desde lá, muito mudou. Contudo, muitas dessas – e de outras – características aqui explicitadas, como, por exemplo, as vestes, continuam atuais na Toca de Assis.

9 Uso o terno nativo na presente obra.

também a acolhia em suas casas. Assim, em algumas de suas casas conviviam os toqueiros e população em situação de rua, juntos, partilhando o dia a dia.

1.2 UM POUCO DE HISTÓRIA

A origem da Toca de Assis encontra-se em Campinas/SP. Em 1982, o jovem Roberto José Lettieri, residente em São Paulo e membro da torcida uniformizada Gaviões da Fiel, do Corinthians, foi convidado para treinar com os profissionais do Corinthians, conforme conta sua irmã, Jane (REVISTA MUNDO E MISSÃO, nº 95, p. 26). Mas no exato dia de seu ingresso na vida futebolística, tão especial para ele, preferiu aceitar o convite de amigos para um Encontro de Jovens na Paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho, na Mooca. A partir deste encontro, Roberto, então católico nominal, teria tido uma experiência espiritual especial, tendo a partir dela retornado a uma vivência católica mais comprometida e entrado para o seminário, com o intuito de tornar-se sacerdote católico. Estudante de Filosofia e Teologia em Campinas, na PUC local, o então estigmatino Irmão Roberto residia no seminário da Congregação dos Sagrados Estigmas. Mas seria Roberto um seminarista diferente. À época de sua formação seminarística, em Campinas, nasce a Toca de Assis.

A Toca de Assis nasceu na praça, em Campinas, em 1994, à sombra da Basílica de Nossa Senhora do Carmo, que desde então passa a ser uma igreja importante na história da Toca de Assis.¹⁰ Surge como inspiração e obra do futuro Pe. Roberto Lettieri, ainda seminarista à época, e de mais seis outros jovens que a ele foram agregando-se aos poucos (Celso Luís Gomes dos Santos, atual Ir. Fratello do Rei Jesus; Valmir Gomes de Oliveira, que se tornou o Ir. Alegria da Eterna Jerusalém, já falecido, devido a problemas coronários; Rafael de Castro, o Ir. Rafael; Rodrigo de Almeida, atualmente apenas toqueiro leigo, ou de aliança; Andréia Benedita Rodrigues da Silva, hoje Ir. Andréas; e Mariana Helena da Silva, hoje Ir. Mariana) e que, junto com Roberto, iam às ruas da cidade para ajudar a população em situação de rua. O seminarista Roberto, sentindo grande atração em relação aos mais pobres e buscando ajudá-los, dirigia-se à Praça do Carmo, e demais vias da cidade de Campinas, aos domingos, dia de folga no seminário, para conversar e partilhar alimentos e roupas com pessoas em situação de rua. No início sozinho e, depois, junto com os demais simpatizantes que a ele foram se agregando, Roberto, nos fins de semana, dormia no banco da praça, ou no chão, fazia fogueira improvisada e esquentava macarronada para quem quisesse se juntar a ele (REVISTA TOCA, n. 28, p. 3). Assim, conviviam, em partilha de amizade, conversa e de alimentos, com as pessoas em situação de rua na região central de Campinas.

10 Assim como as grutas e locais de peregrinação no catolicismo popular, que se constituem centros totêmicos de renovação e coesão do grupo (STELL, 1996, p. 159), a cidade de Campinas, a praça da catedral e a Canção Nova constituem-se como centros de referência da memória afetiva e identitária do grupo, as fontes. Nestes lugares sempre se volta de novo à experiência fontal, ao primevo.

Em tais ocasiões Roberto também costumava ajoelhar-se por longo tempo diante de igrejas cujas portas estavam fechadas, no intuito de adorar a hóstia consagrada, guardada nos sacrários das igrejas. Surgiam, assim, duas das principais características que modelariam a futura Toca de Assis: o serviço à população em situação de rua e a devoção e adoração ao santíssimo sacramento.

Conhecedor e frequentador de grupos de oração e de grupos de jovens em Campinas – particularmente os ligados à RCC-, no início da Pastoral de Rua¹¹ em Campinas, Roberto convidava católicos de grupos de jovens e de grupos de oração para o trabalho nas ruas junto à população em situação de rua. Isto sempre aos domingos, já que durante a semana a vida seminarística impedia a Roberto este trabalho. A Toca de Assis surge, assim, da visibilidade do seminarista e futuro padre fazendo curativos em pessoas na rua, conversando e convivendo com elas, o que chamava, aos poucos, a atenção de outras pessoas que, de alguma forma, queriam ajudar aquele jovem religioso em sua missão. Em maio de 1994 jovens juntam-se ao futuro padre em sua missão. A partir do momento em que Roberto já não está mais sozinho em seu labor junto à população em situação de rua, mas acompanhado de mais quatro – ou, conforme outra versão, seis- jovens, considera-se, na Toca de Assis, o dia oficial de nascimento da mesma, datado oficialmente em 13 de maio de 1994, dia de Nossa Senhora de Fátima.¹²

A intenção do Pe. Roberto, conforme testemunho unânime dos toqueiros, nunca foi a de fundar um instituto de vida consagrada, assim como todo profeta que não deseja fundar algo novo, mas reformar e purificar o existente. Mas, como sucede à maioria dos profetas, as circunstâncias impelem ao surgimento do novo, a partir de sua pregação, visão e vida virtuosa.

Roberto foi ordenado sacerdote em 8 de dezembro de 1996, ainda como religioso estigmatino, dois anos após a experiência de nascimento da Toca de Assis e um ano após a fundação do instituto de vida consagrada da Toca de Assis (Instituto dos Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento), ocorrido em 1995, com o acolhimento dos primeiros consagrados.¹³

11 Pastoral de Rua é o nome forjado, desde o arrebol da Toca de Assis, para identificar o serviço que o Pe. Roberto e os toqueiros realizavam, nas ruas de Campinas e, posteriormente, em demais cidades, junto às pessoas em situação de rua.

12 Também por isso há – ou havia-, em todas as casas da Toca de Assis, um retrato (padronizado) de Nossa Senhora de Fátima.

13 Como já foi referido em nota anterior, a Toca de Assis é uma Fraternidade, ou comunidade, de aliança, isto é, organização de leigos católicos que buscam viver determinado carisma ou ideal. Contudo, em 1995, Roberto amplia a dimensão da Toca de Assis para que também tivesse a característica de uma comunidade de vida, isto é, organização que implica que as pessoas a ela aderentes façam os três votos evangélicos e convivam em comunidade sob determinado carisma e ideal de vida. Portanto, sob o nome Toca de Assis estão presentes tanto a fraternidade de aliança como a comunidade de vida, esta última objeto central do presente estudo.

Já quando estudante de Teologia, a Toca de Assis, informalmente, existia, contando com pessoas vestidas de marrom,¹⁴ que iam ao seminário orar e cantar com o futuro padre, e saíam com ele aos domingos, pelas ruas, cuidando da população em situação de rua. O neo-sacerdote ainda permaneceu um ano como religioso estigmatino, como pároco da Paróquia do Bom Conselho. No início de 1998 saiu oficialmente da Congregação dos Sagrados Estigmas¹⁵ e, como exclaustrado, se incardinou na Arquidiocese de Campinas como padre responsável pelo incipiente movimento eclesial da Toca de Assis. À época a Toca de Assis já possuía dez casas espalhadas na região. Neste ínterim é preciso referir-se à agregação dos primeiros toqueiros ao projeto do seminarista Roberto e ao rápido desenvolvimento da estrutura da Toca de Assis.

1.3 DA RAIZ À COPA: A TOCA DE ASSIS CRESCE E APARECE

Ainda em 1992, quando seminarista, Roberto era chamado para palestras em retiros e em grupos de oração em muitas paróquias da região de Campinas, particularmente as ligadas à RCC, mostrando assim que, desde antes da Toca de Assis ser fundada, Roberto já tinha certa inserção para além do seminário. Por este tempo Roberto- segundo relatos colhidos na pesquisa-, estando em oração diante do santíssimo sacramento, “ouviu o Senhor falando que alguns jovens sentiriam o desejo de viver uma vida consagrada na missão aos pobres”. Em confirmação a tal profecia veio, primeiro, a consagração dos quatro primeiros irmãos, em dezembro de 1995, e, dois meses depois, das duas irmãs, em início de fevereiro de 1996.¹⁶ À época ainda não havia uma casa para a vida em comum, e os consagrados viveram ainda por cerca de um ano nas suas respectivas casas. Portanto, no início, os religiosos continuavam em seus respectivos trabalhos e casas, se reunindo aos domingos para a Pastoral de Rua.

A primeira casa de acolhimento da Toca de Assis surgiu em função da população em situação de rua. Havia o desejo de que as pessoas que eram atendidas na rua tivessem um lugar para poder tomar banho. A primeira casa da Toca de Assis, alugada, foi na Vila Marieta, em Campinas, em maio de 1997, batizada com o nome de Bendita

-
- 14 Cor da terra, relacionada com a humildade e pobreza. Desde o início a Toca de Assis começa a se caracterizar por certa padronização de seus aderentes, como, no caso, em relação ao vestir camisas e calças de cor marrom ou, pouco mais tarde, em fazerem buracos no centro de cobertores marrons para colocá-los sobre o corpo, em forma de poncho. O que evidencia que, embora o discurso oficial seja o de que o Pe. Roberto não tivesse a intenção de fundar uma nova organização religiosa, o nome Toca de Assis, presente desde o início para caracterizar o grupo que surgia, e a incipiente criação de uma determinada estética visual, mostram que desde muito cedo havia a tendência em se formatar algo novo e diferente no seio da Igreja Católica.
 - 15 A Congregação dos Sagrados Estigmas, da qual o Pe. Roberto é originário, não tem afinidades maiores com o carisma atual da Toca de Assis. A congregação, fundada na Itália por São Gaspar Bertoni (1777-1853), tem hoje como carisma o cuidado à juventude e as missões populares.
 - 16 Consagração, através dos votos religiosos, feita com a autorização episcopal local, mas de caráter ainda provisória e pouco estruturada. Em várias dioceses existem leigos que se consagram a Deus, através dos votos evangélicos, devendo obediência diretamente ao bispo local ou ao mesmo através de lideranças de grupos ou de comunidades de vida.

Árvore da Cruz. O aluguel foi intermediado e pago através da Secretária Marta, da RCC de Campinas. O intuito, no início, não era acolher pessoas, mas fazer daquela casa um lugar de apoio ao trabalho feito nas ruas da cidade. Porém, pessoas doentes foram surgindo como que em um apelo à Toca de Assis, e a casa passou a abrigar pessoas em situação de rua, chegando a acolher dez pessoas em situação de rua, quando sua capacidade era para no máximo quatro ou cinco pessoas. Percebendo a necessidade de uma casa maior, Roberto conseguiu alugar, com a ajuda de benfeitores, aquela que foi considerada a casa mãe da Toca de Assis, cognominada São José, em Campinas, no bairro Industrial. Apenas em 1997 e 1998 foram constituídas as primeiras casas para a vida em comum de toqueiros consagrados, uma para homens e outra para mulheres. A casa mãe da Toca de Assis feminina ficava, igualmente, em Campinas, e chama-se Casa Virgem de Israel.

Foi considerada a primeira missa da Toca de Assis aquela em que, em 3 de dezembro de 1995, foram consagrados, como religiosos através de votos temporários, os Irmãos Alegria, Fratello, Rafael e o jovem Rodrigo de Almeida, depois leigo toqueiro. O início da Toca de Assis feminina é datado em 11 de fevereiro de 1996, quando da inauguração da casa Sacramento de Amor, em Campinas. Lá passaram a residir as quatro primeiras toqueiras consagradas, Ir. Andréas, Ir. Mariana, Raquel de Assis e Marie Helen (REVISTA TOCA, nº 13, p. 7).

Até 1997 não havia sido adotado o hábito contemporâneo, sendo a roupa dos consagrados uma camisa marrom e a cruz *Tau* sobre o peito. Porém, ainda como seminarista estigmatino, o futuro padre Roberto pediu permissão para usar uma bata marrom, no estilo próximo ao franciscano. Depois Roberto, já na rua, passou a adotar um cobertor furado como vestimenta de cima, após um morador de rua ter colocado sobre ele seu cobertor, tal como uma investidura, que se tornou parte da história dos primórdios da Toca de Assis, a justificar a origem do atual hábito.

Os votos dos consagrados eram temporários e, até 1998, eram feitos diante do Pe. Roberto.¹⁷ Os votos, assim, tinham um aspecto mais informal e voluntarista, não regidos pelos cânones eclesiais, embora Dom Gilberto Pereira Lopes, então arcebispo de Campinas, os tivesse autorizado e acompanhado o desenrolar daquele novo movimento eclesial. Os votos feitos diante de uma autoridade eclesial maior, no caso o arcebispo de Campinas, foram feitos a partir de 1999. O primeiro hábito dos toqueiros, feminino e masculino, veio com a consagração diante da autoridade episcopal, em 1999. Aquele ano, portanto, pode ser considerado como, de fato, o ano do início da estruturação de uma congregação religiosa formal planejada pelo Pe. Roberto. Em 2002 houve a primeira profissão de votos perpétuos na Toca de Assis, com 18 consagrados, entre homens e mulheres.

17 Com a devida permissão episcopal.

A partir de 1999 a Toca de Assis passa a ter mais visibilidade, dado que o Pe. Roberto era convidado a pregar em paróquias e em retiros em outras cidades e, assim, levava o carisma e a mensagem da Toca de Assis, despertando vocações e constituindo outras casas/missões por onde passava. A preferência e o esforço para a abertura de casas da Toca de Assis sempre ocorreu em relação às médias e grandes cidades, ou capitais, onde, evidentemente, há uma maior população em situação de rua. Também a visibilidade midiática do padre em retiros e pregações na Canção Nova ia atraindo pessoas de vários lugares para juntar-se aos “marronzinhos”, como eram conhecidos no início os toqueiros.

O nome Toca de Assis passou, desde então, a ser aquele que identificava os participantes tanto da comunidade de vida como da comunidade de aliança, tornando-se nome genérico para a identificação deste movimento eclesial. O nome tem duas origens: conforme informações de toqueiros e conforme consta no sítio oficial da Toca de Assis, o nome surge inspirado pelo estilo de vida dos primeiros franciscanos, conforme consta na *Legenda dos Três Companheiros*, transcrita assim no sítio:

O feliz pai Francisco e seus filhos viviam em comum oração e silêncio, num lugar perto de Assis, chamado Rivotorto, onde encontraram uma toca ou uma cabana abandonada; era tão apertada que ali mal podiam sentar ou repousar. E muitas vezes não tendo pão comiam rabanetes que mendigavam. Lá se escondiam das chuvas. Após três anos de profunda vivência de amor e fraternidade, este lugar foi transformado em um local de acolhimento dos pobres e leprosos.¹⁸

Assim, a palavra *Toca* visa estar em conformidade com o estilo de vida e residência dos primeiros franciscanos, conforme o texto acima citado. A outra origem do nome, em paralelo ou em síntese com a origem tirada da história do franciscanismo, veio por inspiração do Pe. Roberto ao ver as “casas”, ou “tocas” de papelão, que as pessoas em situação de rua faziam para se abrigar à noite, nas ruas de Campinas. Ou ainda também porque tais pessoas se “entocavam” em ruínas de casas antigas no centro de Campinas.

Já o nome do Instituto, isto é, *Instituto dos Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento*, assim é denominado, conforme explicava o sítio da Toca de Assis, por causa das seguintes características:

Filhos(as): Porque nascemos da adoração a nosso Senhor Jesus Cristo, seu Corpo Sangue Alma e Divindade, o Santíssimo Sacramento do Altar. Da Pobreza: Porque encontramos na pobreza do Filho de Deus no altar a nossa alegria de sermos pobres e servi-lo pela perpétua adoração e em sua presença nos pobres e abandonados, sofrendores de rua. Do Santíssimo Sacramento: Porque Nele, com Ele e para Ele queremos consumir nossa vida pela Sua amada e dileta Esposa, a santa Igreja de Deus.¹⁹

18 Disponível em: www.tocadeassis.org.br. Acesso em: 17 out. 2008.

19 Disponível em: www.tocadeassis.org.br. Acesso em: 30 out. 2006. A “pobreza do santíssimo sacramento” refere-se a Jesus em forma eucarística, ou seja, despojado de glória, sob a aparência de alimentos.

O carisma e missão da Toca de Assis têm base em:

Adoração: Amar a Igreja de Deus pela perpétua adoração ao Santíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, seu Amado e dileto Esposo. Amor aos Pobres: Amar a Igreja de Deus, Corpo Místico de Cristo, buscando aliviar seus sofrimentos nos pobres e sofredores de rua. Vida Missionária: Amar a Igreja de Deus anunciando o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, de cidade em cidade de maneira itinerante e testemunhal.²⁰

Caracterizavam, portanto, a vida na Toca de Assis alguns elementos básicos, que analisaremos em maior pormenor em outros lugares, sendo tais elementos os seguintes: 1) adoração contínua ao santíssimo sacramento; 2) Sacrifício oblativo, através da Via Sacra (*Passio Domini*), para reparação/restauração da Igreja e da vida dos sacerdotes; 3) Pobreza radical; ausência de bens móveis e imóveis de propriedade individual ou coletiva; dependência absoluta da providência divina para todas as necessidades pessoais e coletivas; 4) Recusa ao estudo formal e desconfiança em relação ao mesmo; 5) Fidelidade total à Igreja Católica, particularmente em sua configuração interpretada como a mais tradicional; 6) Serviço à população em situação de rua, através da Pastoral de Rua, em que os toqueiros se dirigiam (dirigem) às vias das cidades para oferecer lanches, conversa, oração, cuidados de enfermagem e higiene entre pessoas que residem nas ruas; ou mediante a acolhida dos mesmos em casas apropriadas da Toca de Assis, em que se cultivava a convivência entre toqueiros e população em situação de rua, com o oferecimento, por parte daqueles, dos mesmos serviços apresentados na Pastoral de Rua, acrescidos de refeições e espaço de moradia.

1.4 VISITANDO A TOCA DE ASSIS: UM POUCO DO DIA A DIA

As casas da Toca de Assis não tinham na altura em que as conheci, rotina uniforme quanto ao dia a dia dos toqueiros, particularmente pelo fato de, na maior parte delas, serem acolhidas pessoas em situação de rua, ou de recebê-las para serviços diversos, o que tendia a provocar mudanças de uma casa para outra, conforme fossem as necessidades da população assistida e os contextos específicos referentes ao trabalho desenvolvido. Assim, não havia horários fixos para todas as casas. Cada casa, em sua particularidade, promovia os horários que melhor adaptavam os toqueiros à rotina e necessidades do lugar. Contudo, ainda que *grosso modo*, anoto um pouco do que presenciei em duas casas da Toca de Assis.

A casa Irmão Sol Eucarístico estava situada em Madureira, zona norte da cidade do Rio de Janeiro; era uma casa de acolhimento masculina, e abrigava entre 80 a 90 acolhidos. Havia pessoas de todas as idades, prevalecendo pessoas de meia idade e idosos, sendo que a maior parte dos acolhidos apresentava ferimentos que precisavam

20 Disponível em: www.tocadeassis.org.br. Acesso em: 30 out. 2006.

de cuidados constantes. A casa era dividida em dois andares, tendo uma grande cozinha industrial e refeitório, sala para curativos, quatro cômodos transformados em dormitórios, capela, uma grande área (praça) aberta, oficina de ateliê, lavanderia, dois grandes banheiros coletivos, escritório administrativo e cômodo para os toqueiros. O local era parte de um antigo convento, cedido à Toca de Assis e adaptado por ela às necessidades de seu trabalho específico.

A rotina na casa Irmão Sol Eucarístico de Madureira pode assim ser resumida: os toqueiros acordavam às cinco horas da manhã, seguindo-se a oração litúrgica das *laudes* às cinco e quinze e, seguindo-se, após, a oração de dois ou três terços, conforme as atividades do dia permitiam. Após, uma metade dos toqueiros ia à missa matinal na paróquia ao lado, e os demais iniciavam as funções com os acolhidos, como a de dar banho e providenciar o café da manhã. Quando os outros toqueiros voltavam da missa, iniciavam-se as atividades mais intensas, seja na enfermaria, através da feitura de curativos, ou seja levando acolhidos ao médico (rede pública), ou ainda nos trabalhos na lavanderia, cozinha, limpeza e cuidados de higiene com os idosos. A parte devocional-catequética também tinha lugar em relação aos abrigados. Rezavam-se três terços com os acolhidos: um na hora do café da manhã, outro na hora do almoço e outro na hora do jantar. A participação dos acolhidos era livre, mas incentivada, seja pelo convite dos toqueiros ou pela fome dos acolhidos.

O horário do almoço era ao meio dia. O dia era ocupado pelos acolhidos com trabalhos de artesanato, ensinado por algum toqueiro ou por um abrigado com talento natural para tanto; por conversas; ouvir rádio; ver televisão; jogar dominó ou cartas. Os acolhidos tinham permissão para sair às ruas, mas os que tinham dependência química eram aconselhados a não saírem. O jantar era servido às dezenove horas. O horário para dormir era fixado às dez horas da noite.

A casa Bom Samaritano, de Niterói, tinha rotina diferente e mais leve, por ser casa de semi-acolhida (de serviços) e ponto de partida para a Pastoral de Rua. Nela residiam apenas toqueiros e também ali se costumava levantar cedo, por volta das cinco e meia da manhã, para a oração das *laudes*. Às sete horas a casa já estava aberta para oferecer café da manhã para as pessoas em situação de rua que a procuravam; depois podiam seguir-se banhos (os banheiros da casa eram franqueados para a higiene dos usuários da casa); curativos; corte de cabelo; aulas de artesanato, até a hora do almoço, com início por volta das onze e meia da manhã. À tarde a casa costumava ficar fechada para serviço aos usuários, e os toqueiros iam às ruas, com maletas de curativos e lanche com café.

Em todas as casas da Toca de Assis os móveis e eletrodomésticos eram frutos de doação de terceiros. Era raro que houvesse alguma peça da casa – excetuando-se as de cunho religioso – que fosse comprada pelos toqueiros. Quando muito alguma peça extremamente necessária era comprada com dinheiro de doações e campanhas.

Camas, porém, só as havia para os acolhidos ou, quando muito, alguma para algum toqueiro que precisasse descansar mais ou estivesse doente. Os toqueiros dormiam no chão, tendo como colchões alguma manta ou cobertor. E, na maior parte das casas da Toca de Assis, os quartos dos toqueiros eram coletivos, isto é, dormiam os toqueiros juntos em um mesmo ambiente. Contudo não eram raros os casos de toqueiros que dormiam nos corredores, junto à porta da capela, ou mesmo na cozinha. Na maior parte das casas, porém, havia sempre um quarto individual para o guardião ou guardiã,²¹ composto de um armário em que se guardavam os poucos objetos e livros pessoais dos toqueiros, além de roupas de baixo, cobertores e demais objetos que requereriam algum cuidado.

A *partilha* era um momento – uma hora por semana – em que o guardião chamava, para uma conversa pessoal, os demais toqueiros. A partilha consistia em uma “conversa espiritual”, em que eram partilhadas as dificuldades, alegrias, desafios, receios, problemas e realizações do dia a dia. Tinha um caráter de acompanhamento individual dos toqueiros mais jovens, de formação e de controle. Também podia acontecer que um toqueiro procurasse, espontaneamente e fora do dia previsto, seu guardião para a partilha. Uma vez por semana havia uma partilha coletiva, em que todos os moradores toqueiros da casa se reuniam para colocarem suas questões pessoais e coletivas em discussão para o grupo.

As casas da Toca de Assis costumavam ser bem cuidadas, limpas e esteticamente organizadas. Particularmente no que tange aos símbolos religiosos. Se faltavam livros e bibliotecas, as casas da Toca de Assis tinham, em compensação, citações e frases edificantes de santos, como de São Pio de Pietrelcina, muitas do Pe. Roberto, além de fotos do Pe. Roberto, Santa Catarina de Sena, São Francisco de Assis, São Pio de Pietrelcina, Beata Alexandrina Maria da Costa (padroeiros), do papa da época (e ainda de outros papas), do bispo da respectiva diocese e, sempre, figura ou estátua de São Miguel Arcanjo, geralmente à porta da capela. Também estava em todas as casas da Toca de Assis por mim visitadas o retrato – às vezes imenso, como em Madureira – de Nossa Senhora de Fátima. Basicamente eram estas as imagens e recursos simbólicos presentes nas casas, de forma bem padronizada. As capelas, por sua vez, costumavam ser austeras, sem bancos, com dois ou três genuflexórios, com altar e o santíssimo sacramento por detrás dele, ou sobre ele em ostensório, de forma destacada. Além de haver sempre, também, um crucifixo, geralmente atrás do altar. Em todas as capelas ardiavam de sete a dez chamas, em fogo natural, por meio do óleo aceso. Além da capela do santíssimo sacramento, boa parte das casas também tinha uma capela de Nossa Senhora, quase sempre com a imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Os toqueiros revezam-se diuturnamente em oração de adoração e reparação diante do santíssimo sacramento, de modo que, se possível – isto dependia do número

21 Superior da comunidade local.

de toqueiros residentes em determinada casa e da carga de seus afazeres – cada toqueiro realizasse três horas diárias de adoração eucarística. O mínimo é que cada toqueiro realizasse uma hora de adoração, quando houvesse muitos religiosos em uma casa e o trabalho com acolhidos exigisse muito tempo. Contudo, dia e noite, o altar em que estava a hóstia consagrada nunca ficava só, pois a adoração contínua era – é- um dos pilares do carisma da Toca de Assis. A adoração eucarística costumava prescindir de liturgias, ficando o orante, quase sempre, a sós na capela, ajoelhado, em silêncio, em atitude de contemplação, meditação e oração pessoais. Havia uma escala prefixada para a adoração, de modo que na hora determinada um toqueiro entrava na capela no intuito de render seu companheiro para a continuidade da adoração.

Além da oração litúrgica das *laudes*, feita através do breviário católico no início do dia, e da oração do rosário- rezavam quatro terços diários (o rosário completo), a missa era obrigação diária e era inadmissível ao toqueiro não ir à missa diariamente. Não sendo clérigos, a maior parte dos toqueiros costumava ir à missa nas paróquias próximas a casa em que residiam, nos horários possíveis, particularmente de modo a conciliar a missa com o tempo de suas atividades. Em algumas casas da Toca de Assis, vez ou outra, sacerdotes se apresentavam para celebrar a missa. Algumas pouquíssimas contavam com tal possibilidade diariamente, como no caso da Toca de Assis de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, que sendo casa cedida pelo mosteiro carmelita da cidade, abrigava, em seu sobrado, a residência de dois padres aposentados.

As outras duas devoções litúrgicas fontais a ocorrerem nas casas eram: a Sublime Hora Fraternal, diariamente, das cinco às seis horas da tarde, constituindo-se da reunião de todos os toqueiros da casa – se possível – para a oração das *vésperas* do breviário católico, acompanhada, muitas vezes, de cantos, músicas ao violão e orações pessoais e comunitárias. Por vezes dons espirituais eram manifestados, como o dom de línguas ou de profecia. Contudo, na Sublime Hora Fraternal, tais dons eram de manifestação mais tímida, acontecendo mais quando toqueiros conduziam ou eram conduzidos em retiros, principalmente nos da RCC. A Sublime Hora Fraternal tinha a duração de uma hora e era acompanhada de incensação solene do santíssimo sacramento, conduzida pelo guardião ou guardiã da casa.

Igualmente conduzida pela autoridade superior da casa, a *Passio Domini*, medula devocional da Toca de Assis, tinha seu lugar às quintas-feiras, das nove da noite à meia-noite; e às sextas-feiras, do meio-dia às três horas da tarde, coincidindo, assim, em dias e horários, com a última ceia e agonia de Jesus no Horto das Oliveiras e com a crucifixão e morte de Jesus. Nesta devoção solene, geralmente realizada em moldes de via sacra, os toqueiros se colocavam de joelhos por todo o tempo, em contemplação, oração e meditação pessoal, acompanhando os passos da Paixão de Jesus lidos, de tempos em tempos, pelo guardião ou guardiã ou, então, completamente em silêncio. O objetivo da *Passio Domini* era o de estar junto a Jesus em seus sofrimentos, reparando-os,

particularmente quando causados pela falta de fé, tibieza na e da Igreja e pecados ou infidelidades dos sacerdotes. Acompanhando o mistério e a solenidade de tal devoção, na sexta-feira havia sempre jejum. Tomava-se um café com pão pela manhã e uma sopa leve à noite. Na quarta e na sexta não se comia carne.

O lazer, porém, também estava presente nas casas da Toca de Assis, por intermédio de filmes, na TV ou em DVD, que os irmãos assistiam. A maior parte das casas tinha televisor, algumas tinham aparelhos de DVD, e quase sempre havia aparelho de som. Filmes de vários gêneros, musicais católicos e músicas católicas davam o tom no momento de relaxamento e de tempo livre dos toqueiros, fora o fato da alegria típica da juventude acompanhar o relacionamento entre os mesmos, com brincadeiras, risos e demais formas de sensibilidade e sociabilidade juvenil a gerir momentos de descontração e alegria. Claro, é bom lembrar que televisores e aparelhos de DVD eram sempre oriundos de doações. Uma vez por mês as casas também promoviam um dia inteiro de recreação entre os toqueiros, através de passeios a sítios, praias, parques e a outras cidades. O objetivo era a descontração, relaxamento e integração.

A Toca de Assis, contudo, devia sua maior visibilidade ao trabalho realizado entre as pessoas em situação de rua. Este trabalho, feito nas praças e ruas das cidades, costumava chamar a atenção dos transeuntes, despertando os mais variados sentimentos e interpretações. “O nosso carisma abrange especificamente o miserável, chamado por nós de irmão de rua. O miserável, que perdeu família, ou foi abandonado, jogado” revelou-me um toqueiro. Portanto, o serviço social que os toqueiros prestavam tinha alvo específico: o pobre. Mas não qualquer pobre, senão aquele “miserável”, esquecido, sem família e sem teto.

O trabalho com a população em situação de rua tinha o nome de Pastoral de Rua, e se caracterizava pelo atendimento às pessoas que vivem nas ruas. Os toqueiros e toqueiras²² partiam, em grupos que variavam de duplas a sextetos, e interpelavam pessoas em situação de rua, pedindo permissão para conversarem e, se necessário, para cuidarem de feridas, através de curativos, ou para promoverem higienização, como corte de cabelo, unhas, barba e, quando havia um carro furgão com banheiro, oportunizando banho.²³ Lanches, constituídos, geralmente, de pão com algum recheio e café com leite ou suco também eram distribuídos. Assim, os toqueiros, através da conversa e do serviço solidário e assistencial, iam constituindo vínculos de confiança e mesmo afetivos com a população em situação de rua, emprestando ouvido e coração para as histórias dos “irmãos de rua” e oferecendo serviços básicos, visando uma mínima dignidade a tais pessoas. O vínculo de confiança e simpatia propiciava que

22 As toqueiras, no caso, geralmente faziam a Pastoral de Rua junto aos toqueiros, embora também pudessem fazer a Pastoral apenas com um grupo feminino.

23 Em Niterói e Rio de Janeiro, assim como em outras capitais, havia furgões adaptados com cozinha e banheiro que, algumas vezes, acompanhavam os toqueiros na Pastoral de Rua.

os toqueiros também convidassem pessoas em situação de rua para residirem em suas casas de acolhimento

O serviço costumava ser pesado, pois implicava em andar muito pelas cidades, correr riscos, e não ter hora determinada para acabar o atendimento, já que os toqueiros ficavam nas ruas, na Pastoral de Rua, o tempo que era demandado pelas tarefas realizadas. Conforme um toqueiro: “A gente leva o lanche pros irmãos, e logo acaba. Tem dia que a gente (toqueiros) come e tem dia que a gente não come. Tem dia que a gente sai com o furgão às oito da manhã e só volta de noite”.

Também fazia parte da Pastoral de Rua a Pastoral Noturna, em que os toqueiros dormiam junto com a população em situação de rua, e assim, os acolhedores se tornavam acolhidos, pois eram os moradores de rua que permitiam e convidavam, acolhiam os toqueiros para “morar” com eles, dormirem juntos, partilhando suas cobertas, papelões, travesseiros improvisados. Na Pastoral Noturna eram também entregues lanches e leite quente.

1.5 RETRATO 3X4

Acima foi traçada um pouco da espinha dorsal da Toca de Assis. Na altura da presente pesquisa a Toca de Assis contava com cerca de 120 casas e de 2.200 membros (entre consagrados, noviços, postulantes e aspirantes). Este movimento religioso teria como força de atração algo bem peculiar, dado a falência dos regimes socialistas, o enfraquecimento do ideário socialista e da Teologia da Libertação: a questão social. Seu foco era a população em situação de rua, e seu procedimento era, era outros, o da convivência com ela, inclusive por meio da partilha de vida em residências onde o dia a dia transcorria num *habitat* em comum. Apesar do cunho talvez assistencialista da ação social,²⁴ é preciso observar o fato de que, ao morarem juntos- toqueiros e pessoas em situação de rua-, apontava-se para um idealismo de igualdade e coletivismo que em muito lembraria ideais primitivos do franciscanismo. Vauchez (1995, p. 130), analisando os ideais dos primitivos franciscanos, chega a falar de uma utopia franciscana “no sentido em que se fala dos socialismos utópicos do século XIX”.

Outra característica forte do Instituto era a questão musical, da alegria e de encontros-*shows*.²⁵ Certamente uma característica herdada dos vínculos com a RCC que havia no grupo. Este rosto emocional da Toca de Assis, pelo viés da arte, era muito acentuado, embora fosse pontual, pois no dia a dia os toqueiros viviam a realidade não de shows e músicas, mas do contato com pessoas doentes, sujas e abandonadas.

24 No sítio oficial da Toca de Assis, havia o apelo por doações com os seguintes dizeres: “Ajude-nos a manter essa obra, e fazer o pobre mais feliz”. Disponível em: www.tocadeassis.org.br. Acesso em: 22 nov. 2005. O grifo é meu.

25 Na presente obra será olvidada tal característica da Toca de Assis, posto que este livro pretende chamar a atenção, mais especificamente, para a vida virtuosa de altruísmo, serviço e sacrifícios que caracterizavam os toqueiros.

Não por último devo destacar o veio sacrificial desafiante que a Toca de Assis apresentava aos jovens, com o chamado a uma identificação com a Paixão de Jesus no sentido de, por meio dela, purgar os pecados da Igreja. E a paixão inconteste e incondicional pela Igreja, ou por certo modelo dela, a impulsionar energias, desafios e riscos. Paixão esta traduzida de forma fontal na eucaristia como ápice da manifestação de Jesus e da Igreja ao mundo.

Enfim, esta descrição, sinteticamente exposta, mostra um movimento que, se não singular, era no mínimo despertador de atenção e surpreendente para os padrões do catolicismo latino-americano das últimas décadas. Quanto a isto, a socióloga Brenda Carranza, após ver um evento dos toqueiros em Campinas, assim descreveu sua impressão:

Presenciando a cena, tive a impressão de estar assistindo ao filme *Irmão Sol, Irmã Lua*, de Franco Zeffirelli, pois o bando de jovens entusiasmados, vestindo túnicas marrons e sandálias, todos com uma cruz-Tao no pescoço, não diferiam muito dos artistas do filme. A estética visual dos toqueiros lembra as representações que se têm dos primeiros seguidores de São Francisco (CARRANZA, 2005, p. 47s).

Eis a Toca de Assis!

CAPÍTULO II

IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA: A QUE FOI, A QUE É E A QUE DEVERIA SER

*Igreja é o melhor lugar (...)
Igreja é a casamata de nós.
Tudo lá fica seguro e doce,
Tudo é ombro a ombro,
buscando a porta estreita (...)
Lá me guardo,
lá espreito
a lâmpada que me espreita,
adoro o que me subjuga a nuca
como a um boi.*

Adélia Prado- Sítio

A Toca de Assis configurava-se- e tem se configurado - como uma organização católica que se propõe a uma fidelidade estrita à Igreja Católica e à sua defesa contra o Diabo e contra um presumido relaxamento de ardor e doutrinário pela qual a mesma estaria passando, por intermédido de leigos e sacerdotes infiéis à fé ou à ortodoxia católica. A eucaristia passava, neste sentido, a ter uma importância fontal para a Toca de Assis, já que o dogma da presença real de Jesus Cristo nos elementos eucarísticos consagrados, através da transubstanciação, se tornava o símbolo máximo da identidade católica a ser preservado, defendido e divulgado.

O presente capítulo quer apresentar como a Toca de Assis se entendia (se entende) como Igreja, como entendia a Igreja e como se relacionava com a Igreja. Ademais, pretende visualizar a concepção totalizante conferida à Igreja Católica, isto é, sua percepção como referência para toda vida civil e religiosa, em uma perspectiva de reencantamento dela e, através dela, da sociedade, na constituição do que chamo, aqui, de um dossel sagrado.²⁶

26 Inspiro-me no título do livro de Peter Berger, *O Dossel Sagrado*, e na idéia inerente a ele e tão bem figurada na capa do livro (5ª edição), isto é, o mundo e a Igreja como um pórtico ou abóboda sacro, um cosmos sagrado bem definido e estruturado, construído e conversado, a dar plausibilidade e sentido à vida, interpretada a partir dele (BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado*. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo : Paulinas, 2004. 5ª edição).

2.1 DO CORINTHIANS À IGREJA: FIEL²⁷

“Continuarmos fiéis à Igreja de Cristo”, incitava o Pe. Roberto, pedindo a bênção de Nossa Senhora Aparecida para tal (REVISTA TOCA, n. 39, p. 2). Aí está um dos cernes da espiritualidade e missão toqueira: viver profundamente, em fidelidade absoluta, a filiação à Igreja Católica. A identidade católica, para a Toca de Assis, é fulcral. E o entendimento de que só há uma única e verdadeira Igreja cristã, a Católica, se revela com força e pujança na vivência e no discurso da organização. Mas não qualquer Igreja Católica, mas o modelo católico que se coaduna em estrita fidelidade à forma clerical, dogmática e hierárquica do catolicismo.

Em suas cartas ou editoriais na revista *Toca para a Igreja*, o Pe. Roberto costumava se dirigir aos toqueiros e simpatizantes da Toca de Assis como “amados filhos da santa Igreja”. A palavra Igreja, no discurso robertino,²⁸ era acompanhada do adjetivo santa, quase que invariavelmente. Jamais ouvi ou li que a Igreja também fosse, em dialética tensão com sua santidade, pecadora, embora que, ausente tal termo, a prática da Toca de Assis é a de amparar, sustentar e restaurar vidas sacerdotais e católicas que pecam contra a Igreja e a eucaristia. A questão é que quando o Pe. Roberto, e os toqueiros, se referiam à Igreja, referiam-se a uma Igreja bastante definida: à Igreja do papa, da doutrina oficial, do magistério infalível. E, ao se dirigir aos toqueiros, enfatizava, comumente, serem eles os filhos desta santa. Ou seja, gerados por ela e, como bons filhos, em obediência e dependência dela.

A revista mensal da Toca de Assis tinha um nome significativo no lastro da fidelidade incondicional à Igreja. Seu nome, *Toca para a Igreja*, resumia aquilo que a Toca de Assis pretendia ser para a Igreja Católica: um organismo a serviço dela, uma entidade “para ela”. Se escondia neste título, talvez, uma idéia messiânica que entendia a Toca de Assis como um movimento que Deus suscitava e dava à Igreja, uma divina inspiração para ela. Exemplo disso é a edição comemorativa da revista, referente aos dez anos da Toca de Assis.²⁹ Aquele exemplar usou onze de suas trinta páginas a publicar depoimentos de vários bispos e sacerdotes a elogiar a Toca de Assis, descrevendo sua importância para a Igreja. Assim, a Toca de Assis buscava se desprender da imagem de um empreendimento particular/pessoal, sendo legitimada eclesiasticamente. Se é certo que a autoridade eclesiástica legitima a religião, submetendo as experiências locais à universal e, por meio deste reconhecimento da experiência religiosa local,

27 Aqui permito-me uma comparação. O Pe. Roberto, antes de sua adesão mais internalizada à Igreja, era um fidelíssimo e apaixonado torcedor do Corinthians, participante da Torcida Gaviões da Fiel. Ser fiel e apaixonado por uma causa ou entidade parece ser o tom da vida deste sacerdote, que de co-fundador – como consta em sua biografia contada pelos toqueiros- de uma torcida e escola de samba cujo tema é a fidelidade, se torna fundador de uma organização religiosa que se caracteriza pelo zelo radical à determinada fidelidade à Igreja Católica.

28 Neologismo útil, nesta obra, para identificar jargões e formas de articulação do discurso religioso extremamente típicos e constantes do Pe. Roberto Lettieri.

29 *Toca Dez Anos*, edição especial, maio de 2004 a maio de 2005.

fortalece-a (STEIL, 1996, p. 164), então a Toca de Assis, buscando insistentemente colar-se às autoridades eclesiais e a elas prestando fidelidade, procurava ser um rosto oficial e representante legítimo da Igreja Católica.

A Toca de Assis, neste íterim, também procurava destacar sua figura daquelas de movimentos eclesiais que são ajuizados, pela mídia, pela Igreja e pelos estudiosos da religião, como movimentos religiosos de caráter emocional. “Nós não vivemos de sentimento; a fé católica não vive de sentimentos, ela vive da verdade”, dizia um toqueiro. A ele eu havia perguntado sobre os Tocões e sobre a alegria e emoção que eles provocavam nas pessoas. Para não ver confundida a Toca de Assis com organizações eclesiais supostamente sustentadas por encontros emotivos e *shows* católicos, o toqueiro deixava claro que a fé católica a que a Toca de Assis aderira não se sustentava em sentimentos e emoções, numa palavra, em subjetivismos instáveis na vivência da fé, mas na verdade. A palavra *verdade* ganha um tom de oposição a qualquer subjetividade e, deslocando-se a religião dos sentimentos, a fé é compreendida como adesão racional e inequívoca à doutrina, ao magistério e à verdade.

Justamente no momento em que o catolicismo, após o Concílio Vaticano II, começava a se pensar plural, e a articular de forma positiva tal pluralidade, surge a tendência inversa de movimentos eclesiais vários, eles mesmos devedores da pluralidade católica aceita e incentivada pelo Concílio. A Toca de Assis, na esteira da RCC e de movimentos congêneres na Igreja Católica, postula filiação exclusiva ao catolicismo institucional e oficial, rejeição do sincretismo e forte acento no compromisso total à Igreja (MARIZ, 1998). O movimento carismático, por exemplo, e seus frutos, são interpretados, por Oliveira, como uma volta ou endurecimento do axioma “fora da Igreja não há salvação” (OLIVEIRA, 2003, p. 123). Há, no cenário religioso atual, e não só no campo religioso católico, uma volta sedenta ao fortalecimento do dogma, das certezas de fé e fidelidade a elas, frente às incertezas do mundo moderno (CARRANZA, 2004, p. 430). Passa a existir, no mundo plural hodierno, uma tendência identitária, em grupos específicos e religiões, que é anti-sincrética, identificando sincretismo com falta de compromisso e de conhecimento *stricto sensu* da religião, sendo combatido, o sincretismo, mediante um suposto retorno às fontes (LEWGOY, 2006, p. 176). A Toca de Assis é um forte exemplo desta tendência.

A figura do crente toqueiro pode-se definir como em referência a um mundo religioso “a defender contra a concorrência de outras religiões, mas sobretudo a conquistar ou reconquistar às astúcias dos poderes da secularização que minam a autoridade social da instituição religiosa” (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 93). Um pouco a partir desta linha de reflexão, Hervieu-Léger traça um pedagógico paralelo de opostos entre a figura do crente praticante e a do peregrino. Na primeira figura, há prática obrigatória da religião; na segunda, voluntária; em uma, prática normatizada pela instituição; noutra prática autônoma; na primeira, prática comunitária, enquanto

que na segunda, individual; na primeira personagem, prática ordinária; na outra, excepcional (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 109). A Toca de Assis, a partir deste gradiente, se identifica fortemente com a primeira figura, a do convertido, ou mais exatamente, a do reconvertido, daquele que redescobriu a Igreja em toda sua pujança e absoluto institucional, em toda sua carga de unicidade quanto à verdade e à salvação, tornando-a ponto de referência do universo, *axis mundi*, sustentáculo único de Deus e da vida em fidelidade a ele.

A tendência ao retorno à unidade doutrinária, ao seu exclusivismo, à filiação institucional de laços fortes e sem questionamentos está no lastro de reação à sociedade global das incertezas, do risco e do pluralismo, como antídoto para tais “males”. Se reportando a Peter Berger, assim se expressa Teixeira (2003, p. 238), afirmando que “o pluralismo cria uma condição de incerteza permanente com respeito ao que se deveria crer e ao modo como se deveria viver (...) Quando o relativismo alcança certa intensidade, o absolutismo volta a exercitar um grande fascínio”. Neste sentido se lança mão da redução cognitiva, de reafirmação ortodoxa, como expressão de uma tradição sitiada que precisa, através de uma forte paixão religiosa, fazer frente ao mundo anômico, plural e secularizado (TEIXEIRA, 2003, p. 240).

Diante de uma ordem societária que introduz a dúvida, o questionamento, o esfacelamento das autoridades e instituições que regiam mentes, vidas e sociedades, profetas de restauração do antigo regime surgem. O papel do profeta, em seu carisma de função, também é estancar as pequenas narrativas do crer, convergindo-as ou adaptando-as ao crer institucional (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 182). Neste sentido o Pe. Roberto chamava, com sua autoridade dupla de sacerdote e profeta, à regulação do crer, à estabilidade da pertença, à exclusividade da fé.

Em um mundo cada vez mais plural e pós-tradicional, que instala incertezas cognitivas e impele à reflexividade; justamente neste contexto o reconhecimento inequívoco de que, no catolicismo, a tradição está formalizada/acabada e o reconhecimento de que unicamente o magistério/hierarquia católica tem o poder legítimo de controlar e regular questões de vida e fé, e dizer sobre fidelidades a estas observâncias ou não, como descreve Hervieu-Léger (2005, p. 92) sobre a preservação da memória no catolicismo, parece ser uma atitude que se pode inscrever como pós-moderna, pois a modernidade, particularmente uma modernidade avançada, justamente rompe com tais reconhecimentos absolutistas de legitimidade total e inquestionável. Na contemporaneidade, a submissão total a uma instituição religiosa – ou a qualquer outra instituição- é uma atitude pós-moderna no sentido de estar na contramão da modernidade e de seus postulados e comportamentos sociais, respondendo, outrossim e igualmente, à própria pós-moderna, que introduz no mundo atual a fragmentação e a fluidez. Neste sentido, aceder ao catolicismo afirmando-o por meio de sua face mais ortodoxa, tornando-o intransigente, torna-se um meio de

reconhecer no catolicismo um discurso eterno e imutável, a conferir seguranças a um mundo, sociedade e religião em descontrole e em incertezas.

A partir dos axiomas acima expostos, porém, vale agora a pergunta sobre a atração simbólica do cristianismo de tipo católico, ou seja, como o catolicismo, em sua estrutura simbólica e oficial, se expressa e constitui no sentido de ser uma religião que sustenta identidades fortes, protegendo pessoas da anomia e legando sentido a seus adeptos.

2.2 SER CATÓLICO³⁰

Pierre Sanchis pode nos ajudar a desenhar o que é ser católico, e como o catolicismo tende a ser uma religião englobante e total. Se Deus existe, ele não vaga. Deus, em sua atuação e presença no mundo, não estaria solto, volúvel e volátil, mas concentrado numa instituição. Assim a Bíblia sugere, com a eleição, no Antigo Testamento, de um povo que seria o povo de Deus (Israel). Mais tarde, com a eleição de um grupo de pessoas ligadas a Jesus, sob liderança de um apóstolo, Pedro, que seria o representante oficial de Jesus, conforme interpreta a teologia católica oficial. A Igreja Católica, em seu magistério oficial e em seu corpo hierárquico, se entende como a legítima depositária da fé cristã ortodoxa, herdada e transmitida ininterruptamente e sem erro desde o apóstolo Pedro até o atual Papa, através da imposição de mãos na sucessão episcopal, desde os tempos apostólicos. Assim, o Espírito Santo que Jesus teria prometido à comunidade cristã, no sentido de sustentá-la e levá-la à verdade, estaria de forma especial e singular presente na Igreja Católica, através dos bispos, representantes de Jesus Cristo. O Espírito Santo estaria e atuaria de forma única, ou ao menos bastante especial, através da Igreja Católica. Assim, através dela é que o fiel chegaria ao seu Deus (SANCHIS, 1986, p. 9).

Portanto, para a doutrina oficial católica, é a pertença visível, consciente e ortodoxa a esta Igreja visível e definida que se torna elemento constitutivo de acesso a Deus e à salvação (SANCHIS, 1986, p. 13). E isto pela razão de que bispos e sacerdotes são considerados aqueles que, através de sua ordenação, obtêm o poder sagrado de representar, em *persona Christi*, a Jesus Cristo, mediante o poder de presentificar o mesmo nos sacramentos, particularmente os da penitência e da eucaristia. Assim, o poder e a legitimidade únicos e exclusivos do catolicismo, estão ligados à administração dos sacramentos, que são as formas de Jesus tornar-se presente, eficaz ou sensível, entre seus fiéis; e o sacerdote, por sua vez, é o único que pode ministrar os sacramentos, torná-los realidade. O sagrado de Jesus chegaria ao fiel através da

30 Estou ciente de que “ser católico” transcende as características aqui apresentadas. O modelo que apresento, no entanto, quer ser, resumidamente, o modelo sacramental de se entender a essência do catolicismo; melhor, um modelo sacramental ortodoxamente oficial, no qual a Toca de Assis se reconhece.

mediação da pessoa do ministro sacerdotal, ungido e legitimado pela hierarquia (SANCHIS, 1986, p. 11). Na Igreja Católica os conceitos de “sacerdote”, “sacrifício”, “altar” – particularmente quanto ao sacramento da eucaristia-, se concentram em uma ordem sacramental e hierárquica que a Igreja visível constitui e da qual é portadora, sendo o canal da graça divina (SANCHIS, 1986, p. 12). Neste ínterim é fundamental discorrer um pouco sobre aquilo que seria a distinção da verdade na Igreja Católica, o elemento que a faz singular e única, verdadeira representante de Jesus entre a humanidade: o sacramento da eucaristia.

2.2.1 O VIVER ENTUSIASTICO:³¹ EUCARISTIA, LEGITIMIDADE E MISTÉRIO

“Desde sua conversão o padre nunca deixou de comungar, e desde que se tornou padre, nunca deixou de celebrar missa”, contava-me um toqueiro, com muito entusiasmo. A missa, a eucaristia, é o centro da Toca de Assis. Mesmo o serviço aos pobres, na Toca de Assis, era considerado como serviço a Jesus pobre, despojado e rejeitado presente na eucaristia e que devia ser encontrado/visto nos pobres. Serviço aos pobres é serviço eucarístico. O fato da comunhão ininterrupta e da ininterrupta celebração da missa, por parte do Pe. Roberto, sinalizava que vida católica é vida eucarística, e que a eucaristia, cuja oficialização só o sacerdote de mãos ungidas pode realizar, é o divisor de águas entre os que têm e os que não têm Jesus em sua completude e veracidade real e presencial.

O próprio Pe. Roberto frisava que “o fundamento da fé católica é o corpo e o sangue de Cristo” (REVISTA TOCA, nº 47, p. 7). A eucaristia é realçada como um diferencial inequívoco da presença real de Jesus em contraponto com a realização de ritos de ceia nas demais comunidades cristãs, pois, nas palavras do Pe. Roberto, “Jesus na eucaristia não é um símbolo, não é um sinal. Não é comunhão espiritual forte! (...) Acontece a transubstanciação e não a consubstanciação” (REVISTA TOCA, nº 47, p. 7). Falava, assim, aos descrentes de fora da Igreja e admoestava aos fracos na fé eucarística de dentro da Igreja Católica. Mas o discurso tinha endereço certo: os protestantes. O Pe. Roberto usava de termos técnicos, falava de consubstanciação (termo especificamente luterano para designar o ato eucarístico). Portanto, fazia um discurso de oposição, opondo verdadeiro e falso, legítimo e enganoso.

Para Sanchis (1986, p. 6) o conceito nuclear a unificar e identificar o catolicismo está no sacramento. Para que haja força religiosa ela precisa experimentar a objetivação, fixando-se em um objeto sagrado ou que se torna sagrado (SANCHIS, 2003, p. 43-44), que, no caso da Igreja Católica e da Toca de Assis, é a eucaristia, em seu ápice de objetivação sagrada. “Nós católicos temos a graça de fazer a oração olhando para o

31 *Entusiasmo*, palavra derivada do grego que significa “ter/carregar um deus dentro”. O comungar eucarístico, no catolicismo, é interpretado como o receber/hospedar a presença viva e real de Jesus no corpo/alma do comungante.

próprio Deus”, asseverava um toqueiro, “é um mistério insondável, tremendo (...) eu posso estar vendo seu corpo, sangue, alma e divindade”.

A insistência na presença real, na eucaristia, do corpo e sangue de Jesus ganha relevância como resposta à Reforma Protestante (BORGES, s./d., p. 3). É no século XVI, a partir do Concílio de Trento, que a Igreja Católica dá à eucaristia, e ao ministério sacerdotal católico- único a poder fazê-la acontecer- seu caráter de divisor de águas entre a verdadeira Igreja de Jesus e as demais comunidades religiosas. Portanto, em contraponto à pluralidade cristã e religiosa global que ameaçaria universos cognitivos coesos, a eucaristia tem sido recuperada, na Igreja Católica atual, como um centro poderoso de reafirmação de sua unicidade e singularidade religiosa como representante legítima de Jesus Cristo.

Uma peculiaridade referente à eucaristia é a questão do mistério. Em um universo cada vez mais desencantado, científico-técnico, racional, o apelo ao mistério pode fascinar ou ser motivo de franca desconfiança ou rejeição. Neste íterim procedo à minha própria experiência de vida, em dois momentos distintos. Primeiro, quando adolescente de quinze anos, fazendo (tardiamente) a preparação para a primeira eucaristia, junto a um idoso e culto padre jesuíta. Quando ele explicou-me que na hóstia e no vinho estava presente, de forma real, completa, Jesus, perguntei-o: “mas como?”; ao que a resposta foi a de ser tal dogma um mistério, e que só a fé poderia assentir a ele. Lembro-me que eu, neófito piedoso, guardei aquelas palavras e as ruminei muito. Mistério! A partir daquele momento esta palavra passou a participar de minha vida com um vigor invulgar. O mistério fascina. Diante dele se cala, se entrega a vida e a razão. Na era da razão que, ao que parece, muitas vezes não conduz ao paraíso terreno tantas vezes prometido pelo iluminismo Ocidental, o mistério pode cativar de forma insuspeita! Afinal, não são, em seus limites cognoscíveis, todas as religiões sustentadas pelo mistério, mesmo aquelas mais gnósticas (e, de certa forma, talvez até mais estas)?

A outra experiência é recente. Ao explicar a um grupo de adolescentes, numa palestra escolar sobre “religiões”, o significado que a Igreja Católica confere à eucaristia, e que o mesmo não possui explicação estritamente racional, mas está em grande parte na conta do mistério, a reação foi a de impossibilidade. Vi-me diante de jovens que, a maior parte com uma educação religiosa apenas rasa e sem internalização, se mostraram incrédulos e até jocosos com explicação tão sem explicação, ou melhor, sem razão, ou ainda, com mistério. Para aqueles jovens conectados ao mundo digital de computadores e sem maior vivência ou busca religiosa, crer em algo sem plena explicação racional parecia absurdo. Mas é justamente esta a lógica e o encanto, literalmente, do catolicismo – e, por que não, de todas as religiões: crê-se porque é absurdo, já dizia Santo Anselmo. Conforme Mauss (1979, p. 140), o rito prescinde da técnica. As forças que nele atuam são intrínsecas a ele. Nele existe um poder

imane que faz, por si, a eficácia. Assim é no mistério eucarístico: o sacramento se faz intrinsecamente. Assentindo a fé ou não, o mistério se faz presente, lógico ou absurdo que seja.

E quem crê no absurdo? Quem tem a graça de tal fé. E quem tem a graça da fé de crer no “absurdo” eucarístico? “Nós católicos temos a graça de fazer a oração olhando para o próprio Deus”, respondia o toqueiro. A eucaristia, seu significado “absurdo” e a fé nela, devido à graça de Deus que a produz, é privilégio dos católicos. Aqui está o singular do catolicismo: um Deus presente. E isto não como força de expressão; não como símbolo (calvinismo); não como “presença espiritual”, fluida, um tanto abstrata; não como uma sensação de sua presença. Não! É um Deus literalmente presente. Está lá, na hóstia, em cada grãozinho (partícula) dela, em cada gotinha de vinho, em cada fragmento. Estão lá, misteriosamente, sob aparências (acidentes, na terminologia católico-tomista), a carne, os órgãos corporais, o sangue, a alma, a divindade: Jesus todo. O catolicismo apresenta um Deus presente como nenhuma outra religião parece poder apresentar: em carne e osso! Claro, para quem tem a “graça da fé”! E quem tem tal graça, que “sabe” o mistério, senão o católico? Conviver com Deus em carne e osso: eis o mistério da fé!

“A gente dorme pela casa. E eu procuro ficar bem próximo à porta da capela. Eu falo assim ‘estou a menos de 4 metros de Deus’, durmo do lado de Deus e acordo do lado de Deus”, revelava um toqueiro. Dormir ao lado da hóstia, estar constantemente ao lado de Jesus, expressa um desejo de viver em um mundo permanentemente encantado, completamente sagrado e misterioso, que abrange todos os momentos da existência. Vida e mundo imersos na experiência constante do sagrado, em oposição a um mundo dessacralizado. O estilo comunitário-afetivo religioso é, sem dúvida, um fenômeno forte em resposta ao mundo racionalizado (PEREZ, 1996, p. 6). Dormir ao lado do sacrário é significativo. É ter Deus de forma imediata, presença constante, forte, sensível, íntima, total. É buscar uma experiência do Deus que não se afasta, que dá segurança. Ter Deus à flor da pele. O apelo eucarístico é o apelo da intimidade física com Deus em um mundo cada vez mais virtual, e mesmo em que, na família e nas demais relações humanas, a distância e o anonimato parecem prevalecer. Neste sentido, ter sensações físicas perante o sagrado, tocar o sagrado e deixar-se tocar por ele (SILVEIRA, 2003, p. 147), através do pão físico que é Deus, se torna algo de incomensurável experiência sensorial.

Se, a partir do período medieval, desenvolveu-se, de forma mais acentuada, o culto aos santos- tidos como mais próximos dos humanos, diante de um Deus ou Jesus monarca e Senhor, distante e terrível-, o inverso parece revelar-se, hoje, nos movimentos afetivo-emocionais dentro do catolicismo, em que se recupera o Jesus irmão, amigo, do amor, próximo; e, neste veio, está a redescoberta da eucaristia como o centro do encontro com Jesus.

A eucaristia redescoberta como centro do catolicismo parece-me, também, um fruto legítimo da racionalidade moderna. Se Tomé, um moderno fora de tempo, queria “ver para crer”, os católicos modernos também necessitam saber, ver, sentir, para crer, ou crer para saber, ver e sentir. Na verdade há um diálogo dialético quanto à precedência de um fator ou de outro: sabe-se e, então, se crê; crê-se, então se sabe. A sensibilidade moderna, guiada pela racionalidade, valoriza aquilo que é real, ou que se crê como real. Um Deus apenas muito espiritual e invisível, para tal sensibilidade, talvez não seja o mais adequado. Vale mais um Deus que está realmente (com ou sem aspas, mas, para os católicos, sem aspas) presente, visível, palpável, ali ao lado. Portanto, para uma sensibilidade religiosa moderna e pós-moderna, dependentes, a um tempo, do racional e do afetivo, como matrizes da fé, ter a Deus, vê-lo, tocá-lo, senti-lo, faz todo sentido.³² A Igreja Católica, neste sentido, faz todo sentido para sensibilidades religiosas atuais, através do mistério da eucaristia. E, neste ritmo, o mistério passa a não ser mais tão misterioso. Encantado sim, mas racionalmente encantado. Afinal, se o tremendo e absurdo que caracterizam o mistério também se impõem, na adoração ao santíssimo sacramento, também se revelam³³ a proximidade e a epidermidade da presença de Deus, convivendo lado a lado com o crente. Já não se cala, apenas, diante do mistério. Racionalizado, ele já não se mostra opaco, mas revelado. Jesus já não se esconde sob a hóstia. As pessoas veem Jesus, não mais a hóstia que o ocultaria.

Ser católico é ser eucarístico. Dizia o Pe. Roberto que “quem nega a missa, nega o corpo de Deus, nega a Igreja Católica. E daí para frente as conseqüências são terríveis” (REVISTA TOCA, nº 70, p. 8). Ser católico é saber que o pão não é pão, mas Jesus. Quem nega este “saber”, nega o catolicismo. Mas nem tudo está perdido. Se há os que negam, há os que afirmam, e afirmam em cruzada purgativa por aqueles que negam. Aí estavam os toqueiros. “Quando eu vejo a juventude da Renovação tocando Jesus no ostensório, vejo como Deus está restaurando sua Igreja e voltando a fazer dela uma Igreja eucarística, que crê na presença real de Jesus no sacramento” (REVISTA TOCA, 2005, p. 6), dizia um padre.

O Pe. Roberto, por sua vez, era considerado um grande adorador. Mais. O coração do Pe. Roberto era considerado um “coração eucarístico” em que se manifestava “a doce presença e amor de Nosso Senhor, se dando diariamente” (REVISTA DA TOCA, nº 43, p. 5). Ou seja, um coração no qual Jesus, vivo e atuante, moraria, dirigiria e, nele, se manifestaria.

Os toqueiros cultivavam a adoração contínua à eucaristia. O revezamento dos toqueiros na adoração eucarística era chamado, pelo Pe. Roberto, de relógio eucarístico.

32 Nos dois sentidos da palavra sentido: sentir no sentido epidérmico, objetivo ou sensorial e sentir no sentido emotivo e subjetivo.

33 O que se revela, ou desvela, perde o mistério, pois se torna manifesto ou patente.

Assim, a vida do toqueiro seria um relógio eucarístico, girando em torno da adoração ao corpo de Jesus Cristo na hóstia consagrada.

Não por último é preciso chamar a atenção de que, embora pólo central de identidade do catolicismo, a eucaristia, como os demais sacramentos centralizados como forma de identidade e de se viver o catolicismo, é *uma* forma de identidade do catolicismo. É a forma de identidade do catolicismo de salvação individual, ancorado nos sacramentos que, segundo Oliveira (2003, p. 127), é *a* forma de catolicismo oficial, e neste sentido, formas outras de catolicismo seriam interpretadas como desviantes ou subsidiárias deste. Ora, justamente congressos eucarísticos e movimentos católicos oficiais em torno da eucaristia foram usados pelo clero, no Brasil, desde o início do século XX, para o intuito não só da romanização, mas para a “reespiritualização e combate ao catolicismo de ‘fachada’”, inculcando a ortodoxia e o *habitus* religioso oficial entre os católicos (AZEVEDO, 2002, p. 54). Assim que, a Toca de Assis, quando faz de sua referência católica central a eucaristia, em um estilo que evoca adoração e submissão completas ao seu mistério e dogma; e, ao mesmo tempo, quando salienta o combate espiritual ou restauração à Igreja quando esta se mostra tibia quanto à eucaristia, se revela, a Toca de Assis, como uma organização religiosa de recatolização a partir de uma gradiente que gira em torno de temas como instituição normativa, doutrina, magistério, exclusividade católica e tradição.

2.2.2 MANIFESTAÇÕES DE UM CATOLICISMO TOTAL E TRADICIONAL: FORA DO MISTÉRIO NÃO HÁ IGREJA

“Há uma onda de contestação querendo arrancar o mistério da Igreja e, tirando esse mistério, arrancar também o mistério do altar (...) tirar todo o sacro de nosso coração (...) claro que é muito óbvio isso!...” (LETTIERI, 2002, p. 11). É óbvio, para o Pe. Roberto, que Igreja sofre ataques que visam diluir seu mistério, seu caráter sagrado. O nome dos inimigos pode variar: Teologia da Libertação, RCC, sociedade civil secularizada, relaxamento da hierarquia quanto ao acento no mistério cristão. Para o Pe. Roberto a Igreja Católica está fundada na mística de seus mistérios de fé, sendo a eucaristia o maior deles. Porém, o mais grave é que “ondas” que minimizam o acento do mistério nos ritos, doutrinas e hagiografias, pervadem o “coração” dos fiéis. Quando padres e bispos não dão maior ênfase aos aspectos místicos da fé católica, estariam, por tabela, a fazê-los menos presentes, também, nas sensibilidades religiosas dos católicos. “Estão tirando o mistério da Igreja, a verdade. A verdade não é racional, de estudos; a verdade é mistério, só a fé pode entender. Hoje se prega muito tolerância. Mas a gente não pode fechar os olhos para as heresias”, afirmava um toqueiro. A afirmação de uma verdade exclusiva e a crítica à tolerância estão, de certa forma, na contra-mão de uma sensibilidade pós-moderna e relativista, opondo-se à mesma, que corroeria verdades e mistérios dantes bem conversados, pois “a denúncia do imperialismo da verdade é uma figura exemplar do pós-modernismo: o processo de

personalização dissolve uma última rigidez e cume, trabalha para a produção de uma tolerância *cool* através da afirmação do direito às diferenças, desfiliadas estas de toda autoridade suprema” (LIPOVETSKY, 1989, p. 107). A tradição, no entanto, quer definir um tipo de verdade para o qual não se cogitam alternativas, pois quer ser estrutura inquestionável, com aura eterna (GIDDENS, 2002, p. 52).

Mas por trás da “onda de contestação” do mistério e da verdade se esconde o articulador que se oporia a tudo que é bom, sagrado, verdadeiro: o pai da mentira, o Diabo.

O Diabo atua de forma sutil, pelos prazeres, pela ganância, pelo poder, pelo ter (...) pelo questionamento da fé católica, que é um dos piores; a ação do demônio é... historiadores, filósofos, teólogos, estuda tudo, desculpa eu falar isso aqui na tua frente, estuda, estuda pra ser burro, questionar aquilo que a Igreja ensina a 2000 anos, desabafava um toqueiro.

O Diabo, portanto, é aquele que, silenciosamente e sem se fazer perceber, manipula pessoas para que questionem a fé. Na teologia liberal católica, particularmente após o último Concílio, o Diabo é substituído pelo mal enquanto termo genérico (COPEGUI, 1997, p. 327-339). Contudo, o imaginário sobre o Diabo, na RCC e nos novos movimentos católicos, retoma o mundo mágico e encantado medieval (CARRANZA, 2000, p. 199) que estaria a influir poderosamente sobre este mundo e sobre a Igreja. A antiguidade da Igreja e de sua doutrina também é acionada como indicador de verdade a ser crida e preservada contra o inimigo da racionalidade moderna. O apelo ao tempo de existência da instituição, como legitimador de seu ensino e de sua própria existência, enfim, de sua autoridade, faz parte de uma das características fundamentais que visa à legitimidade da instituição diante de seus adeptos, ou seja, a historicidade, o passado, o longo período de tempo (BERGER, 2002, p. 168).

O estudo – inclusive teológico – e a aliança entre Igreja e sensibilidades modernas e seculares, eram considerados uma mistura explosiva: explode a Igreja, o mistério, a fé. “Hoje, parece, os cristãos estão misturando aquilo que é santo, que é da Igreja, com aquilo que é secular, mundano” (LETTIERI, 2002, p. 36). Como impedir tal mistura? Como lutar contra ela? Valei-me, São Miguel! Sim, São Miguel Arcanjo, anjo guerreiro, que derrota o Diabo, colocando-o, na iconografia católica, abaixo de seus pés, era cultuado de forma especial nas casas da Toca de Assis. Não havia casa da organização que não portasse uma imagem ou figura de São Miguel Arcanjo. Orava-se bastante a São Miguel Arcanjo, e o tempo litúrgico da quaresma era, na Toca de Assis, cognominado *quaresma de São Miguel*. A sensibilidade religiosa na Toca de Assis era, em muito, devedora da devoção a anjos e santos. Indicando a devoção a São Miguel Arcanjo e ao “mistério da batalha espiritual” (REVISTA TOCA, nº 38, p. 2), – cujo ícone é o anjo Miguel- o Pe. Roberto buscava combater, através da oração que invoca o anjo, a diluição do mistério e da fé na Igreja.

Ao valorizar o mundo angélico, tanto dos anjos bons como dos anjos caídos, percebe-se que a Toca de Assis se cobria de uma determinada estrutura teológica em sua base da fé e do mistério, isto é, uma visão de mundo em que forças sagradas estão continuamente a permear, influenciar e dirigir os humanos e a sociedade (BERGER, 2004, p. 47). Ademais, a valorização que a Toca de Assis dava aos mediadores, seja o arcanjo Miguel ou os padroeiros São Francisco de Assis e Santa Catarina de Sena, apontava para o modelo de “religiões que cultuam santos como modelos de conduta (...) [e] sistemas ideológicos que preservam a memória dos heróis e mártires encontram um caminho fecundo para seguir iluminando o caminho das novas gerações” (BINGEMER, 1998, p. 86). Quando faltam heróis modernos, no campo da política, dos ideais; quando desaparecem ideologias e sonhos comuns, e se instala a incerteza e o risco na sociedade (e na Igreja), entram os antigos heróis que oferecem modelos de vida seguros e exemplares. Assim, há, em uma sociedade e Igreja marcadas por incertezas, a volta a projetos de neocristandade e teocracias (AZZI, 2008, p. 164).

O sagrado, o sacrossanto, o mistério e o sobrenatural avam o tom católico da Toca de Assis. Tudo aquilo que era suspeito de ferir ou diminuir esse dossel era denunciado e rejeitado. “Não entrem na onda feminista, sejam mulheres segundo Deus”, dizia o Pe. Roberto (REVISTA TOCA, 2005, p. 6). Teologias contemporâneas e questões contemporâneas que fugissem a paradigmas tradicionais ou idealizados como tais eram tidos como grave ameaça à estrutura sagrada da Igreja e, mesmo, à vivência secular (que não deixava de ser, para os parâmetros totais da Toca de Assis, uma extensão do religioso).

Por exemplo, a questão ecológica parecia estar ausente na Toca de Assis. Dado que São Francisco de Assis é considerado o padroeiro da natureza e dos animais, e que o franciscanismo, tradicionalmente, é visto na perspectiva de uma ligação com a defesa e valorização da natureza, é estranho que o tema ecologia fosse omitido na Toca de Assis. Nunca li ou ouvi, de toqueiros, algo relativo à questão ecológica, por mais trivial que fosse. Por quê a Toca de Assis, no lastro franciscano que lhe faz sombra e inspira, não tinha um discurso acerca da natureza, da ecologia? Talvez porque tal discurso, por mais franciscano que possa ser, era e é sinal de uma tendência da Igreja em se apresentar ao mundo com uma mensagem puramente ético-racional, em um pacto com os grandes temas seculares que também viriam a secularizar a mensagem da Igreja? (NOVAES, 2006, p. 135-136). É possível. Ademais, em movimentos religiosos de afinidade à RCC ou tradicionais, “não se verificam em seus discursos uma preocupação com as questões ambientais e naturalistas, o foco recai mais fortemente sobre o hedonismo e o materialismo do mundo contemporâneo” (MARIZ & MELLO, 2007, p. 59). Assim, ecologia, feminismo, temas raciais, entre outros que estão na agenda da modernidade, enquanto discussões que questionam e implicam olhares críticos, estavam ausentes.

Movimentos de resgate da tradição e de sua afirmação exclusiva têm como característica o fato de que “enuncia certos temas da tradição como os únicos legítimos da ordem tradicional e contrapõe-nos à situação existente” (EISENSTADT, 1997, p. 52). Portanto, não se questiona a questão de gênero; é silenciada a questão político-social que gera a pobreza e a miséria; não se toca na questão racial. Tudo o que se afigura como tema da agenda moderna é passível de desconfiança, quando não de combate. A exceção costuma estar na agenda tecnológica e na arte e expressões emocionais modernas, que eram bastante presentes na agenda da Toca de Assis. A relação que a Toca de Assis estabelecia, em (pouco) diálogo, com as agendas modernas “são relações cujos interesses estão no poder de gestão de bens religiosos, na conquista de posições hegemônicas (...) o poder de definir a legitimidade e o dever de submeter-se ao controle de quem possui e usa legitimamente a posse política da eficácia simbólica” (BRANDÃO, 1988, p. 45). Quer dizer, estaria em jogo a luta simbólica pelos temas considerados legítimos, e os tais, para a Toca de Assis, estariam sob o poder da referência religiosa, católica e tradicional, aos quais os demais temas deveriam se submeter ou se diluir.

2.3 OS ESTRANHAMENTOS DA TOCA DE ASSIS

Quando a eficácia simbólica perde força, são os pequenos grupos que conseguem restaurar, em sua resistência, esta eficácia (MAFFESOLI, 2006, p. 144). Esta constatação de Maffesoli joga luzes sobre a análise de novos movimentos religiosos, particularmente os de orientação católica. A Igreja Católica, colocada no chão raso da similitude e igualdade diante de outras organizações religiosas na sociedade/Estados atuais, que se querem laicos, seculares, iluministas, racionais e democráticos, perde seu poder dantes conhecido e exercido. Como se não bastasse o golpe exterior, veio o interior, em que, após o Concílio Vaticano II, a Igreja se abre um pouco mais ao mundo secular, fica mais condescendente com ele e faz um regime simbólico, despojando-se de vários símbolos particulares fortes: deixando o latim e falando a língua do povo; diminuindo o número das vestes sagradas e adotando as vestes do povo; dizendo-se como “povo de Deus”; fazendo de padres, operários, e de operários, leitores e líderes da palavra sacra; fazendo um pente fino na hagiografia e economizando na imagética, nos *Te Deum*, nas invocações, nos sacrifícios. Enfim, trocando a palavra hierarquia por povo; magistério por colegiado “democrático”;³⁴ teologia e metafísica por história e crítica literária; sacristia por sindicato e associações; confissão por psicologia; céu por terra.

34 “A Igreja não é um organismo político, clama-se, e, logo, não é uma democracia. Se a Igreja fosse uma democracia, de vez em quando faria um referendo, o que seria ceder a um ‘conceito empírico e estatístico’ de verdade. Cada um teria a sua verdade, o direito à sua voz (e voz alta), as quais valeriam tanto como as do Magistério, da Revelação e da Tradição juntos – o que não sossega a noção muito católica de autoridade” (COSTA, 2007, p. 300; COSTA, 2009, s./n., em que acrescenta a observação do frade dominicano português Frei Bento Domingues, que adverte: se a Igreja não é uma democracia, por outro lado não deve ser uma ditadura).

Saudosista ou não, fato é que a Toca de Assis é um destes grupos que resistem no que julgam ser a verdadeira Igreja dentro da Igreja. Grupo que, como outros – cito aqui, como exemplo, os Arazos do Evangelho –, busca constituir um universo simbólico que recupera imagéticas e performances olvidadas, reforçando devoções, ideários e doutrinas ajuizadas como tradicionais e eternas. Assim, a partir do estandarte simbólico que visibilizam e tomam como sendo a verdadeira Igreja, causam, muitas vezes, estranhamento perante a Igreja, seja estranhamento positivo ou negativo. Alguns podiam perceber a Toca de Assis como anacrônica e representante de uma Igreja que deixou de existir, entrincheirada em ideias e interpretações obsoletas. Perceberiam na Toca de Assis um grupo de idealistas que teriam como ideal a Idade Média, procurando reconstituí-la e oferecê-la à Igreja como modelo do que é ser Igreja. Em outros o estranhamento se daria por vias positivas, pois perceberiam que a Toca de Assis é um recado de Deus à Igreja que cedeu por demais ao mundo moderno e se desencantou. Fato é que, estranhamento positivo ou negativo, a Toca de Assis, com sua imagem, seu catolicismo e sua ação social, causava e causa estranhamento.

A Toca de Assis manifestava, ainda, outro estranhamento à Igreja Católica: o de ser uma organização religiosa católica, ao estilo de congregação religiosa, que tinha como um de seus pilares principais o velar, rezar, batalhar pela Igreja Católica que sofre a tibieza e desrespeito quanto aos símbolos católicos, notadamente seu símbolo máximo, a eucaristia. E, claro, alimentando este pilar estaria uma inevitável crítica à Igreja que se afasta da verdade e da piedade.

2.3.1 IGREJA CATÓLICA VIA TOCA DE ASSIS: DESCORTINANDO A IGREJA

Na revista da Toca de Assis um leigo católico testemunhava que “com a chegada da Toca de Assis em Dourados eu conheci a plenitude da Santa Missa (...) Hoje eu confirmo através da Toca: a verdadeira e única Igreja de Jesus é a Igreja santa e católica” (REVISTA TOCA, n. 30, p. 5). Notam-se, neste depoimento, dois contrastes, ou estranhamentos positivos, para usar do termo: primeiro, que é *através* da Toca de Assis que Jairo – este é seu nome – conhece a plenitude da missa. Não havia padres em Dourados antes? Bispos? Missas? É a devoção específica da/na Toca de Assis, e o entrar em sua dinâmica, que revelava a ele algo que nenhum outro padre, por mais piedoso ou bom padre e teólogo que fosse, pôde revelar antes. Em outras palavras, a Igreja Católica chegava a Dourados, em sua plenitude, com a Toca de Assis. É a Toca de Assis que revelava a Igreja imaculada, verdadeiramente católica, sem ruídos, sem interferências. É a Toca de Assis que fazia abrir corações e olhos à Igreja e à eucaristia. O segundo contraste: é *através* da Toca de Assis que se revelava que a Igreja Católica é a verdadeira e única Igreja. E isto por meio da eucaristia.

“Outro dia chegou um moço aqui e disse que depois de ter visto a gente na missa, a missa para ele nunca mais foi a mesma. Ele vai para a missa hoje e ele sente a presença de Cristo”, dizia um toqueiro. Antes de conhecer a Toca de Assis, missa também era

missa, eucaristia também era eucaristia. O que aconteceu? Jesus foi sentido, em sua presença eucarística, depois de o “moço” “ter visto a gente na missa”. Jesus via Toca de Assis. A Toca de Assis faria, mediante sua performance imagética,³⁵ que pessoas percebessem, através da simbologia exposta pelos toqueiros em sua devoção, algo a que não tinham se dado conta antes, ao menos em toda sua plenitude: que Jesus está na eucaristia. A Toca de Assis *fazia* as pessoas *sentirem* isto. Se o mote franciscano primitivo dizia/diz “despi Francisco e vereis Cristo; vesti Cristo e vereis Francisco”, a Toca de Assis, mediante a vida, do jeito, da devoção de seus membros, recuperaria e atualizaria o velho axioma: ver a Toca de Assis é ver mais de perto Jesus e a Igreja.

Quando a Toca de Assis revelava a Igreja e Jesus aos que por ela eram tocados, revelava um modelo de Igreja, ou, o modelo de Igreja. Para a Toca de Assis seria insano dizer que ela revelava um determinado modelo de Igreja, pois que pensava e cria revelar a Igreja em sua exclusividade. “Na Toca eu aprendi o valor dos anjos na nossa vida, anjo da guarda, São Miguel Arcanjo, príncipe da milícia celeste (...) é aquele que me protege, a quem eu posso recorrer nas minhas dificuldades. A Toca me ensinou a conhecer a Igreja” testemunhava um leigo. A Igreja, portanto, é aquela dos anjos, do anjo da guarda, da milícia celeste. Uma Igreja que omita a angelologia não é Igreja no sentido pleno, pois peca por omissão, não se diz toda, não revela seu edifício místico. Ailton e Terezinha, de Itabuna, na Bahia, afirmavam que “A Toca tem nos ensinado a amar e adorar Jesus sacramentado” (REVISTA TOCA, nº 60, p. 6). “Para mim tudo é muito recente. Tem muita coisa de Igreja que eu não sei, que eu estou aprendendo na Toca”, dizia outro leigo. Não aprendeu na catequese? Ou na preparação para a Crisma? Ou nas missas e homilias de sua paróquia? Nas leituras que fazia? Há coisas, muitas, que ele não sabia da Igreja. Por quê? Teria a Igreja omitido tais “coisas” em sua pregação atual? Em seus recentes lançamentos editoriais? Em sua catequese? Criava-se, de certa forma, uma dependência do conhecer a verdadeira Igreja através da Toca de Assis. Exagero? “Eu não sei o que é ter uma vida de conversão fora da Toca”, dizia o mesmo leigo.

Organizações como a Toca de Assis e como o movimento Neocatecumenal, por exemplo, combatiam mais do que um desconhecimento de Deus, mas uma negação ostensiva e pecaminosa dele: a vontade de ateísmo, a incredulidade agressiva, a decadência de um mundo prostrado à corrupção espiritual, numa luta entre fé e incredulidade, cujo remédio a esta última é a conversão, penitência e renúncia ao mundo (COSTA, 2006, p. 103).

35 Lembro que aqui não uso a palavra *performance* no sentido pejorativo de falseamento de consciência ou simulação de estilo. Penso que tais aplicações não cabem aos toqueiros. Uso a palavra em seu sentido mais puro e desprovido de segundas intenções: há, de fato, uma determinada performance naquilo que somos e fazemos, no nosso estilo de vida. Viver é estilizar, é ser performático de alguma forma. A mais sóbria das pessoas, a mais sem expressões particulares, também tem aí uma performance.

É contra o mote “eu sou católico, mas à minha maneira” (BRANDÃO, 1988, p. 50) que a Toca de Assis e movimentos congêneres se insurgiam, talvez sem se dar conta de que também eram *um modo* de ser católico. Mas tais movimentos se entendem como sendo “puramente católicos”. “Como toda identidade que o grupo busca atribuir a si próprio é construída em oposição a outro” (CALDEIRA, 2004, p. 108), as identidades assumidas e realizadas- em nível individual e grupal-, na Toca de Assis, também eram respostas a modelos de Igreja que pecariam pela sua “frouxidão” frente ao mundo e “traição” da herança verdadeiramente católica.

2.3.2. A DIMENSÃO TENSIONAL EM RELAÇÃO À IGREJA

A Toca de Assis sustentava, em boa escala, um discurso e uma prática a partir do contraste. Com isso não quero dizer que a Toca de Assis era o que era pelo contraste; ou que seu sustento único, ou maior, fosse gerido pelo discurso de oposição. Mas digo que, em muito, sua estrutura simbólica estava baseada nesta âncora. Se sua estrutura simbólica tinha, em um idealismo da tradição católica e de seus elementos, um marco forte, tal estrutura simbólica só se fazia notar, como estranhamento a muitos, ou como resgate de tradições, porque justamente havia – há- certa ausência desta estrutura no catolicismo hodierno, ou, ao menos, se tornara mais rala, nos últimos anos na Igreja Católica, tal estrutura simbólica.

Aqui quero destacar, primeiramente, apenas alguns trechos de frases públicas do Pe. Roberto, retiradas de seus livros. Vejamos: “Há uma corrente, e nós sabemos disso, que está tentando minimizar e colocar a Igreja Católica em um nível geral com outras igrejas” (LETTIERI, 2002, p. 9); “É muito doloroso ver um bispo trair a Igreja de Deus, um sacerdote trair e negar a presença real de Jesus no santíssimo” (LETTIERI, 2002, p. 39); “O pecado da insensibilidade nos traz acomodação, e são muitos e muitos católicos, são muitos consagrados e consagradas, escutando Deus, mas não querendo obedecer. Ao coração da Igreja esse pecado é muito dolorido” (LETTIERI, 2003, p. 21); “A barca de Pedro hoje está sendo corroída por dentro, como que por cupins, com alto poder interno de destruição” (LETTIERI, 2002, p. 78).

O Pe. Roberto, e os toqueiros, não negavam fogo amigo contra a Igreja. Claro, o motivo alegado era o amor pela Igreja, pois “assim como um pai corrige o filho, o padre também fala por amor à Igreja”, contava-me um toqueiro. O que revela que o Pe. Roberto era tido como um profeta que advertia, por amor, a Igreja de seus erros, reconduzindo-a à pureza e originalidade. Pincei estes quatro exemplos, vindos da pena robertina, para desenvolvê-los. A última das frases aqui colhida é muito séria, traduzindo e sintetizando as demais, ou a consequência das demais: a barca da Igreja está fazendo água. A Igreja está em perigo. Afundará? A promessa de Jesus, na Bíblia, é de que não afundará (Mt 16, 18). Mas também, já no tempo que a Bíblia testemunha, a Igreja conhecia conflitos e “falsos profetas”. E assim parece ter sido por toda a história da Igreja: uma luta renhida entre o comandante da barca e os cupins. A Igreja

primitiva contra as primeiras heresias teológicas marcionitas, nestorianas, gnósticas, montanistas; após, nas disputas com a Igreja do Oriente e contra o poder político que a queria submeter, submetendo-o a ela; contra os cátaros, valdenses, hussistas, no medievo; depois, a grande batalha contra Lutero, Calvino, Zwinglio; mais tarde os inimigos eram os enciclopedistas, o iluminismo, a ciência e o pensamento livre, autônomo; depois os socialismos, os comunismos, as livres associações, a libertação feminina; agora... bem, são tantos os “inimigos”... Como visto, a maioria dos inimigos da ortodoxia arrolados acima eram internos à Igreja, brotaram de suas carnes. Aí concentrava-se a Toca de Assis: no cupim caseiro, o pior deles.

Quem eram estes cupins? Seriam leigos túbios na fé, na doutrina? Sim. Mas por quê os havia? Quem pecaria em sua direção doutrinária e espiritual? A denúncia era grave, e explícita: são sucessores dos apóstolos, bispos, e muitos padres que estão a “trair” a Igreja. A palavra traição lembra uma personagem bem conhecida e fundamental no cristianismo: Judas Iscariotes. É interessante que, na maior parte das altercações teológicas dos últimos decênios, acusações de desvios teológicos e de práticas litúrgicas e pastorais desviantes da ortodoxia eram apontadas e mesmo caladas com o rigor das sanções romanas. Mas, publicamente, quase sempre eram tratadas em nível das disputas teológicas internas e da diplomacia eclesiástica. Bispos “vermelhos”, padres de “passeata” eram enumerados. Mas, quase sempre, tudo ficava no nível da questão política, das ideologias assumidas, do marxismo que se “infiltra” na Igreja. O Pe. Roberto, contudo, foi além. Reconheceu que há “correntes” perigosas na Igreja. Porém, as tais estariam a corroer a Igreja por dentro, e o mais grave, naquilo que, como vimos, “era”, por assim dizer, a Igreja Católica, um de seus baluartes identitários de maior envergadura: a eucaristia. A peçonha protestante, ou atéia, ou ainda agnóstica, chegara à Igreja: padres e bispos que negavam a presença real de Jesus na eucaristia. Que perderam a fé. Que traíam a Igreja naquilo que ela tem de mais precioso e particular: o próprio Jesus presente.

A Igreja Católica, ao mesmo tempo em que era enaltecida pela Toca de Assis como única e legítima Igreja de Jesus Cristo, como depositária completa da revelação divina e dos ensinamentos cristãos, era, ao mesmo tempo, percebida com um déficit de instrução sobre santidade e sobre um dos seus principais elementos sagrados, a eucaristia. A Igreja, no discurso toqueiro, ganhava uma ambiguidade radical: por um lado era tudo, era a santa Igreja; por outro lado pecava por parcimônia, tibieza, falta de testemunho. Porém, o que maculava a Igreja não era ela própria, em sua essência, mas a infidelidade, ou “traição”, de seus representantes.

E, no tocante a isto, a Toca de Assis tinha uma atenção toda especial aos sacerdotes e hierarcas católicos. Não lhes questionava o poder e autoridades sagradas, de forma alguma. Ao contrário, enaltecia-os. Contudo, justamente por causa deste alto grau de reconhecimento do poder sagrado sacerdotal, é que a crítica aos ministros

religiosos se tornava mais aguda e pesada quando os tais não eram, percebidos como dignos, ou desempenhando com dignidade a função que lhes cabia. Recomendava o Pe. Roberto, para os toqueiros e leigos: “Não abandone a missa – mas a missa de quem adora, de quem é profeta, de quem sabe dizer o que Deus quer” (REVISTA TOCA, nº 43, p. 6). Por terem um papel central quanto à interiorização da mística e da doutrina católicas, eram eles, os ministros religiosos, quando considerados pouco devotos e pouco empenhados em sua catolicidade e na transmissão da mesma – segundo a avaliação e os padrões toqueiros-, que eram responsabilizados como artífices dos buracos na barca de Pedro.

O Pe. Roberto não poupava sua oratória, em eventos públicos, para a crítica a uma parte da Igreja que estaria trocando a “loucura do evangelho” pela lucidez do mundo secular. Para ele:

Toda pregação do evangelho é uma loucura, diz São Paulo (...) querem [alguns sacerdotes] amoldar a pregação a conceitos humanos, fazer da sabedoria de Deus a sabedoria dos homens (...) Nenhuma pregação do evangelho pode ser natural, mas loucura de Deus (...) hoje quantos católicos abandonam a Igreja porque não ouvem a loucura de Deus, mas sabedoria dos homens, que não traz vida nova a ninguém (...) a palavra de Deus não é anunciada com o vigor, entusiasmo que ela merece (...) Você vai nas paróquias, muitas vezes, escuta, escuta, escuta as pregações e é tão natural. E onde está a loucura de Deus?³⁶

O problema é que a Igreja, ou parte dela, estaria a ceder ao natural – em oposição ao sobrenatural-, à “sabedoria dos homens”, isto é, amoldando-se a percepções da realidade e da sociedade influenciadas por narrativas não sempre explicitamente ou exclusivamente religiosas. Faltaria, à Igreja, discernir o santo do profano, o que é de Deus e o que é do ser humano, “o dom do discernimento dos espíritos que tanto tem faltado à Igreja” (REVISTA TOCA, nº 37, p. 6). Quem perderia com isto? A Igreja, os fiéis que não encontrariam mais, no discurso de sua Igreja, os elementos da “loucura” do evangelho que os levaria a Deus.

2.3.3 FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO

Se a identidade construída na Toca de Assis enquanto defesa e retorno a um catolicismo de lastro exclusivista e totalizante podia conferir segurança diante de um mundo sem âncoras definidas, ela tinha, por suposto, outro lado: o de fechamento dentro da religião que leva a ver o outro, o diferente, como portador de mensagem falsa (SODRÉ, 2004, p. 22). Um toqueiro traduziu um pouco do pensamento da Toca de Assis referente ao diálogo e convivência com as demais Igrejas cristãs, só para ficarmos no âmbito do cristianismo:

36 Anotações pessoais sobre uma pregação do Pe. Roberto no evento *Toca Rio*, colhidas em 06/07/08.

Eu vejo [o ecumenismo] como o papa ensina: a Igreja Católica não é irmã de nenhuma outra Igreja, é mãe e... quanto a ecumenismo e tudo mais assim tem que tomar cuidado para não se tornar um sincretismo, tipo vamos fazer uma religião com aquilo que une; não, se quiser vão se unir com a Igreja, com a verdade. A Igreja de Jesus é única, santa, católica, apostólica, acabou.

Ecumenismo, para a Toca de Assis, era uma via de mão única: reconhecer a verdade toda inteira na Igreja mãe, a Católica, e a ela retornar as demais comunidades cristãs. Isto, aliás, não está tão distante do modelo de instituição total da Igreja Católica. Conforme Libânio: “Toda vez que a instituição é mais importante que a expressão da fé, o ecumenismo não é possível. Também conosco, católicos, quando nossa visão institucional se sobrepunha à nossa leitura teológica, não queríamos ecumenismo”³⁷.

Se para a Toca de Assis o diálogo interno com modelos eclesiais e teológicos era feito sob tensão e desconfiança, ele simplesmente inexistia para fora da Igreja. O tema “outras Igrejas” era ignorado na Toca de Assis e, quando vem à tona, se revelava como contraste à verdade: a Igreja Católica detém o magistério; os evangélicos não; a Igreja Católica tem a Jesus na eucaristia; os evangélicos têm mero símbolo;³⁸ a Igreja Católica é fundada e inspirada por Jesus; as demais são oriundas de iniciativas humanas, de revolta contra a verdadeira Igreja, de insubmissão, quem sabe satânica. Por fim, a Igreja Católica teria o ápice da potência do mistério de Deus, isto é, Jesus vivo, no pão e no vinho: “Se tivesse aqui um monte de pastores evangélicos e perguntassem como Deus pode ser comida, eu diria: Deus é comida, é seu mistério, ou vocês não acreditam na potência de Deus?”³⁹

Se, conforme postula Berger (1985), o ecumenismo é, forçadamente, uma exigência do pluralismo religioso reinante nas sociedades modernas, e não fruto voluntário de afinidades/amizades – numa sociedade pré-moderna não existia, ao menos nos moldes de hoje, o ecumenismo-, a negação do ecumenismo, sua recusa radical, é a recusa do pluralismo, do reconhecimento de sua legitimidade. A Toca de Assis se ancorava de forma absoluta numa religião absoluta, como num dantes de um mundo uníssono.

37 Disponível em: www.franciscanos.org.br/v3/cultura/entrevistas/jb_130308/. Acesso em: 03 jan. 2009.

38 O Padre Roberto afirma que “ninguém pode ser mãe de uma coisa, ninguém pode ser mãe de pão, de um simbolismo. (...) A Virgem Maria é a mãe do Santíssimo Sacramento” (REVISTA TOCA, nº 30, p. 3). Aqui a afirmação da presença real de Jesus na eucaristia ganha, como reforço, outro ícone de identidade católica: a virgem Maria.

39 Anotações pessoais colhidas durante pregação do Pe. Roberto, no *Toca Rio*, em 06/07/08.

CAPÍTULO III

POBREZA, PROVIDÊNCIA E PASTORAL: A VIDA VIRTUOSA DO TOQUEIRO

Ai que prazer
Não cumprir um dever.
Ter um livro para ler
E não o fazer!
Ler é maçada,
Estudar é nada.
O sol doira sem literatura.
O rio corre bem ou mal,
Sem edição original.
E a brisa, essa, de tão naturalmente matinal
Como tem tempo, não tem pressa...

Livros são papéis pintados com tinta.
Estudar é uma coisa em que está indistinta
A distinção entre nada e coisa nenhuma.

Quanto melhor é quando há bruma.
Esperar por D. Sebastião,
Quer venha ou não!(...)

E mais do que isto
É Jesus Cristo,
Que não sabia nada de finanças,
Nem consta que tivesse biblioteca...

Fernando Pessoa - Liberdade

E subir para a cruz, e estar sempre a morrer
Com uma coroa toda à roda de espinhos
E os pés espetados por um prego com a cabeça,
E até com um trapo à roda da cintura
Como os pretos nas ilustrações.

Fernando Pessoa (Alberto Caeiro) – O guardador de
Rebanhos VIII

Na Europa do século XIII surgiram, no seio da Igreja Católica, as ordens religiosas conhecidas como mendicantes, por intermédio dos franciscanos e dominicanos. Em tendência contrária a dos mosteiros, as ordens mendicantes propuseram-se a caracterizar-se pela ausência de bens, pela pobreza, pela itinerância e pelo convívio e pregação junto ao povo. A Toca de Assis, por sua vez, se apresentava como uma espécie de *revival* mendicante, ou restauradora, recriadora, daqueles ideais medievais em nossos dias. Aqui quero pinçar, especificamente, a questão da pobreza e da renúncia a bens na Toca de Assis.

3.1 SOFRIMENTO E HEROÍSMO: O PODER ÀS AVESSAS

O que mais chamava minha atenção, entre os toqueiros, era a opção pelo sacrifício, seja o de ficarem noites em claro, em vigília; de passarem horas de joelhos; de cuidarem voluntariamente e diariamente de pessoas que, na rua ou vindo dela, se encontram sujas, mal-cheirosas e com feridas abertas e purulentas; de darem banho nessas pessoas, e de ficarem um dia inteiro sem comer, fazendo Pastoral de Rua. Cito aqui sacrifícios – ao menos na ótica de uma sociedade cujo discurso de ideal é a promoção do conforto e do prazer – que se constituem mais que renúncia a trabalho, estudo, roupas e casa. Em um discurso de Antonio Vieira, citado por Vainfas (Apud 1986, p. 101), eu pude ver, em imagens nítidas, a vida na Toca de Assis. Assim disse o prolixo jesuíta aos escravos da época: “A paixão de Cristo parte foi de noite sem dormir, parte de dia, sem descansar, e tais são as vossas noites e os vossos dias. Cristo despido, e vós despidos; Cristo sem comer, e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo”. Toqueiros, por sua vez, passavam noites em claro orando, e durante o dia viviam – a mais das vezes – em um frenético serviço a pessoas em situação de rua, asiladas ou nas ruas; não tinham roupas próprias, apenas o hábito que os identificava com a pobreza; muitas vezes, estando na Pastoral de Rua, ficavam sem comer até à noite, quando retornavam para as casas. Não quero, aqui, fazer uma apologia do tipo “eles são como Jesus Cristo”, reproduzindo o discurso ideológico de Vieira para os escravos. Mas apenas fazer notar que esta espiritualidade de sacrifício, balizada por certo cristianismo da Paixão e penitência, estava muito viva no modo de ser na Toca de Assis.

Dormir no chão, fazer longos jejuns, aproximar-se de purulentas feridas abertas de pessoas em situação de rua – sem nunca terem feito isto antes –, “batalhar” durante três horas, de joelhos, pelos sacerdotes e infieis; são atos de quem sente participar de uma força que o domina e o sustenta, elevando a pessoa acima de si mesma, dando-lhe capacidade para enfrentar as dificuldades de todo tipo, como descreve Durkheim (Apud SANCHIS, 2003, p. 42). Ter uma experiência íntima com Deus levaria o crente a poder mais, a superar-se (DURKHEIM, 2001, p. 493).

Azzi (1993, p. 135) nos chama a atenção para o caráter heróico do sofrimento voluntário, em que flagelantes e penitentes de antanho tinham, em suas práticas, certo ganho de prestígio por sua coragem e resistência ao sofrimento. Se concluirmos que a juventude se caracteriza como fase da vida de autoafirmação, de aceitação de desafios para a formação e fortalecimento de um eu independente, autônomo, pode-se admitir que uma vida de privações e sacrifícios seria uma forma contra-cultural – em oposição à uma sociedade que valoriza o prazer, conforto e riqueza – de desenvolvimento da personalidade, onde se angariaria prestígio e coragem, conquanto o discurso seja de modéstia e humildade, justamente pelo avesso do *ethos* social vigente. Portanto, se ganha em se perder. Ganha-se uma personalidade, uma identidade, um “Cristo vive em mim”. Afinal, para o Pe. Roberto, “quando Jesus entra em seu coração, Ele te pede para fazer renúncias (...) mas é aí que Ele vai se manifestar em você!” (REVISTA TOCA, nº 39, p. 3).

Sacrifícios constituem-se em uma forma de morte, de controlar impulsos, subjugar o “eu” (MARIZ, 2005, p. 7), para, quem sabe, surgir Jesus Cristo no lugar do eu, conforme atesta Paulo: “já não sou eu quem vivo, mas Cristo vive em mim” (Gl 2,20). Mas o sacrifício, se tem esta especificidade de matar ou subjugar o “eu”, também, paradoxalmente como acima já afirmado, pode levar a uma afirmação superior do eu. Um irmão da Toca de Assis apontava-me, com orgulho e admiração, outro toqueiro, muito quieto e tímido. Dizia ele que aquele irmão quis, por amor a Jesus, fazer uma peregrinação aos lugares santos da Europa e da Terra Santa. Sem um “tostão” no bolso, conseguiu, de carona em carona, em navio cargueiro e em boléias nas estradas, na maior parte do tempo a pé, sob chuva e sol, mendigando comida para sobreviver e dormindo na rua, chegar aos destinos sacros que tinha em vista visitar. E me confidenciava ser aquele rapaz de seus trinta anos, magro e tímido, um homem com aura e odor de santidade, que por sua fé, e só por fé, conseguiu chegar aos lugares santos. E destacava, ainda, sua vida de jejuns, humildade e orações. Isto é, o sacrifício, que pune o corpo e rejeita o conforto, o viver “pela fé” também pode, ainda que involuntariamente, elevar o eu de alguém em relação aos seus pares. E assim era, por exemplo, com a vida de sacrifícios e privações do Pe. Roberto, interpretada como estilo de vida santa pelos toqueiros. Afinal, é da sua natureza, e assim é percebido pelos seus, que o líder carismático seja visto como herói e que realize atos heróicos (WEBER, 2004, p. 326).

Como assevera Mariz (2005, p. 8) “a realização da empreitada (de sacrifício) por parte de um jovem reforçaria o sentimento de poder dos demais”. Sim, pois se o sacrifício quer levar à morte do eu, ele, em contrapartida, ressuscita o eu, reforça o eu coletivo do grupo, dá sensação de vitória e solidariedade (MARIZ, 2005, p. 8). Sensação de vitória sobre si mesmo, sobre seus próprios limites e sobre o Diabo. Sensação de vitória da Toca de Assis, do grupo que, em comunhão, consegue superar desafios.

Portanto, no quesito sacrifício, há duas questões importantes que permeiam a prática sacrificial: por um lado a negação do eu e, por outro, sua ascensão com mais força, de forma coletiva ou mesmo individual. Conforme Durkheim (2004, p. 114), em sua definição de suicídio altruísta, o altruísmo é a condição em que o ego não pertence mais à pessoa, mas se funde com o grupo e sua causa.

Por sua vez, se a batalha espiritual ocorrida na *Passio Domini*,⁴⁰ conforme os toqueiros, tem um caráter de intervenção espiritual resgatador na Igreja, é preciso frisar, também, que para jovens, ela pode ter um sentido agregador. A batalha espiritual cria sentimento de união e pertença. Conforme Weber, citado por Mariz (Apud 2005, p. 8), a guerra promove comunhão incondicionada e disposição ao sacrifício entre os combatentes. Também se pode frisar que a experiência de dormir ao lado da eucaristia ou de sentir a Paixão e as dores de Jesus Cristo e da Igreja na *Passio Domini* está muito próxima de uma “experiência orgiástica de posse imediata e sensível do deus” (HERVIEU-LÉGER, 1997, p. 38). Jovens unidos em torno de uma causa pela qual dão a própria vida, e que é percebida como causa máxima, isto é, salvar a Igreja e aliviar os sofrimentos de Jesus Cristo. A batalha diante de uma causa nobre dá força, altruísmo, identidade e fomenta sentimentos de reciprocidade de ideais e comunitários entre jovens. Em uma palavra: dá sentidos à vida, o sentido de lutar por uma causa em um mundo cujos movimentos utópicos se retiram e as grandes causas conhecem seu ocaso entre os jovens.

O poder advindo da renúncia e do sacrifício é um poder substitutivo, ou seja, de consumir, dar a vida em favor de outrem. Isto, na teologia cristã, lembra, é claro, o próprio Jesus, interpretado como aquele que entrega sua vida em favor da humanidade. Assim o Pe. Roberto definia os toqueiros consagrados, como pessoas “que se entregam no altar (...) para consumirem suas vidas pelo Senhor Eucarístico e pelos pobres” (REVISTA TOCA, nº 46, p. 2). Os toqueiros, desta forma, cumpriam, através de suas renúncias, sacrifícios e serviços, o papel de doarem-se para uma reconstituição de certa ordem social e humana (e eclesiástica) a partir de um “forte zelo missionário universalista” (EISENSTADT, 1997, p. 48). Para tanto não se pode viver como os demais, pois só a virtude, em sua radicalidade, seria suficiente para expiação e reparação. “Toda nossa vida possa corresponder a esta tão grande graça (de Deus em Jesus Cristo), que suscita em nosso meio o retorno à radicalidade, e radicalidade na vivência do amor, não com palavras, mas com gestos”, dizia o Pe. Roberto em seu editorial da revista toqueira (REVISTA TOCA, nº 70, p. 2). E ainda que “a santidade é uma radicalidade na amizade com Deus” (REVISTA TOCA, nº 71, p. 2). Ser radical, ser diferente dos “comuns”, do trivial, é certamente uma forma de empoderar-se, de autoafirmação, de conquista através da diferenciação. Radicalidade que sofre as consequências de

40 Passio Domini era um rito, cultivado na Toca de Assis, de devoção e de identificação com a Paixão de Cristo.

incompreensões. Mas o fato de sofrê-las e superá-las, estar acima delas, é também poder e afirmação. Em uma sociedade juvenil (e adulta) em que a autoafirmação costuma se dar pela conquista, pelo ser melhor, reconhecido, o discurso que atraía adolescentes toqueiros era o do heroísmo pelo reverso: “deixem zombar de você (...) aprenda a ser humilhado, a ser pisado”, dizia o Pe. Roberto (REVISTA TOCA, nº 28, p. 12). Assumia-se, assim, a experiência dos desprezados, dos discriminados, do outro.

Fazer-se pobre, voluntariamente, é, em suma, uma forma de poder. Constituir riquezas e viver confortavelmente, por meio de esforço, trabalho ou de outros meios, é, por certo, uma forma de adquirir poder e prestígio. Estudar e se projetar intelectualmente também é forma de empoderamento. Mas, desconfio, se fazer pobre, radicalmente pobre voluntariamente; nesta pobreza realizar sacrifícios do corpo e renunciar à formação; sendo radicalmente pobre cuidar, também, dos radicalmente pobres a-voluntários; ora, não seria isto, talvez, maior poder, maior coragem, maior audácia, maior esforço? E, de tal esforço e coragem, não emergiria uma personalidade percebida como virtuosa, heróica, exemplar? Não era de elogios e admirações, pelos leigos, a seção de cartas e testemunhos da revista toqueira? O poder às avessas. Ou, para ser mais bíblico, “para envergonhar os sábios, Deus escolheu aquilo que o mundo acha loucura; e para envergonhar os poderosos, ele escolheu o que o mundo acha fraco. Para destruir o que o mundo pensa que é importante, Deus escolheu aquilo que o mundo despreza e diz que não tem valor” (1 Co 1, 27-28). A estratégia de Deus no xadrez do mundo é capiciosa, inversa, afirma o apóstolo Paulo. Os toqueiros assim o perceberam, e pela contra-mão iam, confiantes de que o xeque-mate se dá pelo jogo invertido.

3.1.2 RENÚNCIA E POBREZA: O QUE SE PERDE E O QUE SE GANHA? A MÃO DUPLA DA VIRTUOSE

Os jovens aderentes à Toca de Assis se tornavam pobres. Digo “se tornavam”, pois mesmo pessoas pobres que adentravam ao instituto tornavam-se, por certo, mais pobres do que eram. Se em épocas passadas entrar para o convento ou mosteiro poderia significar ascensão social, ou oportunidade de casa e comida garantida, tornar-se toqueiro, ao contrário, significava descenso social e risco de não sempre ter comida suficiente para a fome do dia, ou teto, quando o toqueiro dormia na rua junto àqueles com os quais se nivelara em pobreza. Renunciava, o toqueiro, às suas roupas e a muitos objetos pessoais que antes possuía. Suas roupas deixava para trás: a roupa agora seria o hábito religioso, e somente ele. Se cultivava vaidades, as abandonava, tonsurando sua cabeça e deixando, a mulher, os cabelos curtos e cobertos. O dinheiro não era mais próprio; tudo era em comum. Tudo ou o pouco que houvesse. Aprendiam a viver de esmolas, da boa vontade dos homens e dos céus. Cinema, teatros, diversões: somente aqueles permitidos e se houvesse alguma oportunidade, e geralmente não as havia. Também a nojos e náuseas se devia renunciar, pois não os podiam carregar

o toqueiro que teria que conviver com a imundície das ruas e com o mau cheiro e as feridas de tantas pessoas, das quais cuidaria diuturnamente. E, frisando: estamos falando de adolescentes e jovens, envolvidos por um mundo de anseios, expectativas e com a vida pela frente, o futuro a construir.

Ser jovem na contemporaneidade (só agora?) implicaria em experiências radicais ou limítrofes (MARIZ, 2005, p. 6). Diria que implicaria em experiências de ruptura (pela via da contestação), se deslocando de *status quo* e burocratismos. A Toca de Assis, até onde percebo, seguia um pouco tal lógica. Seria a Toca de Assis formada por pessoas que, no veio das experiências limites, buscavam alternativas radicais à sociedade como a temos, capitalista, consumista e hedonista? Afigurar-se-ia a Toca de Assis a movimentos sectários neste corte com o mundo, por assim dizer? Guerriero (2006, p. 77) coloca como característica de grupos sectários (seitas) o abandono de emprego, estudos, nome de batismo e a ruptura com amigos.

Jovens pareciam aderir à Toca de Assis por verem nela a possibilidade de ruptura com uma sociedade e/ou Igreja instaladas, em uma busca de restauração, através do antigo e do novo; de uma ordem de vida que se queria ideal e contrastiva com o mundo e Igreja instalados. Ora, o que é voltar a usar tonsura em uma época em que religiosos de nenhuma ordem ou congregação o fazem mais? Este, como outros pontos, pode ser interpretado como sinal de “restauração” através da contestação à ordem do dia na Igreja, uma ruptura com o sistema atual que se dá por uma restauração do que foi perdido ou esquecido. E aí também, é claro, entra a pobreza radical, como forma de volta às origens e de contestação social e, por que não, eclesial.

Seguindo um pouco por tal trilha é possível conjecturar que a Toca de Assis poderia ser considerada como um grupo contra-cultural. Para tanto é preciso evidenciar uma característica marcante de seu *ethos*: a renúncia. O ideal de pobreza radical, de viver apenas da providência divina, demarca a renúncia às fontes produtivas de sustentação, apelando para a providência, para um estilo de vida livre de compromissos sociais convencionados, e, a partir de um rosto coletivista e, em princípio, anti-materialista, a Toca de Assis poderia se inscrever enquanto grupo contra-cultural ao molde dos *hippies* ou movimentos similares surgidos nas décadas de 60 e 70 do século XX (OLIVEIRA, 2003, p. 64). O estilo de vida de renúncia à sociedade de consumo, de bens, à lógica capitalista, e o viver em sua contra-mão pode ser interpretado como um “romantismo anticapitalista”.⁴¹ Pois se o capitalismo, filho dileto do processo de secularização, de certa forma contribui – em sua expressão tradicional, ao menos – para desencantar o mundo, um anti-capitalismo vivencial e visceral não deixa de ser uma tentativa nostálgica de reencantamento do mundo (LÖWY, 1989, p. 32). A rejeição ao trabalho produtivo convencional, às sociedades capitalistas modernas, e o cultivo da improvisação, ou

41 Mas quero deixar claro: “romantismo” entre aspas. O ideal pode ser interpretado como romântico, mas o duro dia a dia da vivência deste ideal nada tem de romântico.

da providência, além do lúdico da convivência entre toqueiros, são sinais que podem remeter ao que Maffesoli (2005) classifica como “vida improdutiva”, ou seja, a negação do trabalho formal e do progresso como imperativos dando lugar a uma fruição do provisório e do instante, ainda que *ancorados* na certeza da providência.

O estilo de vida em renúncia, enquanto postura romântico-idealista, também pode ser interpretado, então, como reação à ditadura da racionalidade, do instrumentalismo e cálculo, visando uma revalorização do místico, do imponderável (SANTOS, 1993, p. 17). Movimentos de tipo – ou aproximação – milenarista ou romântico, de reforma, são detectados, pela sociologia, como expressões sociais de desejo de retorno ao passado original (MENDONÇA, 2004, p. 32). Viver no Espírito, nos braços de Deus, implicaria esta renúncia sobre a própria vida, rumos e desejos, entregando-se totalmente a um outro (OLIVEIRA, 2003, p. 72).

Ademais deve-se notar que a renúncia a bens materiais e o afastamento do “mundo” são, também, características de movimentos milenaristas (LIENHARDT, 1973, p. 140). A Toca de Assis, embora não se apresentasse explicitamente com uma espiritualidade milenarista, possuía o apelo dramático de luta contra uma Igreja que cai nas garras do Diabo, discurso este que se aproximava do tipo milenarista, de batalha final entre Deus e o Diabo. O fato da renúncia, então, pode também ser descrito como uma forma de abandonar tudo para se dedicar ao que seria fundamental, Jesus (e ele, fisicamente, no pobre), e à Igreja (à adoração a Jesus que a purifica).

Enfim, chamo a atenção para o fato de que pessoas que abrem mão do uso do dinheiro, de tê-lo, não tendo direito a usá-lo como quiser (MARIZ, 2006, p. 15), gera certamente uma atitude contra-cultural. É a renúncia a toda uma sociedade – incluso Igreja nela – que se move por intermédio do dinheiro e por ele, e que tem seu mote no consumo.

3.1.3 SOCIEDADE, TRABALHO E RENÚNCIA: CONQUISTANDO OUTROS HORIZONTES

Voltando à questão da renúncia à uma configuração de vida considerada “normal” pela sociedade contemporânea, é preciso perguntar o que uma experiência de auto-marginalização do mercado de trabalho, em certa faixa etária da vida (de formação), e por tempo relativamente longo, pode acarretar. Provavelmente a irreversibilidade de retorno a este mercado. Geralmente as pessoas que são recrutadas a movimentos nos moldes carismático-profético, e que se identificam a partir de tal esteio, tendem a ignorar carreira, distinções, hierarquias para si mesmos (BOURDIEU, 1978, p. 89). Seria esta uma atitude de insensatez juvenil ou de protesto contra-cultural a uma sociedade regida pela corrida ao mercado de trabalho e disputa nele através da formação e do desempenho? Mariz (2006, p. 11), contudo, oferece uma pista de resposta interessante ao afirmar que:

Viver em comunidade (de vida/religiosa) significa viver e trabalhar com metas outras além do aumento do consumo, ascensão social. A constatação e/ou intuição que essas metas, ditadas pela sociedade mais ampla, provavelmente serão frustradas podem gerar conflitos pessoais ou sociais e ameaçar a auto-estima. A opção pela vida em uma comunidade pode evitar esse tipo de frustração.

Neste sentido, a que se renunciariam? A um futuro seguro e confortável ou à falta de perspectivas sólidas e atraentes? Renunciando à dúvida e instabilidade de um futuro incerto e aderindo-se a uma comunidade ideal, onde há forte apelo afetivo e, queiram ou não, uma estrutura construída e uma âncora que se joga ao passado para garantia de certezas e legitimidade do grupo: mais se perde ou mais se ganha nesta renúncia? No discurso ou lógica da renúncia está embutido um ganho. Deixa-se a família para ganhar outra. Renuncia-se ao mundo para ganhar o céu. Deixa-se objetivos de vida laica para se engajar em um objetivo/missão maior, divino. Para ter é preciso renunciar. Mas deixar coisas para trás significa ganhar outro mundo, radical e diferente. Jovens deixando a “vidinha”, a rotina, talvez as poucas possibilidades de um emprego medíocre com salário medíocre em uma vida comum como a de tantos outros em sua cidade para, em troca, “ganhar o mundo inteiro”, conhecer lugares novos, sair da rotina para novas aventuras de radicalidade, e junto a uma comunidade e estilo de vida que puderam escolher, cheia de afetividade. Enfim, dar um “tchau” à “mesmice”, ao futurinho já desenhado, para uma vida de imponderáveis, de vivências inauditas, experiências radicais e performance estilizada do eu. Será que nesta renúncia não há mais ganhos do que perdas para a percepção juvenil?

Neste íterim é também preciso anotar que a sociedade atual, em seu multiculturalismo, já não indica caminhos seguros e definidos, mas joga indivíduos numa polifonia semântica de caminhos, onde há não uma orquestra organizada, mas uma dispersão, cacofonia de vozes. Nesta sociedade cada um deverá cantar a sua própria canção, compor seu próprio repertório que se juntará à cacofonia geral. Neste sentido o multiculturalismo, as possibilidades mil e desarticuladas oferecidas pela contemporaneidade, que acaba não apontando para lugar nenhum e não dizendo nada, representam o fim da utopia (BAUMAN, 2003, p. 112s). Para muitos jovens (e adultos), viver em tal tipo de sociedade, inseridos nela, pode parecer desesperador e anômico. Ou bastante arriscado, para dizer o mínimo. Mais arriscado, talvez, do que os riscos que a Toca de Assis representa em seu estilo de vida. Já conforme o argumento de Berger (2004, p. 68), deixar trabalho, estudo e família, deixar a sociedade em suas estruturas convencionais e viver em uma espécie de contra-cultura pode ser um meio de renegar a ausência de sentido, a dor, a frustração, justamente pelo viés de uma certa “auto-aniquilação”.

Havia sim, e isto é evidente, uma escolha, em princípio bem consciente, em viver uma vida pautada na diferença. Os jovens da Toca de Assis não eram constrangidos a

romper com a sociedade dominante e a desviar-se de seus valores. O constrangimento e pressões são justamente no sentido contrário. Gozar a vida, cuidar da saúde e boa forma do corpo, aparecer em *flashes* são os sinais da cultura dominante (LIPOVETSKY, 1989, p. 103). Portanto, mais do que um jovem que frequenta bares, cursa universidade e adere às modas sociais, podemos dizer que jovens como os toqueiros, estes sim, ao tomar um rumo tão díspare do convencionalizado como “normal” pela sociedade, é que realizavam uma verdadeira opção. Opção não está, em princípio, na aderência aos rumos convencionalizados. Neste caso há uma inserção natural que é, de certa forma, a falta do optar, do decidir outros rumos. Jovens que entravam na Toca de Assis eram, talvez, os mais modernos jovens da modernidade, pois usavam da reflexividade, do juízo e da opção para encarnar um modelo de vida altamente diferenciado do normatizado socialmente, e altamente reflexivo enquanto escolha justificada em contraste com certos modelos de sociedade e mesmo de Igreja.

Importa, aqui, compreender que grupos ligados à RCC e organizações católicas tradicionalistas⁴² costumam ter maior contundência em suas críticas aos valores da sociedade secular do que em outros grupos da Igreja (MARIZ, 2006, p. 1). E que, por isso mesmo, tomam atitudes mais radicais em relação à configuração de suas próprias vidas feitas em contraste com a sociedade. E isto significa um alto grau de juízo, que se constitui em um elemento de alta flexibilidade, e não em um desgosto puro e simples pela vida social normativa, ou em uma atitude masoquista ou de fuga do mundo.

3.1.4 A INSERÇÃO NA COMUNIDADE E A RENÚNCIA AO MUNDO: OS VIRTUOSOS

Porém quero voltar ao paradoxo da renúncia/desejo, perda/ganho. Quando um jovem diz que “renuncia ao estudo” (Apud MARIZ, 2006, p. 13), ele está, ao mesmo tempo, revelando um desejo. Se há renúncia, há desejo. Ou seja, estaria no horizonte de sonhos destes jovens uma formação, uma carreira profissional. Neste sentido a atitude contra-cultural não está tanto no desprezar as regras da sociedade, mas no sacrificar seus desejos – às vezes coincidentes com os fomentados pela sociedade – para aderir a um objetivo maior que contrasta, mesmo, com seus sonhos ou desejos. Por isso é renúncia e sacrifício, pois só se renuncia àquilo que se quer.

Esta entrega de vida é, como diz um comunitário carismático citado por Miranda (Apud 1999, p. 47), “na obra, para a obra e da obra”. Isto significa dizer, mais especificamente no caso da Toca de Assis, que nada mais se faz e se visualiza nos horizontes de interesses que não a missão e carisma daquele universo assumido. Troca-se o senso da individualidade e de seus desejos pelo senso do coletivo e do

42 Aqui o termo “tradicionalistas” não tem perfeito encaixe, e é usado *lato sensu*. Seria necessário – o que aqui não é nossa intenção – ampla pesquisa sobre os termos “conservador”, “tradicional” e “tradiocionalista” para fazer justiça plena ao que cada termo pode ou quer evidenciar mais especificamente.

desejo do coletivo. Dentro de uma perspectiva durkheimiana, pode-se dizer que o carisma do grupo, a efervescência do e no grupo é o que sustenta o elo entre os comunitários e os impele em força e ideal para suas devoções e serviços. Neste sentido é preciso considerar que sentimentos de forte pertencimento são característicos de minorias, dos que “nadam contra a corrente”. Minorias cognitivas tendem a apertar laços de solidariedade e pertencimento e a criarem certo sentido de superioridade em relação aos demais, aos de fora (MARIZ, 2005, p. 9). E o fato de distinguirem-se, e de forma tão radical, pode levar a sentimentos ou compreensões de eleição. E os toqueiros sentem-se eleitos, como podemos ver no depoimento do Pe. Roberto: “Jesus confiou a vocês uma missão especial: ser luz neste mundo de trevas, sal nesta sociedade deteriorada pelo pecado. Jesus espera a fidelidade de vocês a esta missão” (REVISTA TOCA, nº 44, p. 2). Pode-se dizer que, ao renunciarem à sociedade e família, os toqueiros ganham uma identidade coletiva que torna a cada um muito mais forte e especial diante da sociedade e da Igreja.

Abandonar estudos e profissionalização para viver de doações constitui-se em virtuosidade religiosa (MARIZ, 2005, p. 4), em uma atitude heróica que se faz na contra-mão social. Neste sentido há uma retórica, quase senso comum, sobre a capacidade dos jovens em doarem-se por uma causa (MARIZ, 2005, p. 4). A figura do jovem é idealizada em um romantismo, como um herói, como alguém capaz de extremos, da santidade, da revolução, do martírio (MARIZ, 2005, p. 4). Contudo, viver da providência teria dois lados: um de risco, do viver sem seguranças pré-determinadas, e outro, paradoxalmente, de segurança, de certa segurança ontológica que a *communitas* dá, que o grupo, envolvido emocionalmente em uma mesma causa e em uma mesma fé na providência proporciona, inclusive criando um sentimento de pertença e segurança familiar-grupal que, talvez, alguns jovens não sentissem enquanto em seus lares de origem, como no depoimento de um toqueiro, que dizia:

Minha família, eu, não, eu amo minha família, é claro, mas meu pai não se entendia com minha mãe e o clima ficava bravo às vezes. Sabe, aquela tensão também das dificuldades financeiras, minha mãe desempregada. A paz que eu tenho aqui, eu não tinha lá. Mas amo todos eles e rezo, rezo muito por eles.

3.2 ENTRE A RACIONALIDADE E A PROVIDÊNCIA

A pobreza da Toca de Assis se conjugava com a providência, e se fazia possível através dela. Não ter bens imóveis do qual auferir rendas; não realizar trabalhos, formais ou informais, para haver remuneração; não estar na lógica de uma paróquia, dependente de dízimos e contribuições; toda esta ausência de fontes de renda levava a Toca de Assis, conforme seus adeptos, a depender somente de Deus, de sua bondade. É, de certa forma, o desejo, e quem sabe sua realização, do estado paradisíaco, em

que Adão e Eva, conforme consta no livro bíblico, não teciam e, conseqüentemente não “suavam a camisa” para prover comida e conforto ao seu não-lar, ou melhor, ao seu lar expandido, que era o mundo inteiro (como, aliás, também São Francisco de Assis planejara ser o convento do frade menor). Viver sem casa, tendo por casa o mundo, as ruas; viver sem bens; viver sem fonte de renda definida; viver, como diziam os antigos, ao “Deus dará”. Ah, e Deus parecia sempre dar à Toca de Assis o que era preciso! Conforme relatavam os toqueiros, nada lhes faltava. O primeiro casal humano, conforme a Bíblia, não precisava estudar, trabalhar (no sentido referente a ter emprego e renda dele proveniente), preocupar-se com o amanhã. Sabiam que tinham um Deus que provia o que lhes era necessário. A Toca de Assis, querendo recuar a um estado de vida religiosa idealizado, não estaria também recuando a um estado de vida humana ideal?

“Uma vez em Cotia a gente estava trocando as fraldas dos irmãos e acabou as fraldas; eram 28 irmãos acamados (...) quando acabou a última fralda, passou 10 minutos uma senhora ligou pra mim: ‘Irmão, eu queria dar uma doação, pode um carro vir buscar?’, e eu disse ‘pode sim’, e eu me distraí e nem perguntei do que era a doação. Quando chegou eram 40 pacotes de fraldas” revelou-me um toqueiro. O milagroso tinha lugar na Toca de Assis e se chamava *providência divina*. Não havia porque se preocupar, afinal, Deus é Pai. Como por milagre, as coisas tendiam a acontecer na hora certa e no lugar certo, pois que Deus estaria no comando de todas elas. Um jovem toqueiro asseverava que “para quem confia na providência, medo não pode existir”. Nem medo e nem preocupação. Deus podia até tardar, mas não falhava.

Mas, claro é, a providência, ainda que gratuita, era acionada pela virtuosidade, pela santidade, pela oração. A confiança nela a fazia eficaz. Conforme um toqueiro, a providência era fruto da oração da Toca de Assis. E, nesta relação dialética entre fé e providência, quando a última tardava-, ou, talvez hereticamente dizendo, falhava-, o problema, evidente, não estava em Deus, que, afinal, é Deus, mas no ser humano, na pouca fé, na pouca oração. Perguntado se algum dia a providência havia falhado, um toqueiro admitiu que sim, relatando que, certa vez, faltava açúcar na casa e que todos tiveram, acolhidos e irmãos, que tomar café da manhã sem açúcar. Contudo, o irmão foi rápido em corrigir que isto não foi “falha” da providência. Logo à tarde, frisa, chegou o açúcar necessário. O toqueiro atribuiu o “atraso” da providência de Deus à prova da fé, dizendo que Deus pode provar a fé dos seus por meio de fatos como este.

Interessante, no entanto, é notar que, quando se alegava um, digamos, atraso da providência, se dava um exemplo pequeno e de pouca importância (falta de açúcar); mas quando se falava da providência, se evidenciavam grandes coisas, como necessárias e urgentes passagens de ônibus surgidas do nada, latas de tinta para pinturas, dentre outras ofertas divinas de maior vulto financeiro. Ademais, justificava-se Deus em seu atraso, que, afinal, não era atraso, mas prova que Deus mandava. Conforme Berger

(2004, p. 70), o crente, principalmente aquele que apela para um dossel divino em tudo, precisa elaborar uma teodicéia para inocentar a divindade quando, porventura, haja fatos que contradigam sua atuação. Na construção da teodicéia está sempre a busca pelo significado, ainda que oculto, de sua “falha”. Nos toqueiros se notava uma fé que não permitia dúvidas ou questionamentos. Tudo tinha sua explicação divina, ainda que misteriosa, conjugando-se, assim, racionalidade no discurso da teodicéia e irracionalidade ao se apelar para os mistérios divinos. “Como você me explica, numa casa que abriga 100 pessoas, não faltar nada? Não é a presença de Cristo e de Nossa Senhora na casa? Só pode!” afirmava entusiasmado um toqueiro.

Mas tudo caía do céu, assim, tão de graça? Sim e não. Deus ajuda a quem cedo madruga, afirma a sabedoria popular. E não era diferente na Toca de Assis. Para um leigo da Toca de Assis, contabilista dela em uma de suas antigas regiões, “só Deus mesmo, tantas são as contas, gastos, aluguéis. É uma luta diária”. A pergunta que se faz é: providência é gratuidade ou é luta, conquista para se obter recursos? Claro, pode-se argumentar que a providência só vem com luta, com o “correr atrás”. Sim, os toqueiros, através de promoções, pedidos em mercados, lojas etc, “corriam atrás”, e a providência não costuma falhar assim. Mas não pode também ser verdade que “correr atrás”, lutar, conquistar, seja um ato de autonomia, de obter o que se busca através do suor do trabalho da busca e do fazer acontecer, sem, inclusive, nenhuma conotação religiosa? Aí, porém, se encontrava o nó da questão: a providência, na Toca de Assis, também era enxergada por um viés que coincidia com a formatação social atual de que sem luta, sem “correr atrás”, sem conquista, não há produção, não há mérito, não há... providência. O discurso da sociedade do trabalho capitalista, e mais, do liberalismo e da idéia do mérito não deixavam de estar imbricados na concepção de providência da Toca de Assis.

Muito do que a Toca de Assis foi e é, não foi e não é por planejamentos racionais, mas por ter sido, seu desenvolvimento, validado e construído em uma experiência pessoal do Pe. Roberto com o divino, a partir de inspirações diretas de Deus ao fundador. Portanto, neste sentido, a questão da escolha, opção, tomadas de decisão, rumos, ganha outra dimensão, diferente daquela da racionalidade moderna. Escolhas não são mais simplesmente frutos de discernimentos, aferições e planejamentos racionais, mas determinadas por forças exógenas e irresistíveis de uma comunicação direta com o divino. Portanto, a reflexividade na Toca de Assis, para além da racionalidade moderna, era devedora das sensibilidades mais próximas a um espectro pós-moderno, em que a vida não se pauta pela racionalidade de forma central.

A ruptura com a racionalidade moderna se dava, justamente, pelo fato de que nada é planejado, mas inspirado e revelado (OLIVEIRA, 2003, p. 95). Ou seja, a providência e seus imponderáveis entravam em cena com a pujança de uma negação da racionalidade, ou destronação dela, ao mote pós-moderno. O deixar as opiniões

próprias, as planilhas de planejamento, o abrir mão de decisões se associa à idéia do controle soberano de Deus sobre a vida das pessoas que requer, para tanto, a abdicação da tentativa de controle humano (OLIVEIRA, 2003, p. 98). É, portanto, uma contra-lógica frente à sociedade secular moderna e uma não institucionalização do saber, em uma abertura completa ao fluxo do Espírito Santo e da providência. Weber afirma que no processo de secularização não há mais “forças misteriosas incalculáveis” e que “podemos, em princípio, dominar todas as coisas pelo cálculo. Isto significa que o mundo foi desencantado” (Apud LIBÂNIO, 2002, p. 67). Ora, então “existe uma semente nihilista na modernidade, que Anthony Giddens localiza no rompimento iluminista com a providência divina” (COSTA, 2009). A Toca de Assis se configuraria, então, em seu abandono de tudo e confiança estrita na providência divina, no abandono do cálculo, uma forte vertente de reencantamento, onde nada mais depende somente da racionalidade, mas da providência de Deus que tudo supre. Assim “o carisma rejeita como indigna a obtenção racional e planejada de dinheiro, bem como toda atividade econômica racional (...) quando sua missão é de natureza pacífica, recebe os recursos econômicos necessários de patrocinadores individuais ou na forma de doações honoríficas” (WEBER, 2004, p. 325).

Neste sentido não se pode deixar de pensar, em paralelo, a crise do Estado no mundo capitalista neoliberal. O Estado ausente nas questões sociais relega à sociedade o cuidar dos pobres, o ser providência para eles. Pois que “a crise do Estado-Providência é um meio de disseminar e de multiplicar as responsabilidades sociais, meio de reforçar o papel das associações, cooperativas, das coletividades locais” (LIPOVETSKY, 1989, p. 125). Quando sai o Estado providente, quando o mais abandonado está literalmente ao “Deus dará”, eis que este dá, em sua providência, através dos seus. Portanto, se a Toca de Assis era uma rede religiosa de providência para os abandonados pelo Estado, a mesma Toca de Assis era sustentada por uma rede religiosa de providência que se constituía em seu entorno, para apoio e sustento.

A providência pode ser interpretada como redes, laços que vão se criando a partir do grupo, em um mutualismo marcado pela afinidade do familiar, no nosso caso, do ideal (MAFFESOLI, 2006). Para o profeta e seus discípulos existe “o círculo de adeptos que o apóiam com alojamento, dinheiro, serviços” (WEBER, 1994, p. 310). Havia, então, na Toca de Assis, benfeitores que ajudavam com uma quantia fixa todo mês; outros que assumiam alguma demanda financeira mensal de uma casa, como conta de água ou de luz; outros que doavam, mensalmente ou sazonalmente, cestas básicas, ou pacotes de fraldas ou ataduras.

3.3 UM VIVER LIVRE

O viver ao “Deus dará” pode conotar uma crítica à sociedade do trabalho, da produção, do acúmulo, capitalista enfim. Como também pode revelar um modo contra-cultural de vivência, em que a preocupação com tempo e compromissos formais ganha lugar secundário. Como contra-identidade, isto é, como resposta à identidade forjada pelo Ocidente capitalista contemporâneo, consumista, hedonista, o toqueiro, ao molde do monge dos primeiros tempos do cristianismo, se concebe como um peregrino por esta terra, e sua essência é a ruptura com esse mundo – mundanismo – e o movimento desprendido dele à outra vida (SODRÉ, 2004, p. 28). De forma reativa aos modelos civis e, também eclesiásticos burocratizados, o toqueiro requeria para si uma identidade fluida que contrastava com as exigências da moderna sociedade. “De dentro da sociedade moderna, tecnológica, eficiente, produtiva sob o império da razão instrumental, emergem pessoas que buscam uma alternativa a ela. Os campos da religião, da estética, da lúdica atraem-nos. E quando a religião se veste de beleza, a atração é ainda maior” (LIBÂNIO, 2002, p. 80).

A Toca de Assis parecia carregar, em si, este charme de uma vida religiosa estética e lúdica, ou, para ser mais preciso, ideal. Embora dura no seu dia-a-dia, a beleza do ideal se fazia presente em toda a estética e prática conduzida na Toca de Assis: viver sem se preocupar com o dia de amanhã, sabendo que Deus tudo provê; o viver jovem entre irmãos imbuídos de uma mesma verdade e lutando em favor dela; o viver adorador em presença constante do Deus.

A idéia de providência carrega em si uma “ordem de dignidade diferente” da ordem natural (WEBER, 1994, p. 334). Assim também a ordem do dia-a-dia, na Toca de Assis, tinha um *status* diferente daquela do mundo racionalizado em suas atividades. Também quanto a este íterim, embora haja significativas diferenças em relação aos *hippies* dos anos 60-70 do século XX, pode-se fazer pontes entre eles e a Toca de Assis, a partir do conceito de *communitas*, levando-se em conta um caráter contestador do mundo – e, de certa forma, da Igreja, - nas expressões de espontaneidade e não previsibilidade (TURNER, 1974, p. 138).

Enfim, pondero como pista terminológica, que os toqueiros poderiam ser vistos como “ascetas de Igreja”, por sua repressão dos sentidos – moral rígida e sacrifício de si-, como por suas realizações de caráter peculiar, ou seja, dormir com os “mendigos”, dormir no chão, privar-se de todo bem material (TROELTSCH, 1987, p. 136). Entretanto, se verificava, na Toca de Assis, união entre ascetismo e misticismo, pois o movimento, em sua espiritualidade e prática, a um tempo queria interferir na esfera social a partir de uma visão religiosa e, também, na atitude de renúncia ao mundo, ao mercado de trabalho, aos bens de consumo; buscava-se, além disso, certa indiferença em relação ao mundo, e dependência somente da providência, conforme a caracterização ideal de Weber (Apud SONEIRA, 1996, p. 70).

3.4 OS POBRES SÃO OS PROFESSORES: A TOCA DE ASSIS E OS ESTUDOS FORMAIS

A providência também atuava no espectro cognitivo na Toca de Assis, pois nela se cultivava um anti-academicismo ativo e militante. Estudos formais não eram admitidos aos toqueiros. O discurso que se ouvia na Toca de Assis era o de que estudos formais, dentre eles o da teologia, eram inibidos porque o carisma da Toca de Assis era cuidar dos pobres, não formar padres. E, no ritmo de trabalho e dedicação que os irmãos tinham, não seria possível conciliar estudos acadêmicos e serviço à população em situação de rua. O aprendizado essencial do toqueiro era o que ele teria junto à adoração eucarística e junto aos pobres. De fato o sítio, na *internet*, da Toca de Assis afirmava que “os pobres são os nossos livros”, ou seja, quem dá a real formação no dia-a-dia aos toqueiros. Ou, como costumava dizer o Pe. Roberto, citado por toqueiros, “nossa faculdade é a rua”.

É interessante notar certo paralelismo entre o dizer que a faculdade é a rua, e o dizer que a faculdade é, ou foi, a vida- que tantas pessoas, sem ou com pouco estudo formal, afirmam-, no intuito de expressar que, embora não tenham estudado, têm uma sabedoria que a Academia, ou a teoria, não podem dar. Jovens, muito jovens às vezes, impedidos de estudar, e que deram livre assentimento a este impedimento, recorriam à máxima de que a faculdade é a rua, talvez para afirmarem uma sabedoria superior à dos doutos e estudados, e para superar críticas, suspeitas e conflitos em suas relações com as demais forças e representantes eclesiais que veriam na falta de estudos dos toqueiros um déficit perigoso. Mas a recusa aos estudos formais, claro, transcende a esta questão.

O vocacionado, ao adentrar à Toca de Assis, percebia valores do seu passado recente – e para pessoas tão jovens só há mesmo passado recente, ou o ontem – como nocivos ou, então, sem verdadeira importância. O que ontem era sonho e esforço tornava-se, a partir da Toca de Assis, insignificância. Conforme descrevia um postulante a toqueiro:

Eu via que o estudo era só uma conveniência para mim, eu estava vendo como era meu egocentrismo, era uma satisfação pessoal, apenas (...) e hoje eu sei que a minha satisfação pessoal pode aliviar a dor de um outro, eu estou muito satisfeito na Toca, muito feliz na Toca. Eu sei que esta minha satisfação não é só minha.

Há uma troca preciosa aqui preconizada: abandona-se um sonho pessoal para fazer parte de um sonho coletivo. Mesmo um curso de medicina ou enfermagem podia ser visto como sonho pessoal, dado que, apesar de o exercício da profissão poder estar a serviço do alívio do sofrimento de outras pessoas, os cursos eram vistos como pontes para uma profissão que, em última instância serve para que se aufera lucros

peçoais, senão prestígio próprio. Estar em um projeto profissional separado de uma causa sagrada podia ser visto como satisfação própria egocêntrica; porém, fazer parte de um projeto coletivo de cunho religioso e de cunho social, ao levar alívio (e Deus, por suposto) a outrem, provocaria uma satisfação lícita.

Contudo seríamos ingênuos se resumisemos a recusa aos estudos formais a esta questão. A Toca de Assis vive em um dossel sagrado, em que quase (?) tudo tem uma causa, oculta ou revelada, em referência ao âmbito do sagrado ou do demoníaco. Os estudos estão também aí. As palavras do Pe. Roberto são diretas: “O Brasil está se tornando um dos países mais satânicos da América Latina, através de muitas universidades, onde muitos jovens têm aprendido a não acreditar no Senhor” (REVISTA TOCA, nº 43, p. 6). O tom é generalizante. Não se fala de certos cursos em específico, ou de professores hereges, agnósticos ou ateus a influenciar seus pupilos. O problema seriam as “muitas universidades”. Ou seja, o saber acadêmico, em si, representado por elas. O saber acadêmico seria potencialmente venenoso à alma, pois incutiria a visão racional e empírica do mundo.

É bem verdade que São Francisco de Assis tinha, ele também, certa desconfiança do estudo formal, considerando-o uma tentação que poderia comprometer a vida espiritual. “São Francisco de Assis parece privilegiar a *operatio* em detrimento da *littera* e das *verba*” (FERNANDES, 2007, p. 106). Conforme relato do primeiro biógrafo de São Francisco de Assis, Tomás de Celeno, o mesmo dizia que:

Os meus irmãos que se deixam arrastar pela curiosidade da ciência vão se encontrar de mãos vazias no dia da retribuição. Gostaria que se esforçassem mais com virtudes (...) Porque virá uma tribulação em que os livros não vão servir para nada. (...) Dizia isso (...) para afastar a todos dos estudos supérfluos, pois preferia que fossem bons pela caridade e não sabidos pela curiosidade (Apud FERNANDES, 2007, p. 110).

Pouco após a morte de São Francisco de Assis houve tensões na ordem franciscana entre aqueles que defendiam o valor dos estudos e os frades ditos “espirituais”, que desconfiavam ou mesmo condenavam o acesso aos estudos. Os frades Pedro João de Olivi, Ubertino de Casale e Ângelo Clareano, dos séculos 13 e 14, por exemplo, viam no cultivo do estudo uma involução e deteriorização do carisma de São Francisco de Assis. Ubertino de Casale via no estilo intelectual a decadência do franciscanismo (FERNANDES, 2007, p. 123). Ângelo Clareano, por sua vez, afirmava que:

São Francisco predisse e previu para os seus frades, por causa do saber, uma fortíssima tentação. (...) Para evitar um tal perigo de ruína (...) comandou aos seus filhos de seguir uma vida itinerante (...) não plantar vinhas de vários estudos, não beber o vinho da ciência laica e da filosofia mundana; impelido pelo vivo calor do Espírito Santo, impôs aos seus filhos a lei da perfeitíssima vida de Cristo (Apud FERNANDES, 2007, p. 124).

Como se denota, tanto no relato de Celano como no de Clareano, parece existir uma oposição entre “ciência” e “virtudes”, entre “estudos” e “perfeitíssima vida de Cristo”, de maneira que aderir a um é negar o outro. Ora o homem medieval entendia sua existência, exclusivamente, à luz da fé, do mistério, e não do *logos*, da razão (FERNANDES, 2007, p. 22).

Contudo, para além da história e teologia franciscanas, que não são a chave de nosso estudo, a recusa e condenação ao conhecimento formal e à razão instrumental é analisada pela sociologia da religião. A desqualificação das expressões intelectuais da fé vai ao encontro da valorização das manifestações sensíveis, diretas, da presença do divino (HERVIEU-LÉGER, 1997, p. 42). Assim foi no franciscanismo primitivo e assim pode se dar em pessoas ou grupos que recusam a mediação da razão para um encontro com Deus.

Os livros e sua muita cultura e razão levariam para longe de Deus, e para longe dos pobres. E, se leva para longe de Deus, desencanta o mundo. Ao introduzir a razão analítica e crítica, cria perigosas rachaduras na abóbada celeste. “A tensão entre a religião e o conhecimento intelectual destaca-se com clareza sempre que o conhecimento racional, empírico, funcionou coerentemente através do desencantamento do mundo e sua transformação num mecanismo causal” (WEBER, 2002, p. 244). Na contração da racionalização moderna, que não considera mais qualquer autoridade como legítima apenas pela tradição ou carisma de um líder, exigindo que as legitimações se deem pelo discurso racional (MARIZ, 2003, p. 73), a Toca de Assis acentuava a tradição e o carisma de um líder como pontos suficientes para legitimações absolutas de seu programa religioso. O próprio Weber (2002, p. 201) anota que, na adesão aos profetas, o conteúdo emocional é considerado o primordial, sendo a racionalização (“pensamentos”) sobre esta expressão secundária. À Toca de Assis bastavam a santa tradição da Igreja, divinamente inspirada, e que não deveria ser questionada, quiçá pensada de forma analítica, e a palavra inspirada do Pe. Roberto a definir o que seria esta tradição e como vivê-la. Questionar e questionar-se, em assuntos ligados à Igreja e doutrina, é visto como perigosa tentação demoníaca. Portanto a soma é fácil: questionamento racional + aumento de ofertas de cursos acadêmicos, que veiculariam tais questionamentos, = expansão do reino demoníaco. O religioso toqueiro, virtuoso que era, buscava estar longe desta teia aparentemente inofensiva do Diabo, como aponta um toqueiro:

Eu já consagrei a minha vida a Deus. Então o demônio investe mais, com questionamento. Mas como eu digo, um religioso penitente, o demônio nunca consegue entrar por questionamento, porque ele não tem tempo para questionar, está sempre em adoração, em serviço, em reparação. A vida dele, ele acorda pensando em Deus, enfim, ele só vê Deus na frente dele.

“O guerreiro, não o literato, é o ideal da religiosidade” (WEBER, 1994, p. 414). Com esta frase brilhante Weber acerta na mosca, como de hábito, na questão. Os toqueiros eram guerreiros, exército de Deus em adoração e reparação. Os livros os distraíam da luta, lhes fariam menos viris, com menos atenção ao que realmente importa. Inclusive os estudos teológicos. Mas estes por motivo além. A teologia, para a Toca de Assis, vivia grave crise, deixando-se permear pela dúvida metódica, pela influência das ciências humanas e sociais – leia-se não sagradas – nela; pela análise crítica à tradição e por militâncias e ideias esquerdistas que seriam estranhas ao depósito da fé católica. É a desconfiança quanto à racionalização teológica e quanto ao saber formalizado, entendido como ameaça, conforme já nos aponta Hervieu-Léger (1997) se referindo a grupos que se guiam pelo emocionalismo religioso.

“A dúvida, sobretudo a metódica, é radical. Chega a duvidar de si mesma. O ceticismo – que não era, parece, a intenção inicial de Descartes – por essência, não tem limites; ativado, mesmo que por prudência, não volta atrás e é avassalador. Destroi o ‘taken-for-granted’” (COSTA, 2009). Eis o verme que pode destruir uma alma adoradora: a dúvida. Não é a razão crítica sua mãe? E não é a modernidade secularizante sua avó? “A modernidade é caracterizada pela necessidade de autoconhecimento e pela capacidade de determinação da própria trajetória de vida. Estas características da modernidade assentam numa reflexividade que se desenvolve num mundo mais de dúvidas do que de certezas” (FERNANDES, 2001, p. 60). Mas a Toca de Assis não tinha dúvidas, ou não queria tê-las. Assentava-se em certezas absolutas. Doutra forma é preciso frisar que também à Toca de Assis não interessava a “determinação da própria trajetória de vida” pelo “autoconhecimento”. Importava, e só isso parecia importar, perder a vida para ganhá-la, desistir das trajetórias pessoais para inserir-se em uma trajetória coletiva guiada por uma única vontade, a de Deus.

O antiacademicismo ativo, para além de ser ideal franciscano reivindicado pela Toca de Assis, tem raízes também em outros grupos religiosos que buscam a idealização da tradição, vendo com suspeita o racionalismo teológico moderno. Joaquim Costa aponta que entre os neocatecumenais – um movimento católico fundado na Espanha – encontram-se advertências e alertas como a de que “o acesso à fé não é uma tarefa do conhecimento, mas, sim, da sabedoria humilde, mistério, intimidade com Deus. (...) O intelectualismo é um obstáculo quer para o acesso místico a Deus quer para com a comunhão com os irmãos” (Apud COSTA, 2007, p. 17). Parece que a devoção ou religiosidade de corte carismático ajuda a uma concepção eclesial que encontra dificuldade em absorver formulações de fé mais críticas (RIBEIRO, 1996, p. 349).

E quando se fala nos perigos que a teologia poderia representar, não se fala propriamente que a teologia, em si, seja perigosa. A Toca de Assis não estava contra a teologia, pois reconhecia sua importância, desde que muito bem determinada pelo magistério eclesial, e expositora, ela, acrítica de elementos tradicionais da doutrina e

fé católicas. O problema da teologia era, para a Toca de Assis, os ventos secularizantes e a razão crítica nela, como que “infiltrados” nela. E, neste espectro, ganha maior atenção à crítica toqueira a Teologia da Libertação. Se a Teologia da Libertação parecia mais coerente com as exigências de racionalidade da modernidade (MONTERO, 1994, p. 76), minando, pelo saber racional, as “bases da fé”, a Toca de Assis, por sua vez, resgatando o místico como contato direto com o sagrado, sem mediações intelectuais – fora àquelas tradicionalmente dogmáticas e ortodoxas – resgatava o pré-moderno, opositor das luzes e da racionalidade analítica e depurativa.

Movimentos religiosos que recusam a razão cartesiana, a técnica, enfim, a importância do conhecimento teórico são, no dizer de Silva e Costa (2004, p. 130), movimentos anti-prometéicos, isto é, que recusam o legado de Prometeu que visa o conhecimento intelectual como fonte de bem-estar e progresso humano e técnico. Abjuram por um lado a roubar o fogo dos deuses, mas, ao mesmo tempo, participam deste fogo (eucaristia). Ao se recuperar uma miríade de ritos e símbolos como articuladores absolutos e únicos da vivência humana, e interditar estudo e conhecimento acadêmico e científico, a Toca de Assis se desvinculava do paradigma racional moderno e se entrincheirava no paradigma do “mito” (SANCHIS, 1993, p. 13). Ou, conforme Hervieu-Léger, as formas não verbais de intensidade afetiva dão o tom e têm proeminência sobre qualquer outra forma de se vivenciar a fé, particularmente a intelectual (Apud CAMURÇA, 2003, p. 261).

Portanto, como se depreende, não havia uma aversão gratuita à teologia, mas a certas teologias mais críticas. A Toca de Assis tinha em alta estima a teologia que “feita de joelhos”. Algo bastante interessante a destacar, neste sentido, é que em minhas conversas com irmãos e irmãs, e até mesmo com postulantes, apareciam frases citadas de São Tomás de Aquino, São João Crisóstomo e de vários outros santos, frases citadas sempre referentes a algum aspecto de piedade e mística, ou da eucaristia e adoração. Embora não houvesse, ao que tudo indicava, um estudo formal para os toqueiros na Toca de Assis, percebia-se que certo conhecimento histórico da doutrina da Igreja, particularmente o de citação de frases de santos e papas importantes em relação à piedade e mística, circulavam entre os toqueiros como um aprendizado talvez informal, passando dos toqueiros mais velhos para os mais novos. O *Tratado da Verdadeira Devoção à Virgem Maria*, de São Luís de Monfort, por exemplo, era obra que alguns toqueiros tinham para sua leitura e edificação pessoal.

Porém, lendo e ouvindo algumas pregações do Pe. Roberto, descobria-se que a fonte das citações e frases de efeito destes santos, na boca dos toqueiros, tinha como fonte, muitas vezes, as pregações do Pe. Roberto, e não necessariamente o estudo/leitura de livros dos próprios autores citados. Um postulante, com dois anos de vivência propriamente dita na Igreja e na Toca de Assis, citava as aparições de Maria em Garabandal, na Espanha, e dizia que São Pio de Pietrelcina, patrono da Toca de

Assis, e o papa João Paulo II criam “profundamente” nas aparições e mensagens de Garabandal. Interessante como um postulante com dois anos de vivência na Toca de Assis e, de certo modo, mesmo tempo de conhecimento real da Igreja- pois sua reconversão à Igreja coincidia com sua entrada na Toca de Assis-, sabia citar trechos das aparições da Garabandal, quem cria nelas etc. Nota-se que existia uma formação, ainda que informal, na Toca de Assis, que fazia circular, para os mais novos e formandos, certas devoções, frases, ou mesmo leituras como referências de piedade para os toqueiros. Assim que acabava por existir, ainda que pela circulação informal entre os toqueiros, certa formação homogênea em termos de referências a santos, a frases, ensinamentos, devoções. Tal “formação”, em que toqueiros sabiam frases de santos de cor, se dava, em boa parte, por audição de pregações do Pe. Roberto.

3.5 ACOLHENDO A JESUS NAS RUAS

A Toca de Assis vinculava a si um acentuado trabalho assistencial. A ação social da Toca de Assis tinha um público alvo específico: as pessoas em situação de rua. Estes eram- e são- os pobres específicos da Toca de Assis, isto é, aqueles que ela considera os mais pobres dentre os pobres. A pobreza, para a Toca de Assis, não passava necessariamente pelo crivo de classe social, ou de baixa remuneração, ou ainda de condições de infra-estrutura, direitos, saúde e educação indignas para famílias trabalhadoras. Sim, os tais que vivem essas situações, ou que pertencem à classe trabalhadora assalariada com baixa remuneração, podem ser considerados pobres. Mas o pobre mais pobre, aquele que merecia toda a atenção e sacrifício do toqueiro, era o pobre de tudo, o pobre total, o mais abandonado, o mais esquecido, o mais humilhado pelas pessoas e pela vida. Onde estivesse este pobre, lá estaria a Toca de Assis. Esta era e é sua vocação: ser pobre com os mais pobres dos pobres, o miserável, se assim podemos classificar. Ou o pobre total, com o perdão do talvez novo termo técnico, que, aliás, penso cai bem ao analisar a Toca de Assis.

Explico: a Toca de Assis visava ser uma instituição total, radical em sua totalização católica e concepção da vida e do mundo a partir de um dossel sagrado de explicação do mundo e da Igreja, e ao qual era imperativo, também, uma entrega total de vida, inteiramente pertencente e dependente dele. O termo *totalização católica* o tomo de empréstimo a Jöel Morlet, citado e interpretado por Costa (2006, p. 161), em que o termo significa “um sistema simbólico autônomo que (...) unifica as percepções do real e os esquemas de percepção/acção”. Acrescento: autônomo e querendo ser o mais integrado possível ao que seria a legítima herança católica. Mas, voltemos ao pobre total. Em um movimento que buscava ter uma percepção e vivência totais de um dossel católico, que procurava ser radical – isto é, ir ao que entende ser a raiz, a essência, o legítimo-, também o pobre visado por ele tenderia a ser um pobre ideal

ou idealizado, o pobre essencial, radical. Vejamos um pouco desta assistência social, também ela, por vezes, radical, ao pobre radical.

A Toca de Assis visava – e visa- dar dignidade à população em situação de rua, acolhendo-a em casas devidamente preparadas para tanto e indo ao encontro desta população nas ruas dos centros urbanos; ida esta chamada de Pastoral de Rua, em que os toqueiros levavam lanches para as pessoas em situação de rua, faziam nelas curativos, cortavam cabelo e unhas e, quando iam com a chamada “perua”, proporcionavam, inclusive, banho, já que o veículo era adaptado com banheiro. Resumindo: a Toca de Assis assistia à população de rua nas ruas, em um trabalho primário, e, em etapa posterior, acolhia aquelas pessoas que o desejavam em grandes lares em que esta população passava a residir junto com os toqueiros.

Desde seu início a Igreja cristã tem atuado na diaconia/serviço social. E não podemos deixar de supor que um trabalho social, por mais assistencialista que seja, visando a dar dignidade a seres humanos, transformar suas vidas para melhor, não tenha um viés de modernidade, de direitos humanos, de intervenção social para promoção social: Isto me parece um mote moderno, embora já gestado há séculos pela Igreja.

Com a formação gradual dos Estados-Nação, e com o gestar da era dos direitos civis, particularmente após o marco da revolução francesa, o Estado se coloca ombro a ombro com a Igreja na assistência e amparo sociais, dando, inclusive, passo além, pois não só provê assistência social, mas também leis de proteção e de promoção humana e social. Contudo, hodiernamente, a partir de lógica neoliberal, cada vez mais os Estados nacionais tendem a relaxar tanto as garantias legais de cunho social como a assistência social de amparo à população em seus domínios. Neto (2005, p. 16) afirma que, se retirarmos o Estado e o Mercado como instâncias que regulam e compõe a imagem de sociedade (e de sua intervenção no social, diria), a sociedade civil emerge, em substituição, a regular e conduzir a ação social na sociedade. É o que tem, de fato, acontecido através, por exemplo, das muitas ONGs com vocações específicas de intervenção e cuidado em áreas específicas. Este emergir da sociedade civil para tomar as rédeas da intervenção na questão social deixou novos movimentos religiosos católicos, por exemplo, um pouco mais liberados, digamos assim, de preocuparem-se ou ocuparem-se com a questão social. Mais: sendo antagônicos- a maior parte destes novos movimentos eclesiais-, à Teologia da Libertação, passaram a priorizar o lado “espiritual” e doutrinário, destacando-os, tantas vezes, de sua correspondência dialética com a ação social, ainda que não regida pelos parâmetros da Teologia da Libertação ou similares. Mas eis que surgiu, na Toca de Assis, uma nova e profunda ligação entre doutrina/visão “espiritual” do mundo e ação social. Neste sentido a Toca de Assis representou um novo bastante questionador a outros movimentos católicos como, por exemplo, os Arautos do Evangelho, Neocatecumenais, Focolares, *Opus Dei*, e a tantas comunidades de aliança e de vida ligadas ao veio teológico da RCC.

Ora, se, de certa forma, a crise da modernidade ajudaria a gerar esta desestabilização de tradicionais setores sociais, como Estado, partidos, sindicatos, enquanto agentes de ação social (CAMURÇA, 2005, p. 45), a Igreja, entendida como sociedade civil, passa a ter (como, aliás, sempre teve) lugar de destaque no processo de regulação e administração da ação social. E, inclusive, a despeito do Estado. Apesar de os novos movimentos eclesiais, como já frisado, não terem interesse central na questão da intervenção social, surge, na Igreja, um instituto que tem como uma de suas metas precípuas tal intervenção. Porém, tal intervenção social ganha um sentido verdadeiramente independente de instâncias e alianças estatais e, mesmo, de alianças com organismos sociais da própria Igreja que o instituto representa.

Enquanto um dos perigos apontados pela CNBB quanto à RCC seja o de uma espiritualização “desencarnada”, que só gravitaria nas atividades internas “espirituais” da Igreja (CARRANZA, 2000, p. 139); a Toca de Assis se descolava desta postura histórica da RCC, pois que, além de gravitar, e muito, na adoração do santíssimo sacramento, a espiritualidade da Toca de Assis era, intrinsecamente, a da ação nas ruas entre os chamados “sofredores de rua”. No trabalho com a população em situação de rua, porém, não se cogitava sobre mudanças de estruturas sociais. O trabalho se restringia ao tipo sócio-caritativo. A partir de uma ação social que se vincula ao conceito de caridade, a Toca de Assis seguia a tradicional vertente cristã de estabelecer os pobres, e os mais pobres, como alvo preferencial da caridade, da ajuda, no sentido de ver neles os escolhidos de Deus e herdeiros do reino de Deus (CAMURÇA, 2005, p. 50).

Este caráter diaconal/social, no entanto, era motivado por uma concepção altamente espiritualizada, isto é, se havia a centralidade do serviço aos pobres, é porque havia, nos pobres, a centralidade de Jesus, ou melhor, o reconhecimento de que Jesus estava presente nos pobres. Vejamos como o Pe. Roberto definia o “amor aos pobres”, em uma entrevista à revista católica Mundo e Missão: “Amor aos pobres é amar a Igreja de Deus, Corpo Místico de Cristo, buscando aliviar seus sofrimentos nos pobres e sofredores de rua” (MUNDO E MISSÃO, 2005, p. 25). Portanto, a motivação primeira não era a compaixão pelos pobres, *stricto sensu*, ou a revolta com sua situação de abandono, mas o fato de Jesus estar presente e sofrendo na figura deles. Cuidando dos pobres se estaria, na verdade, cuidando de Jesus. Ou seja, não havia uma percepção social, no sentido moderno do termo, mas uma motivação quase (?) puramente espiritual e mística nesta solidariedade. É preciso se perguntar se, no caso de Jesus nunca ter dito, no evangelho, que ele se encontrava no pobre sofredor (evangelho segundo Mateus, capítulo 25), a Toca de Assis teria a mesma missão de cuidar dos pobres como cuida.

Aqui, por exemplo, está uma diferença fundamental entre grupos como os da Toca de Assis (dentro de uma espiritualidade mais carismática/devocional) e os da Teologia da Libertação. Pois embora a Teologia da Libertação também tenha a

mesma base bíblica para o trabalho com os empobrecidos, sua articulação de ação e motivação foi se desenvolvendo em interface com as ciências sociais, com compreensões de motivação e intervenção junto aos empobrecidos não mais, necessariamente, “espiritualizadas”, mas no lastro de ideologias e utopias sociais de transformação social, teleológicas. Mesmo muitos dos que se engajaram na práxis militante social dos modelos da Teologia da Libertação chegaram a um ponto onde podiam dizer que a fé não era mais condição para o comprometimento com as causas sociais (LIBÂNIO, 2003, p. 138). Mas na Toca de Assis era bem diferente. “Quando a gente sai na rua, não é só um ato social. A gente procura no pobre a presença de Jesus”, revelava um toqueiro. O interesse, para além do pobre concreto, estaria em aliviar as chagas... de Jesus, da Igreja que sofre, seu corpo místico.

3.5.1 A FORMA E SEUS CONCEITOS

Contudo, haveria algo a mais do que um caráter simplesmente espiritualizado na motivação de intervenção social dos toqueiros? Penso que sim. Característico da Toca de Assis era a radical via ética – de moral pessoal e “moral social” –, com sua ação junto à população em situação de rua. Esta via seria característica de uma contrastividade de pessoas – jovens! – e grupos que querem dar uma “resposta aos erros encontrados na sociedade” (GUERRIERO, 2005, p. 48). De certa forma, cuidar de quem ninguém cuida, dar valor a quem ninguém valoriza, prestar atenção a quem não possui nenhuma produtividade ou rosto social, é estar na contra-mão da história, da narrativa oficial, dos valores estabelecidos. É, embora silencioso – mas de visibilidade altamente performática – um protesto contra a sociedade estabelecida em seus valores e normatividades. Como explicava o próprio Pe. Roberto:

A Toca nasceu do coração Sacramentado do Filho de Deus, para o Seu próprio coração, nos pobres e marginalizados de nossas ruas, considerados lixos da sociedade, para trazer aos corações sofridos a boa nova do amor de Deus, dar a eles a esperança, a vida, devolvendo-lhes a dignidade de filhos (as) de Deus, em meio a uma sociedade que quer tirar-lhes toda esperança. A Fraternidade quer ser para eles a alegria e a presença do Senhor.⁴³

Dar a vida pelos que oficialmente não fazem parte da sociedade produtiva é dar uma resposta a um determinado estilo de sociedade e de cidadania. É nadar contra a corrente. É contracultura pura.

Embora conceitos sociológicos e políticos como “marginalizados” e “sociedade” estivessem presentes ao discurso, a concepção de trabalho social na Toca de Assis não tinha, ao menos explicitamente, qualquer conotação que remetesse a âmbitos que não os puramente referenciados pelo cristianismo. E em uma concepção de cristianismo marcada pela noção tradicional de caridade como a de dar, estar disponível

43 Entrevista do Pe. Roberto disponível em: <http://amaivos.uol.com.br/>. Acesso em: 14 dez. 2008.

– voluntariamente – para assistir e aliviar as dores alheias por amor a Deus. Em bom português: assistencialismo. Não quero aqui entrar no mérito da legitimidade ou não concernente a um trabalho de cunho assistencialista. Não faço, aqui, juízo de valor sobre o caso, o que nos levaria para discussões que transcendem os objetivos desta obra.

Um primeiro fato a destacar é que a Toca de Assis trabalhava, por assim dizer, com o pobre solto, sem referência de classe e não organizado. Também não havia um planejamento racional sobre fins específicos a atingir – e estratégias para tanto – quanto à reinserção da população em situação de rua à cidadania. Existia, por vezes, um ou outro pequeno projeto localizado, e surgido um tanto de improviso, conforme oportunidades, a maior parte das vezes, oferecidas de fora da Toca de Assis. Mas inexistia um projeto macro, de médio ou longo prazo, racionalizado, com estratégias de ação e metas a cumprir no sentido de reinserção social das pessoas atendidas. E isto também porque não existia, *a priori*, uma concepção de sociedade ideal a construir-se. A concepção de mundo na Toca de Assis era aquela do mundo disputado entre Deus e o Diabo, e referenciado pelos espectros espirituais. Abstendo-se de teorias não-religiosas sobre a sociedade, a Toca de Assis, conseqüentemente, também se esquivava em formular projetos que transcendessem o nível que é percebido como aquele lhe cabe, o puramente religioso.

De fato a Toca de Assis buscava alienar qualquer dimensão política quanto à atuação para com os pobres. Como nos revelava o Pe. Roberto, “o governo não tem o carisma que a Igreja tem para cuidar do irmão de rua. Eles precisam de amor, de cuidados, de gente que tem coragem de tocar suas feridas para cuidá-las” (REVISTA TOCA, nº 28, p. 12). Os poderes civis constituídos na sociedade eram julgados incapazes de ação social eficaz por serem considerados burocráticos – faltando-lhes o amor e a coragem – e, de quebra, inexistindo neles a ética necessária, como afirmava um toqueiro: “Não acredito [que a via política possa resolver a questão social]. Porque a cobiça e ambição tomam conta”. Esta insatisfação e descrédito em relação às instituições públicas representativas da sociedade pode ser a mesma que tantos brasileiros, e jovens, sobretudo, sentem, em desconfiança, em relação a governos e políticos. Este desencantamento das utopias e da fé nas instituições requer outros encantamentos que tornem a esperança habitável e viável ao coração humano. Enquanto alguns jovens optam por pertencer a tribos urbanas específicas, com sua cosmovisão de mundo próprio, como enclaves sociais, e outros se debatem entre a indiferença e o ajuste ao sistema societário em que vivem, alguns, como os toqueiros, ressuscitam das cinzas das utopias referenciais alternativos. Não deixa de ser um protesto encantado tornar-se mensageiro de um reino maior para este mundo de seres abandonados pelo reino terreno.

Mas o figurino da ação social religiosa latino-americana, que não deixaria de ser uma forma de acesso à ressurreição das utopias, não cabia bem à Toca de Assis.

Até porque, em seu modelito mais famoso, o da Teologia da Libertação, esta ação social teria pecado em aliar-se à política e análises sociológicas tão pertencentes a um mundo considerado falacioso. “A Igreja tem a opção preferencial pelos pobres. Mas a gente tem que entender, não é o pobre pelo pobre. Eu vejo Jesus no pobre. Quem me leva para o pobre na rua? Jesus sacramentado. Então essa opção preferencial pelos pobres na linha PT, na linha marxista não é a nossa”, revelava um toqueiro. Não é o pobre pelo pobre, fique claro ainda mais uma vez. É Jesus⁴⁴. Pobre pelo pobre... isto fica para os socialistas, para os partidos de esquerda, para os projetos políticos, eles, por sua vez, maculados pela “cobiça” e “ambição”, sem “amor” e sem “coragem” para tocar nas feridas dos pobres. À Toca de Assis, aparentemente, não interessava um projeto de sociedade, um projeto que entendesse seu pobre atendido em uma dimensão maior que a do imediato socorro à vítima. Ao menos não se percebia, nela, maiores articulações quanto a isto, ou seja, quanto à formulação teórica e prática de projetos de sociedade alternativa quanto à questão sócio-econômica.

A opção preferencial pelos pobres, na Igreja latino-americana das últimas décadas, teve a intenção de construir uma Igreja que nascesse das bases, do povo, uma igreja popular (SOBRINHO, 2004, p. 112). Havia, portanto, tanto uma concepção e projeto novo de Igreja como de sociedade dela derivada. A Toca de Assis, em sua opção pelos pobres, no entanto, não visava uma Igreja das bases, pobre e que nascesse dos pobres. A Toca de Assis, neste quesito, mostrava-se extremamente alinhada a um projeto de Igreja hierárquica que pouco ou nada cede a uma organização eclesial que se entenda como popular, no sentido que a Teologia da Libertação dá a este termo. A Toca de Assis em nenhum momento, ao que me pareceu, havia questionado o *status quo* teológico ou social da Igreja hierárquica nos modelos que a Santa Sé procura imprimir, assim como, também, não pleiteava uma Igreja de pobres e que eclodisse a partir da reflexão teológica dos pobres. Sua inserção social, ao contrário, buscava levar aos pobres a Igreja que está em conformidade com os paradigmas hierárquicos e oficiais atuais vigentes na Igreja, alinhada à política religiosa do Vaticano. Neste sentido, o fomento da religião entre os pobres atendidos pela Toca de Assis não tinha representado nenhum esforço ou preocupação de inculturação religiosa ou de nova gestão experiencial da religião entre eles, mas tinha sido um modelo de implante aculturado. A Toca de Assis, entretanto, não questionava, por exemplo, a questão da riqueza e poder na Igreja, embora ela, enquanto um movimento da Igreja, propugnasse a pobreza para si.

Também não é de somenos destacar que a Toca de Assis – porquanto se distanciava da forma de intervenção social cara à Teologia da Libertação-, no entanto,

44 A isto o sociólogo Joaquim Costa (2007, p. 8) provoca: “se o andrajoso da rua se apresentasse, um dia, limpo e mais integrado, como reagiriam os toqueiros, quando nele deixassem de ver o Cristo chagado? Virar-lhe-iam as costas? Uma sociedade moderna bem integrada, sem pobres, não será um pesadelo toqueiro? Um capitalismo bem integrado, sem pobreza, é um pesadelo comunista...”.

ao privilegiar como centro de sua existência uma intervenção social diária no mundo dos mais pobres dos pobres, apresentava uma afinidade eletiva entre ética religiosa e utopia social que é recorrente na América Latina (LÖWY, 2000, p. 63). Não que a Toca de Assis tivesse um projeto social formado. Sua ação era no nível paliativo, assistencial. Mas o fato de fazer desta assistência social o seu dia-a-dia e identificar Jesus nos pobres e o cuidado aos pobres como cuidado a Jesus; como a interpretação de estar, digamos, aliviando as dores do próprio Jesus, faz a ligação entre ética religiosa – o amor a Jesus e aos outros – e utopia, ainda que não de um projeto social, mas de um projeto religioso, o de amenizar os sofrimentos de Jesus e o de ver Jesus naqueles mais desprezados e esquecidos, alijados da sociedade.

Por outro lado, se a Toca de Assis se mostrava um movimento de contra-face em relação às normatividades sociais predominantes, ela também, de certo modo, se mostrava como questionadora do trabalho social da Igreja e paralela a ele. Interessante notar que o trabalho de rua feito com a população em situação de rua tinha o nome de “Pastoral de Rua”, embora que não estivesse – até onde pude perceber – ligado ou vinculado oficialmente às pastorais de uma paróquia determinada ou às pastorais de nível diocesano. Ou seja, usava-se um conceito de uma ação oficial da Igreja (em nível paroquial ou diocesano) para um trabalho de cunho restrito à Toca de Assis, sem ligações ou articulação com as pastorais oficiais das igrejas locais. Esse íterim descortina um pouco do independentismo da Toca de Assis, que usava conceitos/terminologias eclesiais oficiais para, no entanto, realizar um trabalho independente e desmembrado de pastorais similares em âmbito diocesano. Se não chegava a ser uma concorrência com as pastorais já instituídas em paróquias e dioceses, era ao menos um trabalho paralelo.

Surgia, assim, a Toca de Assis como um grupo de práticas pastorais independentes, ou seja, por mais dependente que fosse a Toca de Assis da Igreja – em seu discurso de fidelidade à Igreja – também se delineava ela como autônoma em relação à Igreja – por exemplo, quanto aos planos de pastoral diocesanos ou paroquiais –; se revelava a Toca de Assis como uma associação de características pós-modernas, que faz de certa autonomia e independência um elemento que se alia ou quer se aliar com o *establishment* oficial sem, contudo, perder sua liberdade de ser e agir⁴⁵.

45 Os toqueiros, geralmente, não eram membros paroquianos, dizimistas ou contribuintes, da paróquia em que estavam sob influência geográfica (circunscrição eclesial, ou paroquial). Perguntadas sobre que paróquia frequentavam, as toqueiras me disseram que iam à missa em igrejas várias, conforme os horários que mais se mostravam favoráveis às suas rotinas; e que não tinham, necessariamente, uma paróquia de referência. Neste sentido, da participação/filiação paroquial, a Toca de Assis se encontrava próxima ao que Costa (2006) descreve como aderências à(s) paróquia(s) eletiva(s), ou seja, não necessariamente filiação àquelas paróquias da circunscrição eclesial do católico, mas frequência à(s) que ele escolhe por motivos variados, elegendo-as por gostos pessoais ou oportunidades casuais. Assim se verifica, no âmbito do dantes bem articulado controle católico dos fiéis, mediante a área geográfica paroquial, uma desfiliação paroquial, bem ao gosto das identidades e pertencas soltas da pós-modernidade.

De fato a Toca de Assis tinha certa desconfiança das ações pastorais a ela não vinculadas. Perguntado sobre como percebia as outras obras sociais e de caridade da Igreja, um toqueiro advertia de que “desde que não ficando só no social, porque o social só esfria, se torna uma rotina, e a gente tem que se aprofundar no mistério de Cristo”. Estariam as pastorais sociais da Igreja (diocesanas, paroquiais etc) muito instrumentalizadas “só no social”, sem a mística as lhe conduzir e inspirar? Para alguns toqueiros esta, se não era uma desconfiança, era uma clara preocupação. O Pe. Roberto concebia sua fraternidade como “a pedra no sapato da Igreja, que denuncie as estruturas que não fazem a verdadeira opção pelos pobres” (Apud CARRANZA, 2000, p. 77). Continuava o padre, na mesma entrevista, a dizer que “você vai encontrar na Toca de Assis elementos da Teologia da Libertação, sadia é claro”.

Certa vez vi, no dedo de um postulante da Toca de Assis, uma aliança preta de tucum, símbolo de uma Igreja comprometida com a Teologia da Libertação. Perguntei a ele onde a tinha adquirido e se aquela aliança tinha um significado especial. O postulante respondeu que comprara a aliança em Campinas – quando já estava na Toca de Assis – e que o significado dela era o de compromisso com os pobres. Infelizmente meu contato com este toqueiro foi rápido, em circunstâncias de passagem, e não o encontrei mais. Contudo, não acredito que fosse alguém comprometido com uma visão teológica da Teologia da Libertação, já que o espaço da Toca de Assis era, implícita ou explicitamente, não simpático e por vezes mesmo hostil à Teologia da Libertação, e a vida devocional e litúrgica na Toca de Assis pouco tinha de similaridade ou afinidade eletiva com ela. Portanto, fiquei com a conclusão possível de que inclusive símbolos eclesiais que, de certa forma, representam discurso diferente e mesmo em oposição ao da Toca de Assis eram absorvidos e reinterpretados, redimensionados na simbólica da Toca de Assis. De comum entre a proposta da Toca de Assis e a da Teologia da Libertação a aliança simbolizava o “compromisso com os pobres”. Porém, partindo para a prática que vai além deste ponto de intersecção, a forma como se desdobrava este compromisso com os pobres assumia forma bastante diferente na Toca de Assis, mesmo contrária ao “compromisso com os pobres” proposto e praticado por uma Igreja identificada com a Teologia da Libertação.

O discurso da Toca de Assis, em relação aos pobres, portanto, podia, por vezes, ganhar tom e forma que lembravam o discurso da Teologia da Libertação: “Trabalhemos com ardor principalmente na defesa dos mais pobres”, convocava o Pe. Roderto (REVISTA TOCA, nº 41, p. 2). Estaria aqui, então, uma resposta aos modelos de intervenção social das pastorais da Igreja latino-americana, modelos estes influenciados por perspectivas sociológicas e de cálculo racional em suas ações? A ação social da Toca de Assis não operava com conceitos econômicos, sociológicos, enfim, com referências

e estratégias técnicas de intervenção social.⁴⁶ Havia um idealismo de que o mundo pode ser melhorado ou mesmo transformado apenas pelos princípios do amor. Seria a ação social da Toca de Assis não só uma contra-face ao modelo de sociedade que temos, mas também ao modelo de ação da Igreja?

É incontestável a ligação que a Toca de Assis fazia entre pobreza social e explicações espirituais para ela. Ao contrário da Teologia da Libertação, em que a pobreza é vista como empobrecimento ou espoliação, cujas causas devem ser buscadas na política, economia e organização da sociedade, a Toca de Assis espiritualizava a questão da pobreza, tanto pela convicção de que havia uma batalha espiritual a influenciar todos os campos da vida e sociedades humanas; como no cuidado em evitar a todo custo que sua ação social, e a percepção dela, fossem teorizadas ou cooptadas por algum viés que não explicitamente o religioso.

Assim descreviam a questão os toqueiros de Belo Horizonte: “Ao andarmos pelas ruas do centro ou até nos bairros, nos deparamos com grande número de pessoas excluídas da sociedade, pela sua pobreza (sujeira, fome, feridas, vícios), vítimas das drogas e da violência. São homens, mulheres, idosos e crianças que sofrem nas trevas da ausência de Deus” (REVISTA TOCA, nº 44, p. 6). Primeiro nota-se que quanto às causas da pobreza não se enumera desemprego ou baixa renda. Quem está a vitimizar as pessoas, a empobrecê-las, é a droga, a violência. Usa-se o termo “exclusão social”, mas tal termo não se refere a uma exclusão dos meios de produção, ou do acesso equitativo às riquezas produzidas, ou da ausência do Estado no amparo básico à saúde e educação. O que exclui pessoas da sociedade é a sujeira, são as feridas, os vícios, a fome. Toca-se nas conseqüências, não nas causas. O discurso, e a análise nele embutida, excluiam qualquer narrativa que resvale em uma avaliação crítica de modelos sociais excludentes. Ao contrário, a exclusão social era identificada como “ausência de Deus”. Embora tal discurso da ausência de Deus pudesse ser adotado também pela Teologia da Libertação, é provável que fosse adotado por outra via, ou seja, identificando a ausência de Deus nas estruturas da sociedade excludente, e não nas pessoas excluídas. Isto não está longe de uma visão social pós-moderna, em que as estruturas desaparecem para surgir o indivíduo só, independente. E aqui o pobre é pobre (também?) por estar nas trevas da ausência de Deus. Isto é interessante se confrontarmos este discurso com o outro, oposto a este, de que no pobre está Jesus sofrendo. A aparente contradição dos dois discursos da Toca de Assis se fazia perceptível. O indigente é alguém que de certa forma vive sem a presença de Deus, mas, ao mesmo tempo, vela em si o próprio Deus. Teologicamente, poderíamos aportar numa teologia da cruz em que, na crucificação, nu, Jesus, ele mesmo interpretado

46 A Toca de Assis tinha, claro, alguma racionalização em sua abordagem e intervenção junto às pessoas em situação de rua. Mas era uma estratégia operativa, prática de intervenção básica, por um lado, e mística (na concepção das motivações e intenções) por outro lado.

como Deus, experimenta toda a ausência de Deus no grito “meu Deus, por que me abandonaste?”. Não percebi esta teologia da cruz sistematizada na Toca de Assis, mas parece que o paradoxo da teologia da cruz estava, de forma intuída e vivida, nestes dois discursos da Toca de Assis sobre a pobreza extrema.

Eu disse que a Toca de Assis invisibilizava as causas sociais da pobreza, ignorando-as? Mas uma organização como a Toca de Assis era muito mais paradoxal do que poderiam sugerir generalizações. Uma toqueira reconhecia que:

A maior causa de tantas pessoas viverem na rua é a desigualdade econômica no país, quem é rico cada vez mais rico, e quem é pobre cada vez mais pobre. Às vezes tem uma pessoa com uma casinha lá, ela trabalha, mas trabalha para pagar o aluguel, e se perde o emprego, perde a casa. Muitas vezes a gente encontra famílias inteiras na rua, pai, mãe e as crianças, porque perdeu emprego, só consegue bico.

Interessante notar que, diferente da maior parte dos toqueiros – e, de certa forma, mesmo diferente do Pe. Roberto-, uma toqueira apresentava um discurso que explicava a miséria e a pobreza a partir de um referencial político-econômico. Perguntada sobre se haveria algum modo de resolver a questão social das pessoas em situação de rua, ela dizia que: “Olha, resolver isto fica meio complicado, tem muita gente na rua, muita gente mesmo. Ou precisaria da mobilização de todo brasileiro, daqueles que têm mais repartir com aquele que não tem, porque esperar do governo, o negócio é mais complicado ainda. Mas também tem que resolver a questão política do Brasil, a repartição das rendas.” Seria este um discurso destoante na Toca de Assis?

A Toca de Assis era composta de pessoas com variadas percepções sobre as causas do empobrecimento daqueles a quem ela acodia. Contudo, é bom frisar que mesmo quando havia alguma percepção mais crítica a respeito do espectro social, ela não dispensava a visão mística do Jesus que sofre no pobre, e não dialogava de forma prática com as entidades sociais e políticas no sentido de pressioná-las ou manter alianças com elas, visando a superação social da pobreza, enquanto transformação das relações de produção e de distribuição de renda. A Toca de Assis- de uma formal geral-, através da identificação da miséria e miseráveis com Jesus sofredor e através da motivação mística na assistência aos miseráveis, mostrava uma recusa formal – ainda que haja exceções pessoais- da explicação dos fatos sociais pela racionalização, já que era priorizado o uso do simbólico-religioso como matriz principal de interpretação e ação (RODRIGUES, 2004, p. 43). Conforme Libânio (1998, p. 63), mesmo os surtos religiosos novos que vinculam a si papéis de serviço social carecem de um tônus crítico-social. Antes, favorecem, a-criticamente, com trabalhos assistencialistas, o sistema vigente. Afinal, “a busca carismática e verdadeiramente mística da salvação, por parte dos virtuosos religiosos, foi, naturalmente, em toda a parte apolítica ou antipolítica, pela sua própria essência” (WEBER, 2002, p. 235).

3.5.2 A PASTORAL DE RUA

A ação social primária na Toca de Assis se revelava através da Pastoral de Rua. Todo toqueiro devia exercê-la e consistia ela em abordar, nas ruas das grandes e médias cidades, pessoas que vivem, integralmente ou parcialmente, nas ruas, levando a elas lanches, serviços de barbearia e higiene, conversa amiga; realizando curativos, quando necessários. Os grupos de Pastoral de Rua, geralmente, saíam com quatro pessoas às ruas, podendo o número variar para mais ou para menos, conforme o dia e a casa da Toca de Assis de que se tratava. Porém, nunca os toqueiros saíam individualmente para tal trabalho. Em algumas cidades, como o Rio de Janeiro, as irmãs costumavam fazer Pastoral de Rua junto com os irmãos, devido a ser esta (e outras) uma cidade “perigosa e violenta”, no dizer de uma toqueira.

Geralmente a Pastoral de Rua era feita nos turnos da manhã e da tarde. Quando tinha início pela manhã, a Pastoral de Rua principiava, o mais tardar, por volta das nove horas da manhã. O término do serviço era indefinido, podendo girar pelas seis horas da tarde. Não se partia para ela com dinheiro ou alimentos próprios. O toqueiro almoçava ou lanchava se alguém oferecesse comida. Usavam, durante a Pastoral de Rua, os banheiros de bares. Algumas vezes a Pastoral de Rua também acontecia durante a noite, inclusive com a experiência de toqueiros dormirem junto a grupos de pessoas em situação de rua. Ao sair para a ação social nas ruas, os irmãos pediam a ajuda divina, através de oração cujo teor é: “Guardai-me, ó Deus. Sob a força exorcística de vosso preciosíssimo sangue; de vossa sagrada face; de vossa coroação de espinhos; que nenhum espírito inimigo nos possa inquietar ou prejudicar. Amém”. A esta oração seguia-se a oração do Santo Anjo. Percebia-se que, na cosmovisão toqueira, a rua é um lugar perigoso não só pelo que tem de violência visível, mas também invisível, através dos espíritos “inimigos” que nela habitariam e agiriam.

Geralmente as pessoas em situação de rua já conheciam os “marronzinhos” e, a maioria, tinha simpatia por eles. Havia aqueles que também recusavam seus serviços, no que eram respeitados. Nas oportunidades em que acompanhei a Pastoral de Rua, no centro do Rio de Janeiro e no centro de Niterói, os moradores de rua encontrados e abordados já eram conhecidos dos toqueiros, e vice-versa. Um morador de rua, inclusive, foi insistentemente procurado pelas ruas da Lapa pelas irmãs, dado que precisava da renovação de um curativo. Houve apenas uma exceção em minha experiência, em que estando na Pastoral de Rua com os irmãos, eles se aproximaram de um morador de rua ainda desconhecido, lhe entregaram um sanduíche, um copo com suco, e um toqueiro sentou-se junto a ele para conversar, ao que o sujeito arregalou os olhos e disse: “Há mais de quinze anos ninguém senta para conversar comigo”. Aquele toqueiro ficou cerca de uma hora e meia, sentado, conversando com o morador de rua. Uma hora e meia de choro, de risos, de piadas. Foi uma cena comovente que acompanhei como coadjuvante.

Aliás, alguns transeuntes, de fato, costumavam parar para ver os procedimentos dos toqueiros junto às pessoas em situação de rua. Algumas pessoas, emocionadas, iam à padaria e compravam algo para o morador de rua e para os toqueiros; outros davam dinheiro. Enquanto acompanhei a Pastoral de Rua não testemunhei nenhum deboche ou escárnio quanto à atuação dos toqueiros, embora os mesmos fizessem questão de admitir sua existência. Para mim foi marcante e extremamente interessante o contraste que percebi em certa incursão na Pastoral de Rua. Em certa altura, estavam as irmãs atendendo um morador de rua em frente a um templo da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Eu ouvia o pastor, de dentro do templo, orando pela cura dos enfermos, enquanto as irmãs faziam um curativo na perna de um homem. Percebia ali duas vias de cura que se evidenciavam: uma de cunho puramente sobrenatural e, outra, de cunho prático, ainda que motivada por questões religiosas ou sobrenaturais. Neste ponto pude perceber que por mais espiritualizado que fosse o substrato da essência da Toca de Assis, ela canalizava a concepção espiritual para uma prática de intervenção social concreta, que a manifestava.

Finalmente é necessária uma palavra sobre as iniciativas de enfermagem exercidas pela Toca de Assis na Pastoral de Rua. Quando estava acompanhando a Pastoral de Rua, junto a duas irmãs, paramos em uma praça semi-abandonada na região entre a Glória e a Lapa. As irmãs achegaram-se a um morador de rua, de quem já haviam cuidado anteriormente, fazendo curativos em sua perna. Enquanto uma irmã dava o lanche ao morador de rua, a outra abriu a valise e tirou o material para refazer o curativo. Enquanto a irmã fazia o curativo, um guarda municipal, com uma pochete de primeiros socorros,⁴⁷ aproximou-se. Ao verificar o procedimento da irmã, na feitura do curativo, o guarda perguntou: “Você sabe o que está fazendo?”. Ao que a irmã retrucou: “Sinceramente não”. O guarda disse que o procedimento estava errado. Mostrou que as rugas/escamas no pé do atendido não condiziam com a idade do sujeito, e que não era para limpar as escamas, caso contrário as feridas se espalhariam. Ensinou o procedimento correto e, conhecendo o morador de rua, disse que a ferida era efeito da “cachaça” e que ele deveria beber menos. Quando o guarda saiu, o morador de rua disse que “esses guardas são iguais Barrabás, gente ruim”.

A cena foi deveras reveladora e levantou algumas questões. A primeira é que o morador de rua aprovava o trabalho das irmãs, que ofereciam lanche e curativo, mas reprovava os conselhos do guarda – representante do poder público-, que apontava a forma correta de realizar o curativo. Mas sua reprovação repousava, no entanto, na atitude não assistencialista, porém profilática do guarda, que apontava o motivo da chaga e aconselhava o remédio: a bebida e parar de beber.

47 O que provavelmente demonstra que era alguém com curso/conhecimentos básicos sobre enfermagem.

Também se desenhou, na cena, um conflito entre um tipo de ajuda que se baseia na providência e imprevisto e outro alicerçado no saber técnico. O conflito entre uma ação social sem planejamento, baseada na boa vontade leiga, e o poder público, com sua autoridade e técnica, mas sem o consentimento e simpatia daqueles por ele atendidos ou alvo de seu atendimento.

Quanto ao proceder de enfermagem, é necessário que se diga que as irmãs tomavam cuidados básicos de higiene quanto aos procedimentos de curativos, usando luvas descartáveis e lavando a área em que era feito o curativo. Segundo uma toqueira, os toqueiros costumavam pegar sarna de seus atendidos, mas em relação a doenças mais sérias, não havia, segundo ela, notícias, devido aos cuidados e protocolos seguidos nas intervenções com os doentes. Portanto explicava a não contaminação através de lógica racional, não recorrendo ao sobrenatural, isto é, à proteção devido à adoração ao santíssimo sacramento etc. Quanto à necessidade dos conhecimentos de enfermagem para o trabalho com pessoas em situação de rua, relatou-me, entretanto, que “90% do que a gente vai aprendendo é pela graça de Deus”. Os toqueiros costumavam ter muito cuidado ao selecionar as pessoas a serem abordadas. Não costumam abordar menores de idade em situação de rua, e nem grupos onde, explicitamente, se evidenciava um uso mais compulsivo de drogas químicas. Percebi, por exemplo, que no bairro da Glória, Rio de Janeiro, junto à sua centenária mureta, em determinada época, os toqueiros não mais estavam aparecendo para a Pastoral de Rua, como era comum acontecer tempos antes. E havia uma razão. A população de rua que ali, na altura, passou a frequentar o lugar tinha perfil distinto da anterior, que conheci com os toqueiros na Pastoral de Rua um ano antes. Naquela altura as pessoas em situação de rua que lá estavam a frequentar o largo tinham um perfil mais identificado com dependentes químicos e pessoas que possivelmente praticavam pequenos delitos. Notei ser um povo mais “barra pesada”, o que afastava os toqueiros, prudentemente.

3.5.3 CASAS DE ACOLHIDA

Após o contato feito nas ruas, os toqueiros convidavam algumas pessoas, que lhes pareciam mais acessíveis, a residirem em suas casas. Geralmente privilegiavam os mais doentes e carentes neste convite. Havia os que, já num primeiro encontro, demonstravam vontade em residir em uma das casas de acolhida dos toqueiros. Assim passava-se ao segundo passo da convivência e ação social junto às pessoas em situação de rua, ou seja, o abrigá-las nas casas de acolhida. As pessoas abrigadas nas casas da Toca de Assis costumavam ser fruto direto do contato exercido pelos toqueiros nas ruas. E às casas de acolhida eram apenas admitidas pessoas em situação de indigência, até onde pude constatar.

Eram mais de cinco mil acolhidos na Toca de Assis, conforme dados oficiosos da época. A casa Irmão Sol Eucarístico, de Madureira, Rio de Janeiro, quando a conheci e durante o tempo em que acompanhei algumas de suas atividades, tinha por volta de

71 acolhidos. Existia um registro (ao qual não tive acesso) dos dados básicos de cada interno, como nome, idade, origem, informações básicas – quando as havia – sobre família, problemas de saúde e vícios. Havia casas que acolhiam pessoas com mobilidade, saúde mental e física suficiente para não precisarem de cuidados mais particularizados. E havia casas que acolhiam doentes “terminais”, pessoas comprometidas de forma irreversível na saúde física e mental, ou com doenças graves. A idade dos acolhidos nas casas era sempre variável. Também a escolaridade, prevalecendo, pelo informe dos irmãos, pessoas com pouco ou nenhum estudo formal. Etnias distintas abrigavam as casas. Origens geográficas as mais variadas.

A confiança dos acolhidos nos toqueiros se dava aos poucos. Como pude observar, em um momento de realização de curativos e em um momento de banho - autorizado para minha presença-, os irmãos iam conversando com os acolhidos, contando “causos” e, também, extraindo informações dos acolhidos, como: origem, como chegou à rua, problemas etc. A relação de confiança se estabelecia no serviço que era feito espontaneamente, com sorrisos e carinho, conversa e brincadeiras. Os acolhidos percebiam que não estavam em um lar de acolhimento “profissional”, em um abrigo em que os funcionários são pagos para cuidarem deles e muitas vezes o fazem de má vontade ou sem expressões de sentimento, carinho e diálogo. Este era um diferencial importante da Toca de Assis. Lá estavam jovens, de pouca idade, descalços, sem nada, tornados quase tão pobres como eles, acolhidos, e que faziam gratuitamente e sorrindo, sem julgamentos, com carinho, um serviço que muitos não gostariam de fazer de bom grado, ainda que bem pagos. Os acolhidos percebiam este diferencial e muitos iam aos poucos se deixando conquistar pelos jovens e, assim também, aceitando a catequese, a iniciação ou re-iniciação cristã.

Nas casas que acolhiam pessoas em situação de saúde “terminal”, os acolhidos costumavam ficar até morrer. Todo tratamento de saúde e higiene dos acolhidos era feito na própria casa pelos toqueiros. Havia médicos e outros profissionais de saúde que, sendo simpatizantes da Toca de Assis, ajudam-na voluntariamente. Na casa de Madureira havia um médico voluntário que lá ia todas as terças-feiras. Mas geralmente os acolhidos eram levados à rede pública de saúde. Em casos de surtos ou agudização de doenças, emergências, os toqueiros levavam o interno para um hospital ou posto de saúde público.

Geralmente as casas de acolhimento não tinham vínculos e convênios com nenhum programa de assistência, seja privado, do terceiro setor ou público. Primeiro por medo de que se usasse a imagem da Toca de Assis politicamente, como atestado por uma irmã. Depois porque tais alianças “ameaçariam a fé” dos toqueiros na providência, a única aliança possível. Convênios e planejamentos eram o contrário da providência. Mas havia exceções. A casa Irmão Sol Eucarístico de Madureira havia feito uma parceira com o SENAC para os acolhidos que desejassem realizar um curso profissionalizante

(cabeleireiro, garçom, arrumadeira), na própria casa da Toca de Assis e no SENAC do bairro do Irajá. Mas frise-se que este projeto não partiu da Toca de Assis, mas de funcionários do SENAC do Irajá que conheciam e procuraram a Toca de Assis e que, no dizer de um toqueiro, eram “pessoas muito católicas, maravilhosas, que querem se doar aos irmãos, enviadas de Deus, que abriram as portas do SENAC para a Toca”. Importava, antes de tudo, perceber a aliança como uma providência divina. Quando perguntado sobre convênios com grupos de Alcoólicos Anônimos, Narcóticos Anônimos e outros de ajuda a dependentes químicos, um toqueiro desconversou, afirmando que muitos são curados de vários vícios por meio da adoração ao santíssimo sacramento, “sem mesmo terem tido nenhuma palestra”. E atribuía as “curas” de dependências químicas à adoração eucarística, à providência de Deus, ao “carinho, abraço e atenção dos irmãos”.

A Toca de Assis procurava, o quanto possível, fazer contato com familiares de pessoas acolhidas em suas casas, quando havia referências familiares claras e desejo do acolhido em tentar uma reaproximação com familiares. Porém, não havia um trabalho sistemático de busca das origens de acolhidos, sendo este um trabalho esporádico e, na maior parte das vezes, sendo o próprio acolhido a manifestar o desejo de reencontro familiar e pedindo auxílio para tanto. Ou seja, não havia um preparo ou mesmo interesse sistemático da Toca de Assis para fazer uma triagem de assistência social em busca da reinserção do acolhido – e mesmo de pessoas que viviam nas ruas – para o seio da família de origem. Quando havia a manifestação do acolhido em achar ou retornar à família, os toqueiros buscavam auxílio de colaboradores leigos da Toca de Assis para esta “pesquisa” e encaminhamento. Igualmente os toqueiros, muitas vezes com a ajuda de leigos colaboradores, buscavam providenciar certidão de nascimento, identidade, CPF, título de eleitor e carteira de trabalho para os acolhidos que não tinham tais documentos, como uma forma de dar-lhes rosto e identidade cidadãs. Alguns toqueiros se aventuravam em tentar alfabetizar acolhidos. Nas casas de acolhida eram organizados, de tempos em tempos, teatros, shows de música e outros eventos culturais em que os acolhidos e atendidos se tornavam os protagonistas, com o auxílio e participação dos toqueiros, no intuito de elevar a auto-estima deles.

O trabalho manual, conforme os dons dos acolhidos, era incentivado nas casas de acolhida. Irmãos e irmãs que tinham a habilidade artesanal faziam e, muitas vezes, ensinavam acolhidos e usuários da Toca de Assis a confeccionarem artesanato. No caso do artesanato confeccionado e vendido pelos usuários ou acolhidos, a renda podia destinar-se ou totalmente para o artesão, ou era dividida entre artesão e casa da Toca de Assis, ou ficava para a Toca de Assis. Contudo, geralmente, conforme averigui informalmente, a renda era revertida para alguma necessitada da Toca de Assis que, de forma direta ou indireta, pudesse beneficiar aquele artesão, assim como o todo dos atendidos pela Toca de Assis. Assim, por exemplo, a renda podia se reverter à reforma

de um banheiro, à compra de beliches, de comida, de material de higiene. Quase todo o artesanato que eu vi nas casas da Toca de Assis tinha caráter religioso: terços, crucifixos, símbolos da Toca de Assis expressos em diversas formas de artesanato, pequenos santuários.

Aqui podemos destacar três aspectos ligados à questão do ofício artesanal na Toca de Assis. Primeiro, o monetário. Mesmo que não sistematizado dentro de uma pauta organizacional econômica fixa – pois a racionalização financeira na Toca de Assis se reduzia ao mínimo possível, não havendo planejamento racional explícito – a Toca de Assis, mediante a prática de reverter, na maior parte das vezes, o ganho monetário com a venda de artesanato, inclusive o feito por assistidos, para necessidades coletivas, acabava por expressar uma mentalidade socializante do trabalho e de seus frutos, já que a lógica principal que se fazia presente não era a do lucro direto ao produtor, mas do lucro partilhado/revertido às necessidades gerais da coletividade ligada à casa toqueira. Isto demonstrava uma lógica inversa à preponderante nas relações de produção e trabalho apresentadas e vividas pela maior parte das sociedades atuais, de inspiração capitalista e neoliberal. A Toca de Assis, ainda que não sistematizada e racionalizada a questão, tinha uma prática, portanto, próxima à comunal em relação ao trabalho/capital. Portanto, conquanto não se fizesse uma crítica direta, verbalizada e racionalizada às relações econômicas e de organização da relação indivíduo/trabalho/lucro, a Toca de Assis vivia, de fato, micro contracultura econômica e social. E, de certa forma, induzia aos assistidos a também priorizarem uma lógica socializante na relação trabalho/lucro. Digo priorizavam, pois também havia casos em que o lucro do trabalho podia ir diretamente para o artesão, embora que, pelo que averigui, não fosse esta a regra.

Outra questão ligada ao artesanato era o tom religioso agregado a ele. Em meus contatos com a Toca de Assis, a maior parte do artesanato que encontrei tinha, ainda que de forma indireta, alguma ligação com mensagens religiosas. Também encontrei, contudo, no artesanato dos internos da Toca de Assis, cestos de jornal e porta-retratos, por exemplo. Mas eram exceções sem conotações religiosas. A maior parte do artesanato era explicitamente religioso/católico. O aprendizado de um trabalho prático como o do artesanato, portanto, não deixava de ser uma forma de catequização dos assistidos. Mesmo quem já sabia, antes de seu contato com a Toca de Assis, fazer artesanato, era incentivado a produzir artesanato religioso. O trabalho, portanto, tornava-se um meio de catequese, e, por outro lado, revelava que no universo da Toca de Assis não havia muito lugar para algo que não tivesse conotação, explícita ou implícita, religiosa, e católica. Outro fator a observar no artesanato toqueiro era a produção de peças que falavam da Toca de Assis, que carregavam seu logotipo, símbolos, mensagens. Os toqueiros expressavam assim a profunda importância que a auto-identidade, a ser afirmada por intermédio de diversos meios, tinha para a sustentação do grupo

e dos indivíduos ligados ao movimento. Era preciso, de diversas formas, visualizar, fazer patente e onipresente a imagem da Toca de Assis, sua identidade através dos símbolos oficiais e oficiosos.

Havia iniciativas mais inovadoras e arrojadas na Toca de Assis quanto à constituição de lares de acolhimento diferenciados e específicos. Uma delas era a da Missão Grande Mãe de Deus. A Missão Grande Mãe de Deus se situava em Embu/SP, em uma grande propriedade edificada e doada por uma empresária. A casa abrigava pessoas em situação de rua que desejavam mais explicitamente- ou eram escolhidas para tanto- uma recuperação material e espiritual de vida. Ou seja, era uma casa que recebia pessoas em situação de rua vindas de outras casas e Estados da federação e que queriam passar por um tratamento de recuperação de álcool ou drogas; que desejavam ter uma educação profissionalizante e que buscavam uma experiência de conversão mais aprofundada, no sentido de tornarem-se cristãos católicos atuantes na Igreja e superar, pelo contato com o divino, traumas e problemas passados. O projeto era, digamos, piloto, e estava em início e experiência. A intenção era a de que esta pudesse ser uma casa de referência quanto à reinserção de pessoas em situação de rua à sociedade, família, trabalho, educação e vida participativa na Igreja. Para tanto esta casa, especificamente, contaria parcerias com organizações civis e eclesiais que propiciariam cursos profissionalizantes; a filosofia dos doze passos para dependentes químicos; cursos de alfabetização; acompanhamento psicológico.

Porém, a missão precípua da casa parecia ser, como coroação da reinserção de pessoas ao mundo social e do trabalho, a experiência e conversão religiosa diferenciada. Os proto-candidatos à esta casa passavam por retiros, no sentido de aprofundarem sua decisão por Jesus Cristo e serem selecionados à casa, pois “haverá retiros ‘De volta aos braços do Pai’ em todas as regiões do Brasil para os irmãos acolhidos despertarem para a primeira experiência de oração e, a partir daí, dar início a uma vida espiritual e ao resgate dos sacramentos pela catequese, oficinas de oração e grupos de partilha” (REVISTA TOCA, nº 71, p. 7).

3.6 SIGNIFICADOS DE UMA AÇÃO RADICAL

Ter conferida uma identidade nova – e superior- que pudesse ser útil a alguém. Com o serviço aos pobres os jovens estavam ocupados, de fato, em um mundo sem utopias e projetos humanísticos ou ideológicos relevantes ou de grande influxo e visibilidade. Se sentiam úteis e ocupavam um tempo altruístico que, de outra forma, poderiam ocupar para projetos pessoais. Se, por um lado, a faixa etária juvenil não pode ser refém de tipologias e representações idealizadas que se constroem no sentido de uma classificação geral do que seja ser jovem, sem a percepção da diversidade que há entre diferentes modelos de juventude e de sensibilidades juvenis, por outro lado há quem veja um traço comum aos diversos tipos de juventude: “A efervescência vital, o

querer viver intensamente sem querer recusar o risco do ato heróico ou do anti-herói, do mostrar-se socialmente”, conforme identifica o sociólogo Carlos Espinheira (2006, p. 32). Conforme Galland (1997, p. 191-2), uma das características fortes no período juvenil, ainda que ele esteja a falar da força secularizada e da juventude agnóstica, é o humanismo e a solidariedade humana como pontos de contato com identificação de atitudes religiosas, ou espiritualizadas.

A Toca de Assis, como movimento que muito agregava os jovens, tinha neste ponto um veio atrativo forte do ponto de vista simbólico. Noto que os toqueiros e toqueiras eram jovens que, na Toca de Assis e em sua função do cuidado dispensada aos moradores de rua, adquiriam uma sensibilidade e maturidade grandes no que tange ao sentir o drama da miséria social e humana. Eram jovens de extrema sensibilidade quanto à compreensão empática da miséria e dos problemas das pessoas em situação de rua.

Poderiam, estes jovens, estar em uma ONG, nos Médicos Sem Fronteiras, na Cruz Vermelha, em um trabalho de solidariedade anônimo. Porém, o ser percebido pelos outros como fazendo parte de uma identidade e ação crística tinha certamente outro poder para o jovem cristão, conforme assume uma toqueira ao dizer que é “uma alegria muito grande fazer parte da Fraternidade, e de ser, pelo menos um pouquinho, Jesus para os irmãos que sofrem” (REVISTA MUNDO E MISSÃO, 2005, p. 25).

Mais uma vez: o contato com os pobres era justificado por causa de Jesus. “É por causa Dele que entramos em comunhão com os mais sofredores, os mais necessitados”, dizia o Pe. Roberto (REVISTA TOCA, nº 28, p. 12). Ou seja, uma sensibilidade social provocada por um mandato e uma identificação com o Jesus sofredor, e não identificada com os pobres em si. A solidariedade da Toca de Assis com a população em situação de rua era, na verdade, a solidariedade com Jesus, implícito nesta população. Tratar das chagas dos pobres era tratar das chagas de Jesus, literalmente. Na teologia da Paixão, conforme nos informa Azzi (1993, p. 123), o Jesus sofredor é considerado como um aliado, companheiro no sofrimento dos pobres e de todos aqueles que, voluntária ou involuntariamente, sofrem. E assim também era na Toca de Assis, não de forma simbólica, mas literal.

Ser um Cristo para o Cristo sofrido. Bendita dialética que tanto confere um caráter especial aos toqueiros: o de serem, a um tempo, solidários para com Jesus sendo, paradoxalmente, eles mesmos Jesus – ou mensageiros dele – para o Jesus sofredor. Difícil de entender? O toqueiro, assim, se aproximava do místico altruísta de Weber, mas um místico cuja referência estaria radicalmente em Jesus. Afinal “o místico benevolente dá a sua camisa quando qualquer pessoa que lhe cruza o caminho acidentalmente lhe pede o paletó – e simplesmente porque lhe cruza o caminho (...) é uma dedicação (...) não pelo homem, mas pela devoção simplesmente” (WEBER,

2002, p. 232). Dedicção não pelo homem, mas pela devoção, destaque. Por Cristo, com Cristo, em Cristo.

Parece já estar bastante claro a quem se dirigia o trabalho social da Toca de Assis: a Jesus através dos mais pobres dentre os pobres, assim considerados pelos toqueiros. Entrementes não poucas vezes eu me perguntei: como adolescentes e jovens que, a maior parte, nunca haviam tido contato com pessoas adultas em situações de miséria, abandono e doenças expostas, conseguem ter energias para um dia a dia de muito andar, muito cuidar de outrem, muito sacrificar-se na capela, rua ou casas de acolhida; superação à náusea involuntária ao cuidar de feridas purulentas; jeito para conviver com adultos que, muitas vezes, são dependentes químicos e portadores de dramas humanos e modo de vida, acarretado por tais dramas, que são desafiadores até mesmo para profissionais experimentados nas áreas do serviço social e da psiquiatria? Jovens como um toqueiro que confessava: “Como é que eu um dia podia imaginar eu cuidando de pobre, nunca!”. Sim, porque, para a maioria dos toqueiros, não foram os pobres, as pessoas em situação de rua, que os atraíram para adentrar à Toca de Assis. Mas o ideal, o carisma do Pe. Roberto, a entrega de vida radical a Jesus Cristo. Claro, a isto tudo está agregado, intrinsecamente, o serviço aos pobres, como distintivo do carisma toqueiro. Mas, como diz a sabedoria popular: a teoria, na prática, é outra.

“Às vezes eu não tenho toda a técnica para fazer aquele curativo, mas o amor que é dado naquele curativo acaba curando”, revelava um irmão toqueiro. E testemunhava alegre que, em Campinas, tratava muitas pessoas com escária, e, quando por vezes levava as tais a um hospital, os médicos perguntavam em que clínica os toqueiros estavam levando os acolhidos, tal era a eficiência no fechamento e cura de escárias. A resposta do irmão: “Sabe por que está curando? Porque na nossa casa mora o santíssimo sacramento, então ele tem o poder maravilhoso de curar”. Pronto, estava sanada minha dúvida. Onde vem a força para cuidar de Jesus sofredor senão do próprio Jesus sofredor? “Quem como Deus?”, como diz o mote do arcanjo Miguel, anjo particularmente reverenciado na Toca de Assis e mote conhecido de todos os toqueiros. É o próprio Deus quem possibilitava cura onde não havia técnica; força onde havia cansaço; superação onde existiam dificuldades; compaixão onde havia náuseas; sabedoria onde faltava experiência. Sem a adoração a Jesus eucarístico, sem uma profunda adoração a ele seria impossível ao jovem toqueiro conviver com os pobres, tocá-los, curá-los, amá-los, entregar-se a eles. “Sem a santa missa todos os dias não podemos fazer aquilo que a gente faz”, informava um toqueiro.

Muitos jovens atestavam que, no início, ter contato com a população em situação de rua e com os acolhidos era uma experiência difícil, mesmo repugnante. Porém, o que os motivava a superar o medo e a repugnância era, conforme um toqueiro, “pensar que cuidando daquelas feridas você vai estar cuidando das chagas do Nosso Senhor”. Está aqui a dialética significação do porquê e do como podiam cuidar de

quem cuidavam. Se os toqueiros superavam a náusea e a falta de experiência e técnica é porque valia qualquer sacrifício para aliviar a dor de Jesus no dor dos pobres; e se o sacrifício para tanto era possível, era porque o próprio Jesus possibilitava ao toqueiro, a ele unido em adoração e vivência eucarística, fazê-lo. “Se a gente não comungar com o Senhor na santa missa, não conversar com ele, nós não vamos ter paciência pra cuidar dos pobres, aí nós vamos cuidar deles somente como uma forma social”, afirmava um toqueiro, a revelar mais um dado, já comentado: a diferença entre o cuidado através do espectro religioso, ao pobre, e o cuidado meramente social. Ou seja, o cuidado “somente” social seria mesmo possível ao toqueiro, mas sem a explícita motivação religiosa, o mesmo era tido como cuidado sem paciência, sem amor. Era cuidado apenas técnico, profissional.

Ainda outro significado, ligado, como de costume, à explícita questão religiosa, se fazia presente pelo trabalho toqueiro com a população em situação de rua: o de, através da performance e do poder simbólico desta ação social, chamar a atenção dos transeuntes para Jesus e para a Igreja. Um irmão revelava um pouco desta lógica:

Quantas vezes a gente, na Praça da Sé, fazendo a barba, cuidando das feridas dos irmãos, a gente olhava pra trás e tinha uma multidão vendo, chorando, até evangélicos que chegavam e diziam ‘Puxa vida, a Igreja Católica é a única Igreja de Cristo mesmo’. Se convertiam ali. Eu já vi isso, não foi ninguém que me contou não. Outras pessoas que vendo nosso serviço se convertiam ali, procuravam a missa, confessavam, procuravam a Igreja.

O trabalho da Toca de Assis nas ruas carregava consigo um apelo, e porque não dizer um constrangimento silencioso: reconhecer a santidade e legitimidade católica mediante este trabalho. Ao observarem jovens, com hábito, tonsura ou véu – qual novos São Franciscos e Santas Claras- tão desprendidos e altruístas, cuidando dos mais excluídos, tal visão tocava as pessoas em seus imaginários tradicionais de Igreja e vida religiosa, em um apelo para que, pela cena testemunhada, reconhecessem a Igreja Católica como legítima ou buscassem reaproximar-se de Deus. O trabalho social da Toca de Assis, assim, ganhava um significado, mais uma vez, que o transcendia. E o veio social e simbólico, na ação da Igreja e de seus membros, era realçado enquanto ponto nevrálgico que acionava a identidade e a legitimidade católica nas mentes, e a reaproximação a Deus para os corações. O serviço social na Toca de Assis afigurava-se, assim, como um testemunho católico que levava à conversão daqueles que o presenciavam.

3.7 AÇÃO SOCIAL E CATEQUESE

A Toca de Assis, em seu serviço social, particularmente naquele oferecido às pessoas abrigadas, também dimensionava a catequese ou evangelização. Nisto ela não fogia à regra quanto a algumas outras ações pastorais sociais praticadas pela

Igreja Católica e por Igrejas evangélicas. Como, por exemplo, a da Igreja Universal do Reino de Deus em seus trabalhos assistenciais, relatada por Giumbelli (2003, p. 89), a Toca de Assis, em sua dimensão assistencial, apontava que o espaço do social – da assistência aos sofredores – estaria ligado à presença redentora de Jesus Cristo neles e para eles, em ação cristianizadora no espaço da rua habitado pelos desvalidos.

Mas neste intercâmbio entre o Jesus Cristo que é oferecido ao pobre e o Jesus Cristo que é reconhecido no pobre, vale, agora, destacar aquele primeiro. Ir. Patrus, de Uberaba/MG, em entrevista ao JCTV da Rede Vida (29/09/06), fundamentava a ação social da Toca de Assis da seguinte forma: “Queremos integrar essas pessoas à sociedade e o nosso objetivo maior, que é levá-las a Deus”. Ou, conforme revelava outro toqueiro:

Levar os irmãos [acolhidos] a Cristo é o fundamento maior. Se não, não teria sentido se eu não levasse uma alma a Cristo. É como se cuidasse de porcos: encher barriga, engordar. Eles não são porcos. Têm uma alma que precisa ouvir a Deus, que não conhecem. E se conheciam há a necessidade de limpar os seus corações para que voltem a ver a Deus.

Já foi dito: o trabalho social da Toca de Assis transcendia ao meramente social. Aliás, causava horror a um toqueiro referir-se à sua ação social como puramente social. Portanto, a ação social da Toca de Assis não se resumia ao pão, mas ía ao espírito, à palavra de Deus. Fazer Deus conhecido dos sofredores de rua, ou apresentá-los o verdadeiro Deus e seus significados: eis a missão final da Toca de Assis, o coroamento de seus esforços, aquilo que mais dignidade dava ao excluído, isto é, tirá-lo da exclusão maior, a exclusão do conhecimento de Deus.

Geralmente, na Pastoral de Rua, não havia uma catequese ou evangelização mais explícita. Claro, falava-se de Deus, mas sem acentos mais doutrinários ou conversionistas. Era nas casas de acolhida que o ambiente mais explicitamente religioso e de convivência entre irmãos e acolhidos se mostrava mais propício para uma ação evangelizadora ou catequética. Contudo, vale frisar: não era feita, tal ação, de forma coercitiva, obrigatória aos residentes. Ao contrário, havia liberdade quanto às atividades religiosas. Porém o convite à participação em atividades religiosas, e a oportunidade de catequese, eram oferecidas. Conquanto a “necessidade” da doutrinação pudesse ser concebida como prioritária para os abrigados: “Numa das partilhas com o nosso guardião, Irmão Cassius, foram colocadas as necessidades dos moradores da casa, e nenhuma obteve maior urgência do que a catequese. Que mais belo presente se poderia dar a um irmão acolhido a não ser a consciência de que ele mora com Deus?” (REVISTA TOCA, nº 59, p. 7). Ora, se Jesus na eucaristia é o maior bem do toqueiro, sua razão de ali estar, era natural que também percebessem a eucaristia como o maior bem que podiam disponibilizar aos acolhidos, mais ainda que a cura física, o teto e a comida. Assim, espiritualizava-se, mais uma vez, a questão da ação social, pois a inclusão final

e perfeita era a inclusão no reino de Deus, assim que se devia “dar oportunidade aos catequizandos de receber os sacramentos da santa Igreja, mostrando-lhes que esta é a mais extraordinária forma de inclusão” (REVISTA TOCA, nº 59, p. 7).

Embora a catequese fosse de frequência livre para os abrigados, ela se dava, de certa forma, compulsoriamente, pois em muitas casas de acolhida, como a Irmão Sol Eucarístico, rezavam-se terços – com participação ativa, passiva ou indiferente dos acolhidos – nas horas das três grandes refeições: café da manhã, almoço, jantar, ou seja, em momentos estratégicos em que os acolhidos, de uma forma ou de outra, se faziam presentes em um mesmo ambiente para suprir as necessidades básicas, ou seja, alimentares. Dava-se junto à comida carnal a comida espiritual, como antepasto ou sobremesa, como tempero ou, para alguns, destempero. A presença dos acolhidos era “livre”, mas um toqueiro me dizia que “procuro levar eles a este mistério, pois mais que salvar o corpo deles, a gente tem que salvar a alma”. Segundo o mesmo irmão, “nós convidamos e pela ação do Espírito Santo 99% deles sentem o desejo de fazer a catequese”.

Como já denotado acima, a Toca de Assis colhia frutos de sua catequizaçãocom os acolhidos. Em certa altura, quinze acolhidos fizeram, de uma vez, o batismo, primeira eucaristia e crisma, em Osasco/SP (REVISTA TOCA, n. 40, p. 5). Na casa de acolhidos Irmão Sol Eucarístico de Madureira havia abrigados que adoravam o sacramento eucarístico, revezando-se com os toqueiros nesta tarefa. Em Madureira eram 12 estes acolhidos. Em 2008 a Toca de Assis realizou o primeiro retiro para os acolhidos, entre os dias 24 a 26 de janeiro, em Piracicaba/SP. O tema do retiro foi “De volta aos braços do Pai” e reuniu cerca de 200 acolhidos de 18 casas fraternas do Estado de São Paulo. Alguns acolhidos testemunhavam, em edições da revista *Toca para a Igreja*, não só o amor dos toqueiros por eles como mudanças de vida atreladas à descoberta de Jesus: “Hoje, na Toca, posso ver o verdadeiro sentido da vida que é Jesus” (REVISTA TOCA, nº 13, p. 14). Alguns acolhidos a mais tempo chegavam a ter uma identificação tão grande com a Toca de Assis, e a Toca de Assis com eles, que chegavam a ter alguns privilégios, como comemoração especial de aniversário, às vezes com a presença do Pe. Roberto.

Atrelando à ação social, explícita ou implicitamente, a evangelização das almas, e a colocando como ápice da ação social que, de certa forma, seria meio para ela, se fazia legítima a crítica feita por profissionais de ação social ligados a projetos civis e públicos, ao denunciarem os grupos religiosos de privilegiarem práticas corporativas e personalistas (e proselitistas?) na ação social por eles gerada, o que implicaria um distanciamento quanto a uma ação social que se quisesse democrática na sociedade (NETO, 2005, p. 34). Isto é, a ação social em favor de outrem parecia passar, sempre, por motivações e interesses outros, ocultos ou não, que barganhavam, ou gostariam de barganhar, a salvação do corpo através, e por causa, da salvação da alma.

CONCLUSÃO

Uma filosofia pode agitar uns cérebros enquanto analisa. Uma religião, enquanto polariza, é uma “fábrica de identidade e, por isso, de dissensão”, de distinção entre *nós* e *eles*, de hereges que condenamos ao fogo dos infernos, ao passo que uma filosofia “não tem inimigos nem geografia”. Deve ser por isso que os filósofos debatem e os religiosos cantam.⁴⁸

A tentação de muitas definições precisas e concisas passaram por minha mente a partir de minha observação na Toca de Assis. O leitor sabe: cedi a algumas tentações. Mesmo logo nos parágrafos acima podem flagrar este meu pecado. A tentação, por exemplo, de classificar a Toca de Assis no gradiente dos movimentos milenaristas era uma possibilidade de análise, pois, como é sabido, Turner (1974, p. 136) atribui a estas características como: homogeneidade, igualdade, ausência de propriedade, vestuário uniforme, castidade, humildade, descuido com vaidades, obediência total ao líder ou instituição, altruísmo, radicalismo religioso, suspensão dos direitos de parentesco, aceitação da dor e sofrimento, fala simples, loucura sagrada. Ou se ainda agregássemos, a tal tentação, a feliz definição de Joaquim Costa (2006, p. 106), de que os novos movimentos eclesiais católicos de corte retraditionalizantes são uma espécie de “refundação da Igreja na Igreja, sendo esta uma via obrigatória e um obstáculo”?

Fico, porém, com uma “definição” que tomo de empréstimo, com muita reverência, de Peter Berger, e que o leitor atento deve ter percebido na leitura desta obra: a do dossel sagrado. Sua necessidade e busca no contexto societário (pós) moderno – por ele influenciado e contra ele, a um tempo-, inclusive como resposta à própria Igreja. Lembro da imagem – foto – estampada na capa do livro de Peter Berger,⁴⁹ o portal de uma igreja medieval, em sua miríade de imagens e símbolos compondo um universo encantado, acima da cabeça do crente, pairando sobre ele e lhe apontando a estrutura divina do universo, sua origem, redenção e escatologia. A Toca de Assis também foi, para mim, um portal desses, figurando dossel sagrado. E nela vi a busca da (re) constituição do mesmo.

48 COSTA, Joaquim, *O Deus individual e o Demônio colectivo*, p. 5 (citando Régis Debray em seu artigo *Du dialogue interreligieux*, na revista *Le Monde des Religions*, nº 29, p. 19).

49 *O Dossel Sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo : Paulus, 2004. 5ª edição.

CONCLUSÃO

Como ficou claro, a intenção não era, no presente livro, a análise exaustiva sobre a Toca de Assis, mas revelar um panorama geral – que, sem dúvida, deixou de fora diversos aspectos- sobre sua história, espiritualidade e atuação, particularmente no recorte histórico da segunda metade da primeira década do terceiro milênio, altura de sua pujança e presença mais visível na Igreja. Como também ficou evidente, a análise privilegiou o olhar das ciências humanas e sociais, particularmente da sociologia e antropologia da religião. Portanto, aqui se teve obra também limitada por tais olhares.

Mas eu gostaria, ao finalizar as presentes linhas, de lançar ainda um outro olhar sobre a Toca de Assis. Não mais um olhar academicamente informado, mas de inspiração existencial, por assim dizer. Pessoalmente considero a Toca de Assis, particularmente em seu rosto de intervenção social – mas não só – uma importante instituição no mosaico multicolor e plurisemântico da Igreja.

Conheci a Toca de Assis no Rio de Janeiro, cidade cosmopolita, plural. Mas, por mais contrastes e ecletismos que a cidade ofereça, sempre ela nos surpreende com novos inusitados fatos. Certo dia, andando no centro da cidade, entre o moderno e o antigo que ele expressa, de repente me deparei diante do medieval – foi esta a minha primeira impressão – ao ver aqueles frades que não reconheci como franciscanos. Descalços, hábito surrado, tonsura, barbas ralas, sentados no meio fio, conversando com os “leprosos” atuais. Na Europa eu havia conhecido a arquitetura e sentido o ambiente do medievo. Mas, em pleno centro do Rio de Janeiro, lá estava eu diante do que considerava uma cena medieval viva, através da aparência daqueles jovens. E não era teatro! Este foi meu primeiro impacto: quem são estes? O que querem? Como vivem?

Mas não foi só o hábito e tonsura ao estilo medieval, e a juventude que os revelava, que chamou minha atenção para pesquisar e escrever sobre a Toca de Assis. Foi muito, também, o trabalho a que aqueles jovens se dedicavam, realizado junto às pessoas em situação de rua, vulgo “mendigos”. Sempre me incomodou demasiado – incômodo em vários sentidos – ver pessoas em situação de rua. Pessoas sem família, ou abandonadas por elas; sem referências, sem lar, sem casa, sem conforto; sem o mínimo para o atendimento de necessidades elementares de higiene, de auto-estima, dignidade; sem saúde; muitas dependentes químicas; sem roupas, trabalho, formação; sem noção, sem nação, sem identidade; em riscos de violência e morte; pessoas que, enfim, nem como números entram no censo da existência como pessoas, quanto mais como cidadãos brasileiros. A existência – sim, eles existem, apesar de a maioria não contar nos números oficiais e no afeto de outrem-, digo, a existência de tais párias sempre tocou minha sensibilidade, embora eu mesmo tenha dificuldade ou falta de coragem e altruísmo em oferecer algo de concreto para ajudar tais pessoas e minimizar ou buscar a superação de seus sofrimentos e exclusão.

Portanto, a dedicação da Toca de Assis a esta gama de gente sem nome e sem rosto foi fator, sem dúvida, de uma identificação minha para com a Toca de Assis. De certa forma, os toqueiros não deixam de ser, por algumas características, um *alter ego* meu, um eu que nunca serei ou realizarei, mas que vive dentro de mim de forma latente, idealizado ou sentimental. Por isso, quando vi, sim, vi, de certa forma, aqueles novos “São Franciscos” – e cá estou eu a dar, também, minha primeira impressão sobre eles, e a primeira impressão ninguém esquece-, eu pensei: “aí está algo que me toca e que me impele à atenção”.

O que era (é) a Toca de Assis? Quem eram (são) os toqueiros? O que os movia (move)? Que identidade buscavam (buscam) para si e para a Igreja? Que Igreja nascia (nasce) da Toca de Assis? O quanto possível tentei descortinar, aqui, um pouco do que era – e, por suposto, continua a ser- a Toca de Assis.

Quero, por último, revelar minha simpatia e respeito por esta instituição da Igreja, e agradecimento por todos os toqueiros que comigo, de forma tão gentil, conversaram e me abriram as portas de suas casas e as janelas dos significados de seus símbolos de fé, esperança e caridade. A Toca de Assis, para além das explicações e compreensões sócio-antropológicas que se possa ter sobre ela, se afigurou e se afigura, para mim, em uma expressão do cristianismo católico que (re)descobre o sagrado nos mais pobres entre os pobres, e em um dos mais excelsos dogma católicos, a Eucaristia. Mas também para além do olhar da fé que se possa ter, algo se tornou e torna evidente e inegável, ao menos para mim: a Toca de Assis era (é) amiga dos mais excluídos entre os excluídos, e seu serviço a eles é de uma coragem e beleza sagradas.

REFERÊNCIAS

Deve-se ler pouco e reler muito. Há uns poucos livros totais, três ou quatro, que nos salvam ou que nos perdem. É preciso relê-los, sempre e sempre, com obtusa pertinácia. E, no entanto, o leitor se desgasta, se esvai, em milhares de livros mais áridos do que três desertos.

Nelson Rodrigues

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Distinções no campo de estudos da religião e da história. In: GUERRIERO, Silas. (org.). *O Estudo das Religiões: Desafios contemporâneos*. São Paulo: Paulinas, p. 57-68, 2003.

AZEVEDO, Thales de. *O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social*. Salvador: EDUFBA, 2002.

AZZI, Riolando. *A Igreja Católica na formação da sociedade brasileira*. Aparecida: Santuário, 2008.

AZZI, Riolando. A paixão de Cristo na tradição luso-brasileira. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, Vozes, v. 53, nº 209, p. 114-149, 1993.

AZZI, Riolando. *Do bom Jesus sofredor ao Cristo libertador*. Brasília: Rumos, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Revista Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, ISER, nº 21(1), p. 9-23, 2001.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado*. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 2004.

BERGER, Peter; BERGER, Brigitte. O que é uma instituição social? In: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza (Org.). *Sociologia e Sociedade*. Rio de Janeiro: LTC, 23ª Tiragem. p. 163-168, 2002.

- BERGER, Peter. *Um rumor de anjos*. A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BINGEMER, Maria Clara. A sedução do sagrado. In: CALIMAN, Cleto. (org.). *A sedução do sagrado*. O fenômeno religioso na virada do milênio. Petrópolis: Vozes, p. 79-115, 1998.
- BORGES, Célia. *A santidade como projeto*: a situação ambígua das beatas na Península Ibérica – séculos XVI a XVIII. Texto de Palestra no IX Simpósio da ABHR, Viçosa, maio de 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Ser católico: dimensões brasileiras – um estudo sobre a atribuição da identidade através da religião. In: *Brasil e EUA: Religião e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Graal, p. 27-58, 1988.
- CALDEIRA, Rodrigo Coppe. Domínios diferenciados e reflexos identitários: o pensamento católico “antimoderno” no Brasil. *Revista Horizonte*. Belo Horizonte, PUC, v. 2, nº 4, p. 97-111, 1/2004.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. A sociologia da religião de Danièle Hervieu-Léger: entre a memória e a emoção. In: TEIXEIRA, Faustino. (org.). *Sociologia da Religião: enfoques teóricos*. Petrópolis: Vozes, p. 249-270, 2003.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. Renovação Carismática Católica: entre a tradição e a modernidade. *Revista Rhema*. Juiz de Fora, vol. 7, nº 25, p. 45-56, 2001.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. Secularização e reencantamento: a emergência dos novos movimentos religiosos. *Revista BIB*, São Paulo, número 56, p. 55-69, 2003.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. Seria a caridade a “religião civil” dos brasileiros?. *Revista Praia Vermelha*. Rio de Janeiro, UFRJ/PPGSS, nº 12, p. 42-63, 2005.
- CARRANZA, Brenda. Catolicismo em movimento. *Revista Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, ISER, nº 24(1), p. 124-146, 2004.
- CARRANZA, Brenda. Lógica e desafios do contexto religioso contemporâneo. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, Fasc. 257, Vol. LXV, janeiro, p. 46-63, 2005.
- CARRANZA, Brenda. *Movimentos do catolicismo brasileiro*: cultura, mídia, instituição. Campinas: Unicamp, 2004.
- CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica*. Origens, mudanças e tendências. Aparecida: Santuário, 2000.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Joaquim. *O Deus Individual e o Demónio Colectivo*. Comunicação apresentada no X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Braga: Universidade do Minho, (Mimeo.). 5p., 2008.
- COSTA, Joaquim. Sentido da vida, desespero e transcendência. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*. Ano VI, nº 12, Lisboa, p. 1-22, 2007.
- COSTA, Joaquim. *Sociologia dos novos movimentos eclesiais: focolares, carismáticos e neocatecumenais em Braga*. Porto: Afrontamento, 2006.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulus, 2001.
- DURKHEIM, Émile. Suicídio altruísta. In: RODRIGUES, José. (org.). *Durkheim*. São Paulo: Ática, p. 111-116, 2004.
- EISENSTADT, Shmuel. *Fundamentalismo e modernidade*. Heterodoxia, utopismo e jacobinismo na constituição dos movimentos fundamentalistas. Oeiras: Celta, 1997.
- ESPINHEIRA, Carlos. A universalidade dos usos de drogas: o lugar das drogas na sociedade pós-moderna. In: SIQUEIRA, Domiciano (Org.). *Mal(dito) cidadão*. São Caetano do Sul: King Graf, p. 28-39, 2006.
- FERNANDES, António Teixeira. *Formas de vida religiosa na sociedade contemporânea*. Oeiras: Celta, 2001.
- FERNANDES, Marcos Aurélio. *Pensadores franciscanos*. Paisagens e sendas. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007.
- FERNANDES, Sílvia Regina Alves. *Vinho novo em odres velhos?* Uma análise da vida religiosa feminina na modernidade. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, UERJ, 1999.
- GALLAND, Olivier. *Sociologie de la jeunesse*. Paris: Armand Colin, 1997.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrolo: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GIUMBELLI, Emerson. Liberdade religiosa no Brasil contemporâneo: uma discussão a partir da Igreja Universal do Reino de Deus. *Revista Antropologia e direitos humanos*. Niterói, EdUFF, p. 75-95, 2003.

- GOMES, Francisco José Silva. A religião como objeto da história. *In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; HONORATO, Cezar. (orgs.). História & Religião*. Rio de Janeiro: FAPERJ; ANPUH; Mauad, p. 13-24, 2002.
- GOPEGUI, Juan. As figuras bíblicas do diabo e dos demônios em face da cultura moderna. *Revista Perspectiva Teológica*. São Paulo, ano 29, nº 79, set./dez., de 1997.
- GUERRIERO, Silas. Intolerância e relativismo: o dinamismo das novas religiões no Brasil. *Revista Estudos de Religião*. São Bernardo do Campo, UMESP, Ano XIX, nº 29, p. 37-55, 2005.
- GUERRIERO, Silas. *Novos movimentos religiosos*. O quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas/ PUC-SP, 2006.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. Catolicismo: a configuração da memória. *Revista Rever*. São Paulo, PUC, nº 2, p. 87-107, 2005.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *La religion pour memoire*. Paris: Cerf, 1993.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido*. A religião em movimento. Lisboa: Gradiva, 2005.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião?. *Revista Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 18/1, p. 31-48, 1997.
- LETTIERI, Roberto. *Jesus sacramentado, nosso Deus amado*. São Paulo: Palavra e Prece, 2002.
- LETTIERI, Roberto. *Sacramento da confissão, alegria da salvação*. São Paulo: Palavra e Prece, 2003.
- LEWGOY, Bernardo. Incluídos e letrados: reflexões sobre a vitalidade do espiritismo kardecista no Brasil atual. *In: TEIXEIRA, Faustino ; MENEZES, Renata. (org.). As religiões no Brasil*. Continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, p. 173-188, 2006.
- LIBÂNIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.
- LIBÂNIO, João Batista. O paradoxo do fenômeno religioso no início do milênio. *Revista Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, ano XXXIV, nº 92, jan./abr., p. 63-88, 2002.
- LIENHARDT, Godfrey. *Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

REFERÊNCIAS

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio*. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Lisboa: Relógio D'água, 1989.

LÖWY, Michael. *Redenção e utopia: o judaísmo libertário na Europa central*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MAFFESOLI, Michel. *A sombra de Dionísio*. São Paulo: Zouk, 2005.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos*. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MANZANARES, César Vidal. *Dicionário histórico do cristianismo*. Aparecida: Santuário, 2005.

MARIZ, Cecília Loreto; MELLO, Gláucia Buratto Rodrigues de. Insatisfações com a família e sociedades contemporâneas: uma comparação entre comunidades católicas e New Age. *Revista Estudos de Sociologia*. Recife, Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, vol. 13, nº 1, p. 49-75, 2007.

MARIZ, Cecília Loreto. A Renovação Carismática Católica. Uma igreja dentro da Igreja? *Revista Civitas*. Porto Alegre, PUC, v. 3, nº 1, p. 169-185, 2003.

MARIZ, Cecília Loreto. A sociologia da religião de Max Weber. In: TEIXEIRA, Faustino. (org.). *Sociologia da Religião: enfoques teóricos*. Petrópolis: Vozes, p. 67-93, 2003.

MARIZ, Cecília Loreto. *Catolicismo no Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade*. Mimeo. Rio de Janeiro, 18p., 2005. (em configuração pessoal para impressão).

MARIZ, Cecília Loreto. Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião. *Revista Tempo Social*. São Paulo, vol. 17, nº 2, 2005. Texto impresso em HTML, a partir do sítio do *SciELO*. p. 1-15 (numeração própria no modelo HTML).

MARIZ, Cecília Loreto. *Comunidades de vida no Espírito Santo: um novo modelo de família?* Rio de Janeiro. Texto mimeografado, 16p., 2006. (em configuração pessoal para impressão).

MARIZ, Cecília Loreto. Secularização e dessecularização: comentários a um texto de Peter Berger. *Revista Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, nº 21(1), p. 25-39, 2001.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória de sentimento. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Mauss*. São Paulo: Ática, p. 147-153, 1979.

- MAUSS, Marcel. A prece. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Mauss*. São Paulo: Ática, 1979. p. 102-146, 1979.
- MAUSS, Marcel. Categorias coletivas de pensamento e liberdade. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Mauss*. São Paulo: Ática, p. 154-158, 1979.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. A experiência religiosa e a institucionalização da religião. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, USP, nº 18(52), p. 29-46, 2004.
- MIRANDA, Júlia. *Carisma, sociedade e política*. Novas linguagens do religioso e do político. Rio de Janeiro: Relume Dumará, p. 46-57, 1999.
- MONTERO, Paula. Considerações a respeito da noção de identidade. *Revista Comunicações do ISER*, Rio de Janeiro, nº 26, p. 11-16, 1987.
- MONTERO, Paula. Religiões e dilema da sociedade brasileira. In: *O que ler na Ciência Social brasileira (1970-1995)*. Vol. 1 Antropologia. Brasília: Sumaré, ANPOCS, CAPES, p. 327-367, 1999.
- MUNDO E MISSÃO. Revista católica mensal. São Paulo, ano 12, nº 95, setembro, (reportagem “Fraternidade de Aliança Toca de Assis”), p. 24-26, 2000.
- NETO, Francisco Pereira. Assistência Social e Religião: participação política e inserção religiosa em perspectiva. *Revista Praia Vermelha*. Rio de Janeiro, UFRJ/PPGSS, nº 12, p. 14-41, 2005.
- NOVAES, Regina. Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. (org.). *As religiões no Brasil*. Continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, p. 135-160, 2006.
- OLIVEIRA, Eliane Martins. *O mergulho no Espírito de Deus*. Diálogos (im)possíveis entre Renovação Carismática Católica e a Nova Era na Comunidade de Vida no Espírito Canção Nova. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UERJ, 2003.
- OLIVEIRA, Eliane Martins. O mergulho no Espírito de Deus: interfaces entre o catolicismo carismático e a Nova Era. *Revista Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 24(1), p. 85-112, 2004.
- OLIVEIRA, José Barros de. *Psicologia da Religião*. Coimbra: Almedina, 2000.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. A teoria do trabalho religioso em Pierre Bourdieu. In: TEIXEIRA, Faustino. (org.). *Sociologia da Religião: enfoques teóricos*. Petrópolis: Vozes, p. 177-197, 2003.
- OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. O catolicismo: das CEB’s à RCC. *Revista Teoria e Sociedade*. Belo Horizonte, UFMG, número especial, maio, p. 123-135, 2003.

REFERÊNCIAS

- PEREZ, Léa Freitas. *Campo religioso em conflito! Mas que conflito é esse?*. Porto Alegre. Mimeo. 22p., 1996.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. Fundamentalismo e integrismo: os nomes e a coisa. *Revista USP*. São Paulo: USP, p. 144-156, 1992.
- PYE, Michael. Estudos da Religião na Europa: Estruturas e Projetos. *Revista Numen*, Juiz de Fora, nº 6, vol. 4, nº 1, p. 11-31, 2001.
- RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. Movimentos pentecostais, carismáticos e mística cristã: desafios teológicos e pastorais. *Revista Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, Ano XXVIII, nº 76, p. 339-364, 1996.
- RODRIGUES, Donizete. O reencantamento do mundo: modernidade, secularização e novos movimentos religiosos. In: RODRIGUES, Donizete. (org.). *Em nome de Deus*. A religião na sociedade contemporânea. Porto: Afrontamento, p. 41-52, 2004.
- SANCHIS, Pierre. A contribuição de Émile Durkheim. In: TEIXEIRA, Faustino. (org.). *Sociologia da Religião: enfoques teóricos*. Petrópolis: Vozes, p. 36-66, 2003.
- SANCHIS, Pierre. *As religiões dos brasileiros*. Belo Horizonte: p. 1-16, (mimeo.), 1988.
- SANCHIS, Pierre. Catolicismo, entre tradição e modernidades. *Revista Comunicações do ISER*. Rio de Janeiro, nº 44, Ano 12, p. 8-24, 1993.
- SANCHIS, Pierre. Inculturação? Da cultura à identidade, um itinerário político no campo religioso: o caso dos agentes de pastoral negros. *Revista Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, nº 20(2), p. 55-72, 1999.
- SANCHIS, Pierre. Religiões, religião... Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro. In: SANCHIS, Pierre. (org.). *Fiéis e cidadãos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 9-53, 2001.
- SANCHIS, Pierre. Uma identidade católica?. *Revista Comunicações do ISER*. Rio de Janeiro, ano 5, nº 22, nov., p. 5-16, 1986.
- SCHWIKART, Georg. *Dicionário ilustrado das religiões*. Aparecida: Santuário, 2001.
- SILVA E COSTA, Manuel. Religião e sociedade: a eficácia da religião e a religião da eficácia. In: RODRIGUES, Donizete. (org.). *Em nome de Deus*. A religião na sociedade contemporânea. Porto: Afrontamento, p. 121-134, 2004.
- SILVEIRA, Emerson José Sena da. Pluralidade católica: um esboço de novos e antigos estilos de crença e pertencimento. *Revista Sacrilegens*. Juiz de Fora, UFJF; PPCIR, nº 1, p. 139-158, 2003.

- SODRÉ, Olga. Globalização e pluralismo: guerra e violência ou paz e diálogo. In: PEREIRA, Mabel Salgado; SANTOS, Lyndon. (orgs.). *Religião e violência em tempos de globalização*. São Paulo: Paulinas, ABHR, 2004. p. 11-52, 2004.
- SOBRINHO, Lemuel Dourado Guerra. As influências da lógica mercadológica sobre as recentes transformações na Igreja Católica. *Revista Razão e Fé*. Pelotas/UCPEL, vol. 6, nº 1 e 2, dez., p. 105-128, 2004.
- STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- TEIXEIRA, Alfredo. *Entre o crepúsculo e a aurora*. Modernidade e religião. Lisboa: Edições universitárias lusófonas, 1997.
- TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwinglio Mota. *Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso*. A arte do possível. Aparecida: Santuário, 2008.
- TEIXEIRA, Faustino. Peter Berger e a religião. In: TEIXEIRA, Faustino. (org.). *Sociologia da Religião: enfoques teóricos*. Petrópolis: Vozes, p. 218-248, 2003.
- TOCA DEZ ANOS. Publicação especial de dez anos da Fraternidade Toca de Assis. Campinas, maio de 2005.
- TOCA PARA A IGREJA. Revista mensal da Fraternidade de Aliança Toca de Assis. Campinas, números correspondentes entre os anos de 2003 a 2008.
- TROELTSCH, Ernest. Igrejas e seitas. *Revista Religião e Sociedade*. vol. 14(3), p. 134-144, 1987.
- TURNER, Victor. *O processo ritual*. Estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VAINFAS, Ronaldo. *Ideologia e escravidão*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental*. Séculos VII a XIII. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Volume 1. Brasília: UnB. (Obs: os diferentes anos correspondem às edições consultadas em diferentes épocas e bibliotecas), 1989, 1991, 1994.
- WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Volume 2. Brasília: UnB, 2004.
- WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

SOBRE O AUTOR

Rodrigo Portella é professor no Departamento de Ciência da Religião da UFJF.